



BENEDITO NUNES DA COSTA

Um Nome



Uma Obra

Uma Vida e



MARIA NUNES DA COSTA MENK

BENEDITO NUNES DA COSTA

UM NOME, UMA VIDA E UMA OBRA

Colaboração:

MARIA AP. STIEVANO COSTA

Organização:

JEFFERSON BIAJONE

Ilustrações:

MAGNO ALMEIDA CUNHA

1º Edição

ITAPETININGA/SP

REGIONAL 2022



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Menk, Maria Nunes da Costa

Benedito Nunes da Costa : um nome, uma vida e uma obra / Maria Nunes da Costa Menk , Maria Aparecida Stievano Costa ; organização Jefferson Biajone.

-- Itapetininga, SP : Gráfica Regional, 2022.

ISBN 978-85-65703-50-5

1. Combatentes - Biografia 2. Costa, Benedito Nunes da, 1921-2010 3. Itapetininga (SP) - História 4. Memórias 5. Patriotismo - Brasil. I. Título.

22-111242

CDD-923.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Militares : Biografia 923.5

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Sumário

Nota de Introdução e Agradecimentos

Profa. Maria Nunes da Costa Menk	7
.....	8

Prefaciadores convidados

Profa. Maria Aparecida Stievano Costa	10
Prof. Dr. Jefferson Biajone	12

Prólogo

Em Memória de nossos Pais	13
---------------------------	----

Capítulo I

Menino e Moço da Chapada Grande

Genealogia	14
Os pais do Benedito Nunes da Costa	15
Nascido no Bairro da Chapada Grande	17
Costumes dos nossos antepassados	20
O tacho de cobre	20
Diversão preferida do Benedito: Baile da roça	21
O perigo nos divertimentos	23
Passatempo do Benedito: futebol	25
Cansaço ou preguiça	25
O coice no rosto	26
Benedito deixa sua terra natal	28

Capítulo II

Soldado da Liberdade e da Democracia

Sorteado para o Serviço Militar	30
O Brasil na Segunda Guerra Mundial	31
Itapetininga, Caçapava e Rio de Janeiro	35
A Foto da Irmã Caçula Luzia	35
O Curandeiro Atílio	36
Fé e Esperança de um Pai	38
Despedida da Família	40
Embarque da F.E.B. para a Itália	40
Uma viagem longa, lenta e cansativa	43
No Cais do Porto de Nápoles	45
A Tomada de Monte Castello	46
Uma bomba que caiu	51
Por ironia do destino	51
Um queijo em muito suspeito	51

Uma providencial visita em Alexandria	52
Uma amizade inesquecível	54
A Bênção do Papa Pio XII	54
A Aflição de um Pai	55
O Consolo de um amigo	56
A convocação de Benedito segundo Odila	57
Cartas de Amor em meio a uma guerra	58
A Foto da Irmã Lucinda	60
A Árvore Centenária	62
Benedito e Odila – Eternos Namorados	63
Regresso à Pátria e de volta à roça	63
Uma família de Combatentes	65
Alterações do Soldado Benedito Nunes da Costa	66

Capítulo III

Ex-Combatente da 2ª Guerra Mundial

O Cacho de Banana	68
Um presente da Itália para a irmã Caçula	68
Retorno à casa paterna e casamento	69
Canções de soldado para toda a vida	70
Homenagem a um herói	71
O Dia da Vitória e emoção ao falar da guerra	72
Lembranças de um Ex-Combatente	73
Benedito levou à Itália o seu maior bem	73

Capítulo IV

Marido, Pai e Chefe de Família

Um triste fato no bairro da Chapada Grande	76
Um susto no bairro da Chapada Grande	76
A perda da ponta do dedo médio	76
E os bailes depois do casamento?	78
O rapto do terceiro filho de Benedito e Odila	79
O passeio na cidade de Iperó	80
Fato ocorrido no Bairro de Santa Adelaide	81
Um fato desagradável	81
A Revista O Cruzeiro	83
Bairro do Espigão em Itapetininga	85
O porquê da escolha do Bairro do Espigão	88
A pesca interrompida	90
A pesca no poço do morcego	91
Waldomiro se muda para o Bairro do Espigão	92
Cinco irmãos no Bairro do Espigão	92
As Taperas	93

A fabricação de arapucas	94
A lavoura sobre a queimada	96
A lavoura de feijão: do cultivo à alimentação	98
Benedito e as variações do clima	99
Mutirão ou muxirão	100
Vaçoroca ou grotá	100
A nova residência no Bairro do Espigão	102
Um gesto de misericórdia	102
O cão adestrado	104
Benedito e a labuta diária no Sítio	105
A fumaça no céu	106
Passatempo de Benedito no bairro do Espigão	107
Benedito, torcedor do Santos e do Brasil	109
A primeira escola dos filhos de Benedito	109
A preocupação com o futuro dos filhos	110
Benedito admite um caseiro	111
Uma infância com histórias, lendas e contos	112
A Entrevista	114
Costumes outrora vividos	125
Odila e os desafios do dia a dia	128
Imagem que lembra uma história	130
Partes do monjolo movido à água	130
Monjolo movido com um pé	131
Do cultivo ao pó de café	132
Pilão manual	133
A iluminação	133
O fogão à lenha	133
Receita do sabão de cinza da Odila	135
O transporte da lenha	136
O transporte d'água	137
A lavagem das roupas	138
O poço	139
A vassoura-do-campo	140
Tradições imorredouras de Odila	140

Capítulo V

Um Nome, uma Vida e uma Obra

Os 61 anos de casados de Benedito e Odila	141
Setembro de 2007	141
Monumento aos Ex-Combatentes	142
A fase mais dura da vida do Benedito	142
A nova jornada de vida do Benedito	144
Memórias da guerra no limiar da vida	146
A roupa registra o passado das gerações	148

A família do Benedito Nunes da Costa	149
Netos e Bisnetos de Benedito Nunes da Costa	150
A última viagem de Benedito	153
Benedito faleceu aos 89 anos de vida	153
Homenagem Póstuma no Dia da Vitória	155
Homenagem Póstuma a Benedito e Odila	156
Um tempo para cada coisa	157
Referências		
Bibliográficas	158
Autoria		
Colaboração e Organização	159



Nota de Introdução

Profa. Maria Nunes da Costa Menk

Senhores leitores,

Escrever a trajetória de vida de Benedito Nunes da Costa, carinhosamente conhecido como Dito Ricardo, é voltar aos costumes vividos pelos nossos antepassados.

Trata-se da história verídica de uma pessoa que nasceu na zona rural, onde tudo era diferente dos grandes centros urbanos, e ainda participou da Segunda Guerra Mundial.

No mundo de hoje, com o avanço da tecnologia e com a capacidade criativa do homem, tudo mudou. E, mostrar para as crianças, para os adolescentes, sobretudo para a mocidade e mesmo para os mais velhos que não conhecem ou que podem até conhecer e gostariam de reviver os velhos costumes, torna-se fundamental como objetivo deste livro.

O livro ajudará as novas gerações a conhecer mais e a aprender com os velhos costumes.

Quem já os conhece vai ter a possibilidade de reviver essa história, e aqueles que não os conhecem, terão a oportunidade de ter contato com fotos antigas e atuais, documentos, ilustrações, textos informativos, depoimentos, informações biográficas, etc., para que possam conhecer as mudanças de vida de Benedito Nunes da Costa ao longo do tempo.

O importante é mostrar para as pessoas dos grandes centros urbanos como eram os costumes de antigamente, não importando a sua idade.

Deixo claro que, em algumas regiões, principalmente nos lugares mais afastados dos grandes centros urbanos, os avanços tecnológicos não impediram que esses costumes ainda perdurem.

A história do Benedito é a mesma vivida por milhões de brasileiros da zona rural, que desde cedo aprendem a lutar pela sua sobrevivência e pelos seus direitos de exercer a cidadania.

Todos os assuntos deste exemplar foram elaborados de acordo com a vida de Benedito Nunes da Costa e seus familiares, desde seu nascimento em 1921 na zona rural, sua passagem pelo Exército e em combate nos campos da Itália, sua vivência na dura lida agrícola e de criação, no cuidado de sua esposa Odila e na condução de sua família, até o seu último dia de vida terrena no dia 25 de setembro de 2010, em Itapetininga, São Paulo.

O objetivo deste livro é valorizar o esforço daqueles que vêm se empenhando em todos os tempos para melhorar as condições de vida de seus semelhantes.

A justificativa é aproveitar essa vivência tão diferente da pessoa que nasceu e viveu na zona rural muitos anos atrás (1921-2010) e compará-la com a vida atual. Isso porque é fundamental para que aqueles que não conhecem possam compreender as semelhanças, as diferenças e as transformações no

modo de vida social, cultural e econômico de sua comunidade, no presente, no passado mediante diferentes fontes históricas.

Desejamos ainda que este livro possa ser também encarado como uma ferramenta para professores, que poderão permitir que os alunos, observem o valor do estudo da história, assim como, sejam capazes de verificar que a mesma acontece todos os dias às vezes, com fatos que envolvem a nossa família apenas, mas que esses fatos têm consequências em uma relação social, comercial e geográfica.

Este livro não se trata de uma simples publicação, mas sim e em sua essência, de uma homenagem sincera ao saudoso ao cidadão Benedito Nunes da Costa, que não hesitou em trocar a enxada pelo fuzil e participar da Segunda Grande Guerra Mundial, enfrentando como verdadeiro soldado da Liberdade e da Democracia as duras encostas de Monte Castelo, enquanto companheiros seus tombavam alvejados na luta pela Vitória, que lhes sorriu, mas muito cara.

Regressou da Europa após a Guerra como o mesmo homem simples advindo do bairro da Chapada Grande e assim permaneceu sua vida trabalhando naquilo que sempre gostou: na lavoura.

E seguiu como agricultor, até o fim de sua vida.

Agradecimentos

Profa. Maria Nunes da Costa Menk



Foto. *Benedito e Odila: relicário de nosso amor e agradecimentos*

Agradecemos carinhosamente aos familiares e amigos de Benedito Nunes da Costa e de Odila de Oliveira Costa que nos forneceram importantes informações, fatos e esclareceram dúvidas. Sua participação foi fundamental para a publicação desta obra. São eles:

Ângelo Miranda Poles (genro)
Antonio José Menk (genro)
Dirceu Campos
Ivone Nunes da Costa Poles (filha)
Jahir Nunes da Costa (irmão)
Jefferson Biajone
João Batista da Costa (filho)
João Nunes Vieira (irmão)
Joel Nunes da Costa (filho)
José Aires da Costa (sobrinho)
José Benedito da Costa (sobrinho)
José de Almeida Ribeiro
José Eduardo Gomes Franco
José Luiz Nogueira
José Luiz Vieira Nunes (sobrinho)
José Nunes da Costa (irmão)
Josué de Camargo (genro)
Lucia de Fátima V. Nunes Camargo (sobrinha)
Lucinda de Oliveira Costa Camargo (filha)
Luzia Nunes da Costa Silva (irmã)
Magno Almeida Cunha
Marcos Vieira da Costa (genro)
Maria Aparecida da Costa (sobrinha)
Maria Aparecida Stievano Costa (nora)
Maria das Graças Santos Ricardo
Moacyr Nunes da Costa (irmão)
Paulo Soares Ricardo
Plínio Aires da Costa (sobrinho)
Regina Maria da Costa (filha)
Roberto Machado Ramos
Roberto Medeiros
Rosalina da Costa Ramos
Sandra Vieira de Lima Silva
Terezinha Flor da Costa (nora)
Terezinha Nunes da Costa (sobrinha)
Victório Nalesso (in memoriam)
Waldomiro Nunes da Costa (irmão)

Nosso carinho é destinado também aos demais familiares e amigos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização deste livro.

Prefaciadores Convidados

Maria Aparecida Stievano Costa

Foi com alegria que recebi o convite para prefaciar o livro ***Benedito Nunes da Costa: Um Nome, Uma Vida e Uma Obra*** (Regional, 2022).

A autora se esforçou para destacar acontecimentos que ocorreram durante a trajetória de vida terrena de seu pai Benedito Nunes da Costa, moço humilde da Chapada Grande, soldado do Exército, ex-combatente da Segunda Guerra Mundial na Itália, esposo, pai e cidadão brasileiro.

De humilde lavrador, tornou-se um dos heróis da tomada de Monte Castelo. Benedito deixou o cabo da enxada para pegar no fuzil e participar da Segunda Guerra Mundial, para defender o mundo dos horrores das forças Nazi-Fascismo, defendendo a liberdade em campos de batalha na Itália, sem saber se voltaria a pisar no solo brasileiro.

Em terras estranhas com coragem, determinação e heroísmo, representou a nossa pátria lutando pela Liberdade e pela Democracia.

Mas para além da guerra, a vida de Benedito Nunes da Costa foi sempre marcada por trabalho. Ainda desde pequeno sentia verdadeira atração pela vida na roça.

Das mãos calejadas não tinha vergonha, do cansaço nunca reclamou.

Benedito um menino cheio de proeza, mais muito trabalhador. Ele lutou em vida pelo futuro que almejava.

Ao lado dos pais e dos irmãos, viveu uma vida difícil, mas com otimismo, conseguiu enfrentar os desafios.

Por tantas outras qualidades, sem as quais seria impossível, alcançou a realização pessoal. Casou-se, construiu família.

Lavrador incansável, ele consumiu toda a sua vida dedicando-se àquilo que mais gostava - trabalhar na lavoura. Trabalhou até o fim de sua vida.

O tempo que convivi com ele foi o suficiente para conhecer suas qualidades.

Benedito, nosso herói, nos deixou a mais linda história de amor e exemplo.

A meu estimado sogro, Benedito Nunes da Costa, quem muito admirava, dedico este singelo acróstico:

Benedito cumpriu sua trajetória terrena
Esperança de vencer, sempre almejou
Nada impediu seus sonhos
Entre quedas e conquistas, foi vencedor
Dentre as muitas batalhas, a guerra enfrentou
Issso ficou marcado na memória do Ex-Combatente
Tempestades passou, mas essa marca nunca apagou
Operações de Guerra na Itália, foram desafios, mas não fraquejou



Na família, um suporte admirável
União, fé, trabalho, amor ...
Nem sempre bem sucedido, mas nunca esmorecido
Esteve sempre firme na devoção
Sem dúvida soube amar a Deus sobre todas as coisas

Da Bíblia, os ensinamentos seguiu
Apesar do pouco tempo que tinha

Cumpriu seu dever de pai ensinando os bons valores aos filhos
Odila, sua amada esposa, sempre respeitou
Saudades sentiu, quando ela partiu
Tudo caiu por terra, mas ele resistiu
Aí na vida eterna, descanse em paz herói gentil.



Prefaciadores Convidados

Prof. Dr. Jefferson Biajone

É com grata alegria e satisfação que por ocasião da celebração do Bicentenário da Independência do Brasil que trazemos a lume ***Benedito Nunes da Costa: Um Nome, Uma Vida e Uma Obra*** pela Gráfica Regional (2022), a quem agradecemos pela produção impressa em 1000 exemplares coloridos desta obra que constitui verdadeiro testemunho de fé, de luta, de desprendimento, de garra, de civismo, de cidadania, de patriotismo e de amor ao próximo e à natureza.

Benedito Nunes da Costa, menino e moço de sítio da Chapada Grande, o gentil cavaleiro com as moças, o sanfoneiro dos bailes, o soldado recruta convocado para prestação do Serviço Militar Inicial no Exército Brasileiro, voluntário para integrar o 1º Regimento de Infantaria (atual 1º BI Mtz Es) da Força Expedicionária Brasileira, soldado em operações de combate na Itália, tendo lutado em Monte Castello, sobrevivido Montese, bem como contribuído para a espetacular rendição da 148ª Divisão Alemã em Fornovo di Taro; ex-combatente da Segunda Guerra Mundial, excepcional marido, zeloso pai e extremado chefe de família, agricultor, produtor rural, proprietário de sítios e animais de criação e abate, pertinaz empreendedor, cidadão brasileiro ciente e consciente do seu papel na proteção do meio ambiente.

Tantas faces para um mesmo homem que as exerceu com humildade, caráter, dedicação, dignidade e civismo por quase noventa anos de vida, deixando como legado algo muito além dos bens materiais que amealhou em vida: O SEU EXEMPLO.

Senti-me honrado quando recebi de Maria Nunes da Costa Menk, sua filha, a missão de organizar esta obra para trazê-la publicada, tanto na versão impressa, quanto na versão digital.

No curso dos trabalhos empreendidos para ambos os fins, pude participar da revisão dos originais, das imagens e desenhos, do processo de diagramação da obra realizado na Gráfica Regional, bem como atuar nas pesquisas intermediadas pelo Portal dos Ex-Combatentes de Itapetininga para a revisão dos capítulos 2 e 3 que relatam as vivências de Benedito junto ao Exército Brasileiro e à Força Expedicionária Brasileira na Itália.

Em tudo que pude dele conhecer durante os trabalhos realizados para este livro vir a lume, sua personalidade simples de modesto, pacato, tímido e humilde cidadão itapetiningano foi o que mais despertou minha admiração. De fato, um homem que ao final da vida, repleto de memórias de uma longa existência, não deixou de se questionar até o derradeiro momento de sua vida: — *Será que eu matei alguém durante minha participação na guerra?*

Descanse, valoroso Benedito Nunes da Costa.

Você combateu o bom combate, concluiu sua bela jornada entre nós, soube guardar a sua preciosa fé e é digno merecedor da coroa da justiça, reservada àqueles que, como o senhor, amam a vinda de nosso Deus.

Prólogo

EM MEMÓRIA DE NOSSOS PAIS



Benedito Nunes da Costa
e
Odila de Oliveira Costa

Que nos ensinaram por primeiro a amar a Deus.
Foram nossos primeiros catequistas nos ensinando:
o sinal da Cruz, a oração do Pai-Nosso e da Ave Maria



Capítulo I.

Menino e Moço da Chapada Grande

Genealogia

Árvore genealógica de Benedito Nunes da Costa e de sua esposa Odila de Oliveira Costa

ODILA	BENEDITO
Avós Paternos Damião Barretti Josepha de Oliveira	Avós Paternos Ricardo Nunes da Costa Anna Maria de Ribeiro
Avós Maternos Richieri Barsotti Anna Manuela de Oliveira Leopoldina Maria Vieira	Avós Maternos Emilio Antônio de Campos Leopoldina Maria Vieira
Pais Eugênio de Oliveira Ernestina Barsotti de Oliveira	Pais Antônio Nunes da Costa Aurora Maria Vieira
Filha Odila de Oliveira	Filho Benedito Nunes da Costa

Ao casar-se com Benedito Nunes da Costa, Odila de Oliveira passou a assinar Odila de Oliveira Costa e da união conjugal do casal nasceram os seguintes filhos:

João Batista da Costa
Maria Nunes da Costa
Joel Nunes da Costa
Ivone Nunes da Costa
Lucinda de Oliveira Costa
Regina Maria da Costa

Uma observação interessante: Anna Manuela de Oliveira e Josepha de Oliveira, avós materna e paterna de Odila eram irmãs gêmeas.

Os Pais de Benedito Nunes da Costa

Os pais do Benedito Nunes da Costa se chamavam Antônio Nunes da Costa, conhecido como Tônico Ricardo e Aurora Maria Vieira.

Aurora do lar. Além dos afazeres de casa ela confeccionava roupa para a família as vezes ganhava uns trocados costurando para a vizinhança.

Tônico Ricardo tinha dupla profissão. Era lavrador e tropeiro. A principal atividade dele era o tropeirismo. A roça estava em segundo plano.

Tônico Ricardo nasceu no dia 01 de agosto de 1895, num sítio, situado, naquele tempo no chamado Bairro do Taboão, localizado nas proximidades do atual Bairro do Tabãozinho.

Desde criança Tônico Ricardo já tinha paixão pela via de tropeiro. Ainda jovem passou a dedicar-se a compra e venda de animais. Acompanhado de outros tropeiros iam ao sul do Brasil principalmente no Estado do Rio grande do Sul, na região de Vacarias, comprar tropas de burros para comercializar no Estado de São Paulo.

Os anos foram passando e Tônico Ricardo conheceu a jovem Aurora Maria Vieira por quem ele se apaixonou, namorou e contraiu núpcias.

Os recém-casados fixaram residência num sítio localizado no Bairro da Chapada Grande.

A residência era um antigo e amplo casarão de taipa.

O lugar escolhido pelo Tônico Ricardo para construir sua família foi justamente onde nasceram seus catorze filhos. Três faleceram ainda criança e onze ali nasceram, viveram a infância, a adolescência e a juventude. Só deixaram o seio familiar com o casamento.

Ainda adolescente, Benedito, terceiro dos onze irmãos, acompanhava seu pai com outros tropeiros, nas suas idas e vindas, transportando e comercializando caravanas de animais, sendo eles burros e mulas, do Rio Grande do Sul.

Benedito trabalhava tanto ajudando no transporte do animais, montado no lombo de uma mula, quando no preparo da refeição.

As viagens não se limitavam apenas de Itapetininga ao Rio Grande do sul e vice-versa. Assim que retornavam do sul era pouco o descanso e o convívio com a família. O mesmo acontecia com a tropa solta na internada para pastar.

Tônico já tinha a rota certa para vender os animais, sua fonte de renda. Saíam de Itapetininga, seguiam rumo a Piracicaba, Santa Bárbara D'Oeste, Rio Claro, Pirassununga, Porto Ferreira, Santa Cruz das Palmeiras, Santa Rita do Passa Quatro, Tambaú etc.

Vale lembrar que alguns anos se passaram e Benedito que não se acostumou a vida de estrada, deixou o tropeirismo para ingressar definitivamente na lavoura, que era o seu fascínio, pois desde criança ele já sabia lidar com a terra.

Benedito nos contava com detalhes como era a experiência no dia a dia de um tropeiro, nessa longa e cansativa viagem.

Eis algumas informações começando pela disposição da tropa.

A organização da tropa se dava da seguinte maneira:

– Na frente ia a mula madrinha, ela estava sempre enfeitada e levava um sino no pescoço, para guiar a tropa.

– Logo atrás a carga, que era transportada pelos chamados burros de carga, também conhecido popularmente como burro de traia.

Sobre o animal era colocada a cangalha, peça de madeira ou de couro para apoiar os cestos, os sacos, a bruaca (mala de couro cru para transportar objetos sobre as bestas), enfim peças estas utilizadas para transportar tudo o que o tropeiro usaria durante o longo trajeto percorrido.

Geralmente nas bruacas eles levavam uma trempe, um tripé, utensílios, produtos alimentícios como feijão, arroz, farinha, carne seca, açúcar, rapadura, paçoca de carne, pó de café, chimarrão, sal, e etc.

Cada tropeiro tinha sua bagagem individual e ele carregava na garupa do seu animal dentro de um saco de pano.

O dia a dia do tropeio era difícil. Começava antes do sol nascer.

No lombo do animal, o tropeiro tinha que estar atento, repontando a tropa para ela não se dispersar.

A tropa não tinha um número certo de animais. Variava de 50 a 750, dependendo do número de animais era o número de tropeiros.

A viagem era vagarosa para não cansar a tropa. Numa viagem normal, levava cerca de sessenta dias de Vacarias, Rio Grande do Sul a Itapetininga.

Era uma viagem lenta pelas picadas, estradas de terra, estradas barrentas ou poeirentas e muito estreitas. Atravessavam florestas, tribos de índios, cachoeiras, arraiais, etc. Nos rios onde não tinha ponte os animais passavam por dentro da água.

Enfrentavam nas caminhadas, variações de temperaturas. Às vezes sol ardente, outras vezes chuvas torrenciais ou baixa temperatura, mas não desanimavam pois foi a profissão escolhida e dependia dela para sua sobrevivência e da família.

O que preocupava os tropeiros eram as chuvas que poderiam molhar e estragar a bagagem, por isso todo o cuidado era pouco na hora de carregar a carga.

A tardinha, no por do sol, ao final da jornada, era hora de encontrar um pouso, um rancho ou casa abandonada, uma região já conhecida dos tropeiros. Tinha que ser um lugar seguro para evitar fuga e facilitar a vigia dos animais.

Muitas vezes, nas noites de verão, se o tempo estava bom, distante do pouso conhecido, com cobertura, estando tropa e tropeiros dominados pelo cansaço o jeito era improvisar um pouso no relento. E era as margens dos rios que os tropeiros pousavam para aproveitar a água tão pura e cristalina daquela época, para saciar a sede deles, dos animais e usá-las para cozinhar, tomar banho....

O improviso era constante. O arreio era transformado em cama. Debaixo de uma árvore a cela virava travesseiro, pelego e baixeiro em colchão. Ali eles e os animais pernoitavam, se alimentavam e descansavam.

Os tropeiros também se divertiam jogando truco, tocando, cantando etc.

Imaginem a coragem das gerações, dos tropeiros que andaram no lombo de animais e que chegaram a percorrer distâncias imagináveis.

Foram anos e anos dessa dura viagem e hoje só resta a história contada pelos filhos, netos e bisnetos do ex-tropeiro que foi muito bem lembrado pelo escritor Hehil Abuázar, no livro *Esperanças de Ontem* (1982), onde ele cita no item *Os Velhos Tropeiros – Boiadeiros de Itapetininga*, o nome de Antônio Nunes da Costa

Tonico Ricardo faleceu no dia 19/12/1975. Foi um homem exigente, linha dura. Criou seus onze filhos com muita dificuldade mas, com dignidade.

Nascido no Bairro da Chapada Grande

Benedito Nunes da Costa, carinhosamente conhecido como Dito Ricardo, nasceu no dia 26 de fevereiro de 1921, no Bairro da Chapada Grande, município de Itapetininga, São Paulo, onde passou boa parte de sua vida.

Filho de Antônio Nunes da Costa (Tonico Ricardo) e Aurora Maria Vieira. Benedito é o terceiro dos onze irmãos, sem contar os que faleceram ainda pequeninos. A seguir, os nomes dos irmãos na ordem de nascimento:

n.º	Nome	Data de Nascimento
1)	Euclides Nunes da Costa	27/08/1917
2)	José Nunes da Costa	26/11/1919
3)	Benedito Nunes da Costa	26/02/1921
4)	Maria da Costa Nunes	02/09/1925
5)	Lucinda Nunes da Costa Nalesso	29/08/1926
6)	Ana das Dores Costa Vieira	11/04/1930
7)	Moacyr Nunes da Costa	20/11/1932
8)	Waldomiro Nunes da Costa	29/10/1934
9)	João Nunes Vieira	15/05/1937
10)	Jahir Nunes da Costa	15/06/1938
11)	Luzia Nunes da Costa Silva	13/12/1941

Benedito estudou na Escola Mista do Bairro da Chapada Grande e sua primeira professora foi dona Escolástica. Foi um aluno levado.

De família humilde, Benedito e seus dois irmãos mais velhos Euclides e José, começaram a trabalhar na roça ainda quando eram crianças para ajudar os pais a manterem o sustento da família. Eles também juntavam forças para ajudar nos afazeres da casa, principalmente quando nascia um irmãozinho. Até as fraldas lavavam e isso era feito na água corrente do riacho próximo à casa deles. Naquele tempo eram usadas fraldas de pano.



Antônio Nunes da Costa (Tonico Ricardo) e D. Aurora Maria Vieira



Euclides
28/07/1917



José
26/11/2019



Benedito
26/02/1921



Maria
02/09/1925



Lucinda
20/08/1926



Ana das Dores
11/04/1930



Moacyr
20/11/1932



Waldomiro
29/10/1934



João
15/05/1937



Jahir
15/06/1938



Luzia
18/12/1941

Foi uma infância sofrida. Deixaram os brinquedos improvisados da infância para pegar no cabo da enxada e trabalhar de sol a sol no duro trabalho da roça com o suor correndo pelo corpo o dia todo, com o calor escaldante, suportando o cansaço sem lamentar.



Imagem. Casarão no Bairro da Chapada Grande onde Benedito Nunes da Costa e seus dez irmãos nasceram

Levantavam-se com os primeiros raios de sol, tomavam café, pegavam o picuá com o viradinho preparado pelo irmão José, as enxadas e seguiam pela trilha esburacada rumo à roça.

Passavam o dia inteirinho carpindo, arando, roçando, plantando.

Trabalhavam debaixo de sol, debaixo de chuva. Ali mesmo no meio do roçado é onde eles comiam o virado.

Mesmo com tudo o que eles passaram, tudo o que eles vivenciaram, nunca reclamaram contra a vida. O importante era trabalhar para ajudar a garantir a sobrevivência da família.

Benedito e seus irmãos cresceram trabalhando com os pés descalços. De tanto andar sem calçados, as solas dos pés eram tão grossas que eles pisavam em estrepes de brotos de sapés e nem machucavam os pés. Com o passar do tempo, compraram sapatos para passear. O problema era quando colocavam os sapatos, pois saíam bolhas de água no calcanhar e o jeito era tirar os sapatos e carrega-los nas mãos. Saíam com os sapatos nos pés e voltavam com os sapatos nas mãos.

Além dos pés, as mãos também eram grossas de tantos calos causados pelos cabos de madeira das ferramentas. O seu rosto era queimado de sol.

O seu cabelo era molhado pelo orvalho. Mesmo tendo as mãos calejadas pelo cabo da enxada, Benedito e seus irmãos jamais se envergonharam.

A viagem do Benedito da roça para os campos de batalha na Itália não mudou seu ideal: o gosto pela agricultura. Nunca deixou a dura vida da roça que começou desde sua infância. Não havia cansaço que conseguisse derrubá-lo. Era o prazer pela luta no campo.

Nesse longo tempo de vida terrena (1921–2010), Benedito usufruiu de tudo o que conquistou na roça com muita inteligência, com muito trabalho e, principalmente, com muita humildade.

Costume dos Nossos Antepassados

(por Jahir Nunes da Costa)

Quando nasceu Moacyr, o sétimo filho, Tônico Ricardo decidiu esperar para ver se nasciam mais alguns para então ir ao Cartório de Registro solicitar a certidão de nascimento coletiva dos filhos.

Enquanto isso, sabe o que ele fez? Para não se esquecer das datas de nascimento dos filhos, foi as escrevendo com um carvão em uma parede da cozinha ao lado do fogão à lenha.

A cada recém-nascido ele escrevia o nome, o dia, o mês e o ano. E assim ele foi fazendo conforme foram nascendo os filhos: Moacyr, Waldomiro, João e Jahir.

Assim que Jahir nasceu, Tônico foi ao Cartório de Registro em Itapetininga para registrar os quatro meninos.

Não foi fácil lá no Cartório de o Tônico lembrar todas as datas de nascimento, pois elas ficaram anotadas na parede do casarão de taipa onde moravam. Com paciência, o escrivão conseguiu concluir seu trabalho e Tônico retornou para casa com as certidões de nascimento em mãos.

O Tacho de Cobre

Benedito nos contava que na década de 30, o povo da zona rural, era privilegiado coma a terra que produzia plantas, ervas e arvores frutíferas, que produziam frutos segundo sua espécie, tudo oferecido pela mãe natureza, obra do criador, portanto eram nativas.

Naquele tempo a natureza ainda não havia sofrido perturbações pelo ser humano.

Onde quer que fosse, campo, grotta, restinga, à beira das estradas, era comum encontrar diferentes frutos como: juá, gabioba, goiaba, pitanga, ingá, araçá, ariticum etc.

Dentre esses frutos um deles, a goiaba era usada pela dona Aurora, mãe do Benedito para fazer goiabada, um dos doces tradicionais fabricado no fogão a lenha.

A produção de doces em tachos de cobre era uma tradição das donas de casa, com a Aurora não foi diferente.

Um dia, a tardinha, depois da produção de um tacho de goiabada, Aurora cansada com a lida da casa, da correria do dia, não lavou o tacho. Temendo que os filhos fossem mexer, ela levou e deixou num barraco que existia no meio do quintal.

Ela sabia que o zinabre, nome popular azinhavre, é uma camada tóxica esverdeada que se forma do metal resultante de oxidação. Diziam venenoso.

Aurora pensou que guardou o tacho de cobre num lugar seguro mas se enganou. Na manhã seguinte, o jovem Benedito, escondido, com uma colher na mão dirigiu-se ao barraco.

Mesmo vendo a superfície do tacho esverdeada ele foi raspando e comendo. Eles e os irmãos recebiam recomendações dos pais, mas não acreditou que ali estava o perigo.

Não demorou a sentir-se mal. Mesmo com dificuldades para andar e falar, devido o efeito danoso da substância, Benedito foi à procura da mãe para socorrê-lo.

Vendo o filho passando mal, ela logo imaginou:

– Ah! com certeza, ele foi raspar o tacho.

Como toda boa mãe ela gritou ao José, seu segundo filho:

– José traga leite o Benedito está sentindo-se mal.

Diante da situação crítica, devagarzinho ela conseguiu que o jovem engolisse o leite, ele estava com a boca travada. Ele lentamente reanimou.

A sabedoria do povo da zona rural era de dar inveja. Com pouco estudo ou mesmo sendo analfabeto, para quase tudo eles tinham solução.

Diversão preferida de Benedito: Baile da Roça

Benedito trabalhou muito na roça, mas também se divertiu muito, principalmente nas reuniões dançantes que aconteciam nos sítios do bairro onde ele morava e redondezas.

Os bailes populares eram comuns na zona rural nas décadas de 30. Na época, era um divertimento realizado com muito respeito. O único objetivo era o prazer de dançar.

Os bailes aconteciam em terreiros de chão batido, onde faziam uma cobertura com galhos verdes ou encerados, empalizados como diziam. Por isso, os bailes eram também conhecidos como *baile de barraca* por causa do tipo de cobertura.

Quando tinha baile marcado, o Benedito procurava realizar suas tarefas o mais cedo possível para se arrumar. Sua rotina era assim: tomava banho no riacho de água corrente, se barbeava, se alimentava, vestia a roupa menos surrada e botava o pé na estrada para ir ao baile. Muitas vezes procurava um atalho para encurtar a distância, pois tinha pressa. Queria chegar logo para aproveitar melhor aquele arrasta-pé.

De longe, o Benedito ouvia o som da sanfona de oito baixos e ele apertava ainda mais o passo para finalmente chegar. As pessoas estavam lá, olhando umas para as outras, e nada de começar o baile.

Mas, assim que o povo avistava o Benedito chegando, diziam:

— Olha o Dito chegando! Olha o Dito!



Imagem. *Benedito e seu conhecido gesto para convidar uma dama para dançar*

E, por incrível que pareça, o baile só começava quando o Benedito chegava. Ele entrava naquele empalizado todo animado e, com os dedos da mão direita, logo fazia um gesto convidando uma dama para dançar.

Diziam que era ele quem dava o pontapé inicial. Dançava tanto que levantava a poeira do chão batido do terreiro.

O baile começava no entardecer e ia até o dia clarear. E ele animava o baile. Nos bailes onde o Benedito estava a alegria predominava, não tinha lugar para tristeza.

Nos bailes, o Benedito se esquecia de tudo: cansaço, dores no corpo, dificuldades. O que ele queria era se divertir. Às vezes acontecia um fuzuê, mas logo era controlado. Quantas valsas, xotes e tantos outros ritmos rolaram debaixo daqueles empalizados.

Mas teve um dia que um fato assustou o Benedito em um daqueles bailes. Estava ele dançando com uma moça considerada boa de dança quando, de repente, o vestido dela enroscou na fivela da cinta do Benedito. Era uma cinta toda trabalhada e enfeitada com ganchos. E para se separarem foi uma luta.

O Benedito tinha medo do irmão da moça que tinha fama de valentão e lá estava o rapaz no meio do povo, tinha receio que houvesse um desentendimento com ele, o que poderia até mesmo acabar com o baile.

A moça dançava bem, mas era muito tímida. O Benedito precisava encostar nela para desenroscar o vestido da cinta, o que, para a época, era bem incomum, os casais mantinham distância uns dos outros.

E cada vez que ele se aproximava, ela dava uma arrancada para trás. Depois de várias tentativas, finalmente ele conseguiu se livrar do enroscado e respirou aliviado sem ter acontecido nenhum mal-entendido.

Durante todo o tempo de sufoco do Benedito com a dama enroscada na cinta não faltaram murmúrios daqueles que perceberam a situação e dele caçoavam.

Mas, como será que eles dançavam naquele tempo? Seria bem mais distantes ou um pouco mais agarradinhos?

O tempo se passou e o Benedito nunca se esqueceu dos bailes onde muito se divertiu. O tempo não apagou de sua mente as lembranças das madrugadas que passaram e não mais voltaram.

O perigo nos divertimentos

O pai do Benedito não só era agricultor como também era tropeiro. Na sua ausência, os três filhos mais velhos aprontavam umas e outras. Às vezes davam uma fugidinha para nadar em um perigoso córrego próximo à casa deles.

E foi em uma dessas fugidinhas que por pouco não se deram mal. Havia uma ponte sobre um ribeirão e, dentro dele, uma moita como se fosse uma ilha bem no meio do rio.

E para lá foram os três irmãos depois de seus afazeres. Da barranca, eles saltavam para dentro do rio e nadavam vestidos com ceroulas feitas pela própria mãe.

Repetiram os saltos várias vezes até que avistaram um senhor conhecido deles que vinha pela estrada e iria passar sobre a ponte. E que sorte ter acontecido isso! Eles correram para vestir suas roupas, afinal, tinham vergonha do vestuário que estavam usando para nadar.

O senhor chegou. Parou sobre a ponte e fitou os olhos dentro do rio cuja água já estava toda barrenta de tanto nadarem e fazerem bagunça. Aquele senhor olhou firmemente para os moleques e, apontando com o dedo para o rio, disse:

— Vocês olharam para a moita? Olha só do que vocês escaparam. Essa cobra poderia ter mordido vocês.

Era uma cobra enorme! Urutu, espécie de cobra venenosa que naquele momento estava saindo da água e subindo na moita do meio do rio. Sem perceber, estavam nadando com uma cobra venenosa.



Imagem. A cobra na moita no meio do rio

Benedito disse:

— Mas então era isso que tinha um negócio esquisito se mexendo dentro da água!

Nervosos e com medo, pediram ao senhor que não contasse para o pai deles sobre o ocorrido, já que ele era muito severo e, com certeza, iria repreendê-los severamente.

No final das contas, que sorte que aquele senhor observador e conselheiro apareceu para livrá-los desse perigo.

Passatempo do Benedito: Futebol

Os moradores do Bairro da Chapada Grande tinham o seu próprio time de futebol. O Benedito foi convidado e entrou para o time sem titubear, aceitou logo de cara. Ele participava das peladas para se divertir.

Eles treinavam nos momentos de folga e, com isso, foram adquirindo boa habilidade, o que os levou a jogar com times dos bairros vizinhos.



Foto. Da direita para a esquerda, o sétimo jogador é Benedito Nunes da Costa, na época com 17 anos de idade (1938)

Nos campos não havia arquibancadas, nem gramado. Era chão batido mesmo e pouquíssimos eram os torcedores. Quando o time ganhava, era uma festa no campo. Quando perdiam o jogo, os jogadores saíam chateados e, muitas vezes, ouviam os torcedores reclamando ou gritando:

— Perna de pau! Perna de pau!

Cansaço ou Preguiça

(narrado por José Nunes da Costa)

O pai do Benedito arrendava terras para plantio no Bairro da Lagoa Vermelha. Os três filhos mais velhos, Euclides, José e Benedito, eram encarregados de preparar a terra, plantar e colher.

Tinham três páreos de burros muito bons. Para ir do Bairro da Chapada Grande onde moravam até o Bairro Lagoa Vermelha, um trajeto de seis quilômetros mais ou menos, eles utilizavam uma carroça na qual levavam tudo que precisavam para usar nos animais e na plantação. Levavam tapa, freios, cordas, saco com sementes, ferramentas e virado.

Lá chegavam, descarregavam tudo, tiravam os cavalos da carroça e arriavam os burros para trabalhar, puxando o arado ou a carpideira, também chamada de capinadeira.

No final do dia eles tinham que tirar o animal do arado ou da carpideira para coloca-los na carroça e então carregar tudo novamente e retornar à casa.

O Benedito era muito trabalhador, mas, um dia, não se sabe o porquê, ficou olhando os irmãos trocar de arreo nos burros. Talvez estivesse muito cansado por trabalhar tanto.

O irmão mais velho, Euclides, disse:

— Dito, venha ajudar a arriar os burros e carregar a carroça.

O Benedito respondeu:

— Não vou.

Euclides falou:

— Se não ajudar, você vai voltar a pé.

Benedito retrucou:

— Não vou ajudar e vou voltar na carroça sim.

O Benedito não ajudou mesmo. Os irmãos fizeram tudo sozinhos, subiram na carroça e retornavam tranquilamente, achando que o Benedito já tinha voltado a pé. Em certa altura do trajeto, o Euclides olhou para trás e viu o Benedito sentadinho quietinho dentro da carroça. O que fez? Parou a carroça na mesma hora, desceu e tirou o Benedito de lá, fazendo com que ele caísse no chão batido daquele caminho.

Não dá nem para acreditar que isso aconteceu, já que o Euclides era um rapaz muito calmo, muito bom, gente de paz. O Benedito deve ter irritado muito o irmão para ele ter feito isso.

Agora o resto dessa história fica para a imaginação. Será que o Benedito reagiu já que era considerado um jovem que não levava desaforo para casa? Ou será que ele aceitou o troco que levou por não ter feito sua parte no trabalho da família aquele dia?

O Coice no rosto

Enquanto seu pai Tônico Ricardo viajava comprando e vendendo tropas, seu filho Benedito, se não o acompanhava nos momentos de folga do duro trabalho da lavoura, praticava suas traquinagens. Era um adolescente muito arteiro.

Em uma das ausências do Tônico, o Dito, como era chamado, aprontou uma daquelas que deixou toda a sua família assustada. Ele tinha o costume de sair correndo atrás de uma égua e pular na sua anca. Era como se ele fosse montar no animal de trás para frente, sendo que o normal é montar de um dos lados, para destros do lado esquerdo, utilizando o estribo, depois de o animal estar encilhado.

Havia uma égua parada cochilando.

De repente, surge o Dito correndo para saltar e montar nela. Aquela égua tomou um susto e deu um coice no Dito, que acertou seu rosto, abrindo um corte profundo e espirrando sangue para todo lado.



Imagem. Benedito leva um coice no rosto

Ao verem aquilo, assustados, os irmãos gritaram muito, e sua mãe foi correndo até o curral de gado. Ao ver seu filho todo ensanguentado, pediu aos dois filhos mais velhos que imediatamente arreassem um cavalo na charrete.

Com o cavalo a trote, a mãe Aurora e o filho Benedito foram à Itapetininga, e foi na farmácia do Senhor Valdomiro de Carvalho, situada à Rua Campos Sales, que ela pediu socorro.

Antes de cada viagem que fazia, viagens longas e demoradas, o pai do Benedito, Tônico Ricardo, por ser homem responsável, já deixava nessa farmácia um crédito aberto para a família em caso de emergência durante sua ausência.

O farmacêutico era de referência na cidade. Seu procedimento em um caso como esse era semelhante ao de um médico experiente. O Benedito teve um bom atendimento, logo se recuperou, mas ficou com uma cicatriz no rosto para o resto da vida.

Benedito deixa sua Terra Natal

(narrado por José Nunes da Costa)

Quando o Benedito tinha 22 anos, era um jovem de gênio forte e, às vezes, se desentendia com seu próprio pai. O relacionamento dos dois não era tão bom, era um tanto conturbado. Talvez ele não concordasse pelo fato de trabalhar tanto e ser seu pai quem cuidava das economias. Seu pai exigia muito dos filhos mais velhos.

Certo dia de sol quente, o Benedito e seu irmão José estavam carpindo, limpando o mato que crescia em um mandiocal, quando o Benedito parou, encostou-se no cabo da enxada e disse ao irmão:

— Qualquer dia você vai ficar capinando sozinho e eu vou embora.

José, seu irmão, respondeu:

— Você não vai nada.

Benedito retrucou:

— Vou sim!

Benedito tinha um cavalinho e pouco dinheiro. Ele disse ao irmão:

— Compre meu cavalinho. José pensou, pensou e acabou comprando o cavalinho.

No dia seguinte, ao romper da manhã, o Benedito se levantou e juntou tudo o que lhe pertencia. Era tão pouco que coube tudo dentro de um saco de pano e ainda sobrou espaço. Chamou seu pai e lhe pediu a benção, dizendo:

— Tônico, vou embora.

Era costume os três filhos mais velhos chamarem o pai de Tônico. Em seguida, retornou ao quarto onde ele e o irmão dormiam e disse:

— José, agora você vai ficar sozinho. José pensou consigo mesmo:

— Por que comprei o cavalinho!

Benedito partiu sem dizer para onde ia. No mesmo dia, chateados, o José e seu pai foram ao lenheiro medir e amontoar lenha para vender. O Tônico encostou na carroça e chorou como uma criança pela partida do filho. Ele era exigente, severo, mas era muito amoroso.

O tempo passou e em um dia chuvoso, sem que ninguém esperasse, o Benedito voltou. Chegou assobiando com o saco de roupa nas costas.

Movido de alegria e compaixão pela volta do filho, em recompensa, o Tônico empreitou um serviço e toda a renda obtida no final do trabalho foi doada aos dois filhos, Benedito e José, ambos solteiros. Queria agradá-los e reconhecer seu trabalho.

Benedito contou a eles que tinha ido trabalhar perto de Londrina, no Paraná, em uma fazenda onde o proprietário cultivava café. Da fazenda podia avistar a cidade de Londrina em sua fase de desenvolvimento. Seu patrão era um italiano e o trabalho era capinar o mato do cafezal, coroar para depois ter a colheita de panha de café.

A princípio, o italiano que não tinha filhos ficou com receio do jovem Benedito e fazia muitas perguntas a respeito de seus familiares. Mas logo

aceitou o novo camarada que era realmente muito trabalhador. E também muito comilão! Ele contava que a alimentação lá era farta e de boa qualidade.

Apesar do bom poder aquisitivo que possuía, o plantador de café, muitas vezes, ia capinar com o empregado Benedito e conversavam muito. Certo dia, enquanto capinava fatigado debaixo do sol escaldante, o Benedito perguntou ao patrão:

— Quantos pés de café um bom trabalhador consegue limpar durante um dia de serviço?

O italiano respondeu:

— Duzentos!

No dia seguinte, o Benedito limpou mais ou menos uns trezentos pés de café até as duas horas da tarde e logo foi contar ao patrão imaginando que ele o mandaria descansar.

Foi aí que aconteceu o contrário. O ganancioso patrão mandou que ele continuasse capinando. Benedito obedeceu, afinal era empregado.

Enquanto capinava, o Benedito refletiu consigo mesmo:

— Que valor tenho eu para meu patrão? Meu pai precisa de mim e eu aqui trabalhando tanto e nem sou reconhecido!

À tardinha, depois do árduo dia de trabalho, o Benedito pediu demissão daquele serviço. Nervoso com a perda do bom empregado, o italiano fez de tudo para convencê-lo a ficar trabalhando com ele. Contou que estava construindo uma casa em Londrina e que o deixaria administrando sua fazenda, porque ele e sua esposa iriam morar na cidade. Fez promessas e mais promessas.

O Benedito não atendeu ao apelo do patrão e retornou à casa paterna.

O pai do Benedito não se continha de tanta alegria com a volta do filho. O retorno do Benedito à casa paterna, depois dessa desilusão, lembra a parábola da volta do filho pródigo, Evangelho de Lucas, capítulo 15, versículos de 11 a 32.



Capítulo II.

Soldado da Liberdade e da Democracia

Sorteado para o Serviço Militar

Benedito morava no Bairro da Chapada Grande, em uma chácara localizada em frente ao atual trevo.

Em sua casa não havia meios de comunicação e só sabiam das notícias sobre a Segunda Guerra Mundial que perdurava já há mais ou menos quatro anos através dos jornais ou do alto falante da Praça Marechal Deodoro da Fonseca (Largo dos Amores).

Geralmente, era o seu pai Tônico que ia à Itapetininga e se inteirava dos acontecimentos.

Naquela época, os pais viviam preocupados temendo a convocação dos filhos para participar da guerra. Enfim, o mundo todo estava sofrendo com os rumores que chegavam da guerra mundial em andamento.

Certa tarde, Tônico, pai de Benedito, foi à cidade de Itapetininga fazer alguns arranjos. Foi ao armazém do turco Adia, próximo ao atual Jardim Itália e assim que adentrou à casa comercial, o turco lhe disse:

— Tônico! Aí tem um jornal e o nome do seu filho, Benedito Nunes da Costa, está na lista para servir o governo.

Quando leu a notícia no jornal das mãos do Sr. Adia de que Benedito tinha sido sorteado em 26 de agosto de 1943 para a prestação do Serviço Militar no Exército, Tônico ficou imóvel porque sabia da Segunda Grande Guerra Mundial em andamento e do grande morticínio que estava sendo os combates.

Sem dizer uma palavra sequer a respeito da notícia da convocação do filho, Tônico conclui seus arranjos com o turco Adia, monta no cavalo e segue de imediato para casa com o coração apertado dizendo a si mesmo:

— Como irei contar ao meu filho Benedito que ele foi chamado pelo Exército?

Sem alternativa senão contar ao filho, Tônico percebe de imediato que Benedito sofreu um impacto muito grande com a notícia e ficou indeciso.

Sem saber o que fazer, Benedito pensou em se esconder na casa dos parentes no Bairro do Pombal, município de Pilar do Sul. O medo tomou conta dele.

Mas após conversar com seu pai Tônico, Benedito compreendeu que não tinha como fugir daquela triste realidade. Não podia se tornar um desertor porque, mais cedo ou mais tarde, seria identificado e poderia sofrer as rigorosas punições da lei.

Benedito tinha consciência de seu compromisso com a Pátria e que teria que sofrer os duros golpes do destino, reagir contra seus inimigos e se arriscar no campo de batalha podendo perder a própria vida.

Pensou, pensou e reagiu diante das dificuldades.

Decidiu se apresentar e prestar o Serviço Militar Inicial para o qual havia sido convocado. Sua apresentação se deu em uma unidade do Exército Brasileiro, o 5º Batalhão de Caçadores (5º B.C.), sediado em Itapetininga à Rua General Carneiro, nº 196, atual o prédio onde funciona a sede da Divisão 2 do Departamento de Estrada e Rodagem (DER) do Estado de São Paulo. Este mesmo prédio, durante a Revolução de 1932, sediou o 8º Batalhão de Caçadores Paulistas da então Força Pública de São Paulo (atual Polícia Militar do Estado de São Paulo). Anos antes, na década de 20, foi o antigo casarão da Família do coronel Fernando Prestes de Albuquerque.

Foi na 2ª companhia do 5º B.C. que Benedito, incorporado soldado recruta, realizou o período básico de instrução e ao final deste, transferido para a 3ª companhia do batalhão. Nas folgas que obtinha, Benedito visitava os familiares, amigos e a namorada, Odila.

O sorteio de Benedito para a prestação do Serviço Militar Inicial em 1943 ocorreu em meio a uma Guerra Mundial em andamento desde o ano de 1939, mas que ele, na condição porvir de integrante da Força Expedicionária Brasileira, viria a colaborar para o seu fim dali a dois anos, já no teatro de operações italiano, em 8 de maio de 1945.

O Brasil na Segunda Guerra Mundial

A Segunda Guerra Mundial começou no dia 1º de setembro de 1939, quando os alemães invadiram a Polônia. Terminou seis anos depois, em 2 de setembro de 1945, quando os representantes japoneses assinaram a rendição incondicional de seu país.

Desde 1939, início do conflito, o Brasil procurou ficar neutro mantendo uma posição de equilíbrio entre as grandes potências, segundo a política externa do Dr. Getúlio Dorneles Vargas, Presidente do Brasil na época.

Mas preocupados com os nazi-fascistas, as nações americanas criaram em Buenos Aires, em 1939, um sistema de consulta para o caso de ameaça à paz geral, mas reunidos um mês depois do início da guerra, os chanceleres declararam no Panamá a neutralidade das Nações Americanas.

O afundamento do Graf Spee, a 17 de dezembro de 1939, em frente a Montevideu, era o sinal de que as Nações Americanas não poderiam ficar na neutralidade.

Em 1940, em Havana as Nações Americanas declararam que todo atentado a qualquer país das Nações Americanas era um ato de agressão a América inteira.

Sendo os EUA um país aliado e abastecedor dos outros países em guerra, os países do eixo (Alemanha, Itália e Japão) tinham interesse em impedir ou enfraquecer os abastecimentos das nações aliadas democráticas.

O Brasil como país que exportava seus produtos para os EUA, teve sua rota marítima bloqueada pelos submarinos alemães e italianos os quais passaram a torpedear os navios da Marinha de Guerra e Marinha Mercante.

A Marinha Mercante Brasileira foi incorporada a Marinha de Guerra e por determinação do Governo Brasileiro todos os navios passaram a navegar escoltados por navios de guerra, e a FAB (Força Aérea Brasileira) passou a patrulhar a nossa orla marítima.

A agressão dos japoneses em Pearl Harbour, Base Militar Norte-Americana no Havaí, a 7 de dezembro de 1941, afundando uma esquadra americana, encontraria o Brasil definitivamente enquadrado nos princípios da Declaração de Havana, em 1940, segundo o qual a agressão a qualquer das Nações do Hemisfério seria considerada extensiva a todas as demais integradas na União Pan-Americana.

O governo brasileiro, pronunciou-se em 8 de dezembro de 1941, um dia depois, sendo de notar-se o telegrama que endereçou ao Presidente dos EUA, Franklin Delano Roosevelt.

O Brasil tomaria a iniciativa da convocação de chanceleres americanos, reunidos no Rio de Janeiro, que terminou com a comunicação feita pelo Chanceler Oswaldo Euclides de Souza Aranha, a 28 de janeiro de 1942, de que o Governo brasileiro havia rompido suas relações com as potências do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) em solidariedade aos EUA.

Daí por diante, passou a colaborar ostensivamente com os EUA na defesa do continente, com a transferência ao Governo Norte-Americano da concessão feita a Panair do Brasil S/A, para a reforma dos aeroportos do Norte e Nordeste iniciativa tomada após a visita do General George Catlett Marshall, chefe do Estado Maior Norte Americano, incumbindo-se os EUA da construção de bases aéreas de Belém, Natal e Recife. Essa transferência efetivou-se em março de 1942.

Cortada as relações com os países do Eixo, não tardou a represália alemã. Em fevereiro de 1942 os submarinos alemães e italianos passaram a atacar os navios da Marinha Mercante Brasileira no Oceano Atlântico.

De 16 de fevereiro a 18 de agosto de 1942 submarinos alemães torpedearam cerca de três dezenas de navios da Marinha Mercante Brasileira. O ápice aconteceu entre 14 a 18 de agosto de 1942 quando os submarinos alemães torpedearam no litoral brasileiro cinco navios brasileiros sendo eles: Baependi, Araraquara, Anibal Benevolo, Itagiba e Arara.

Nesses navios que transportavam soldados e famílias morreram mais de 600 pessoas.

O povo vai as ruas após meses de torpedeamento de navios mercantes brasileiros. A situação tornou-se intolerável. O povo reclamava no desagravo de seus mortos sepultados no oceano e na dádiva de nosso sangue para a

eliminação do totalitarismo nazi-facista. O povo exigia a entrada do Brasil na guerra.

O Presidente Getúlio Vargas oprimido pela opinião pública declarou estado de guerra contra o chamado “eixo” Alemanha Nazista, Itália Fascista e Japão, no dia 22 de agosto de 1942. A neutralidade acabou.

Vargas só tomou essa decisão depois das propostas feitas pelos EUA de financiar a construção da CSN (Companhia Siderúrgica Nacional) entre outras propostas de auxílio a economia nacional.

Foi realizada a Conferência de Casablanca no Hotel Anfa em Casablanca, Marrocos Francês de 14 a 24 de janeiro de 1943 para planejar a estratégia dos aliados europeus para próxima fase da Segunda Guerra Mundial.

A Conferência de Poteng ou Conferência de Natal foi uma reunião ocorrida em 28 de janeiro de 1943 entre o então Presidente do Brasil, Dr. Getúlio Vargas e o Presidente dos EUA Franklin Delano Roosevelt. No evento foram definidos os acordos que deram origem a F.E.B. (Força Expedicionária Brasileira), o que em contrapartida garantiu recursos para a consolidação da CSN brasileira.

A Participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial foi motivada mais por questões comerciais e econômicas do que por outras políticas ideológicas.

O Brasil entrou na guerra ao lado dos aliados Estados Unidos, Inglaterra, França, União Soviética, entre outros. Era importante para os aliados que o Brasil ficasse ao lado deles, em função, da posição geográfica estratégica e do vasto litoral brasileiro.

Passou-se um ano depois da declaração de guerra aos países do eixo para o primeiro ato de efetiva criação da F.E.B..

Enquanto isso o povo brasileiro estavam preocupados pois a guerra se estendia a todo o Atlântico e a todas as rotas.

Na verdade, existiam autoridades que não queriam que a F.E.B. fosse para a Itália. O próprio Presidente Getúlio Vargas que era germanófilo, só pendeu para os aliados por pressão dos americanos e do povo, por causa dos navios afundados pelos alemães na costa brasileira.

O primeiro passo oficial para a concretização dos planos do Presidente Getúlio Vargas aconteceu em 9 de agosto de 1943. Pela Portaria Ministerial 4.744, publicada em boletim reservado de 13 do mesmo mês, foi estruturada a F.E.B., constituída pela 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE) e por órgãos não-divisórios.

João Batista Mascarenhas de Moraes comandante da 2ª Região Militar, foi convidado pelo Ministro da Guerra Eurico Gaspar Dutra, para organizar, instruir e comandar a 1ª DIE, 1ª das três divisões integrantes do corpo de Exército Expedicionário, que o Brasil enviaria ao Teatro de Operação na Itália, conforme conversações mantidas em Washington entre autoridades brasileiras e americanos.

A 23 de novembro de 1943 foi então criada a Força Expedicionária Brasileira (F.E.B.), englobando a recém-criada 1ª Divisão Infantaria Expedicionária e elementos do Corpo do Exército e dos Serviços Gerais. Em 1944, sob o comando do General João Batista Mascarenhas de Moraes, foi enviada à Itália a F.E.B., para operar em território italiano, com o efetivo de 25.334 homens.

Os transportes deram-se entre julho de 1944 e 8 de fevereiro de 1945. Antes de partir a F.E.B., uma Comissão Militar Brasileira, sob o comando do General João Batista Mascarenhas de Moraes, visitou o Teatro de Operações do Mediterrâneo-África e Itália, conferenciando com o General Dwight David Eisenhower Comandante em Chefe das tropas norte americanas e com o General Mark Wayne Clark, comandante do V Exército Americano, na Itália, o qual demonstrou preocupações e interesse pela breve chegada da tropa brasileira, da qual se tornaria chefe e amigo.

No dia 16 de julho de 1944, dia de Nossa Senhora do Carmo, o navio de transporte de tropas, General W. A. Mann, chegou, ancorou e desembarcou no Porto de Nápoles o 1º Escalão da F.E.B..

No dia 15 de setembro de 1944, com algumas semanas de treinamentos, a F.E.B. recebeu sua primeira missão de guerra, substituir tropas americanas na área de Massiuli, Filetole e Vechiano.

No dia 18 de setembro de 1944, as tropas brasileiras conquistou a cidade de Camaione, vitória que marcou o início da temporada da F.E.B. na Itália.

Os soldados brasileiros continuaram na ofensiva até o fim da guerra. Nossas tropas não estavam preparadas para a guerra, nem psicologicamente, nem materialmente.

Nossos pracinhas tiveram que vencer as dificuldades bélica. Mesmo com problemas de preparação e no envio, já na Itália, treinada e equipada pelos americanos, a F.E.B. cumpriu as principais missões que lhe foram atribuídas pelo comando aliado, com força de vontade, garra, coragem e determinação.

As dificuldades foram muitas. Muito frio, lugar montanhoso.

O rigoroso inverno europeu representou uma dificuldade adicional.

Os soldados brasileiros foram para uma região onde enfrentaram frio até vinte graus negativos.

Com o frio violento, no início as tropas brasileiras, sofreram muito, mas o brasileiro, muito inteligente improvisou um meio para aquecer seus pés. E o brasileiro se adaptou a situação e deu a volta por cima, enrolando papel de jornal nos pés.

Foram 240 dias de puro fogo. Explosões, espocar de metralhadoras, bombas, mortos, feridos, avanços, retiradas, frio intenso, vales, montanhas, rios e sobretudo perseverança da fé.

Os nossos pracinhas nunca esconderam o orgulho de terem servido a Pátria num momento de decisões no mundo.

Itapetininga, Caçapava e Rio de Janeiro

Em Itapetininga, o Benedito serviu no 5º B.C. durante três meses, pouco tempo para a preparação dos soldados tanto psicologicamente quanto materialmente para enfrentar uma guerra mundial.

No dia 2 de junho de 1944, Benedito estava dentre os selecionados e voluntários que seguiram de trem de Itapetininga para a cidade de São Paulo a fim de realizarem exames médicos no Hospital Central Militar.

Os aprovados pela junta militar de saúde embarcaram para a cidade de Caçapava no dia 17 de junho de 1944, onde receberam vacinas, tratamentos médicos e dentários, bem como instruções e demais preparos de saúde pertinentes.

No dia 29 de julho de 1944, foram levados em carros vagões de Caçapava até a Vila Militar na cidade do Rio de Janeiro onde ficaram poucos meses recebendo mais instruções e preparação. Foi curto o período de adestramento. O alojamento onde ficavam era um barracão improvisado feito de tábuas.

Nos momentos de folga, Benedito e seus amigos iam até Matão no Realengo comprar fichas e ouvir músicas. Era o lazer deles enquanto esperavam o embarque para a Europa.

Benedito comentava que, a cada deslocamento, a agonia aumentava. Estava consciente de que estava se distanciando de seus familiares. Suas lágrimas caíam no chão, principalmente na calada da noite.

A Foto da Irmã Caçula Luzia

(narrado por Luzia Nunes da Costa Silva)

Durante a temporada do Benedito Nunes da Costa no Rio de Janeiro recebendo as instruções e preparação para participar na Segunda Guerra Mundial, ele escreveu uma carta para sua mãe, Aurora Maria Vieira, pedindo uma foto da irmã caçula, Luzia.

Sem vacilar, Aurora pediu aos filhos mais velhos que preparassem sua charrete, seu meio de transporte na época. Pegou a pequena e vieram à Itapetininga para fotografá-la para em seguida enviar a foto ao filho.

Chegando à Itapetininga, Aurora procurou um típico ateliê fotográfico para obter o retrato da filhinha e enviar ao filho. Para isso, a menina deveria posar e permanecer imóvel por vários segundos ou até minutos. A menina que tinha apenas dois anos e alguns meses de idade não deixou ser fotografada. Naquela época era o sistema do “lambe”. O fotógrafo teria que colocar a cabeça dentro de um pano preto que saía da própria máquina fotográfica para bater a foto. Era esquisito. Com medo, a criança chorou, esperneou e o fotógrafo não conseguiu tirar aquela foto.

Chateada e sem saber o que fazer, porque queria atender ao pedido do filho, Aurora pensou consigo mesma e em seguida disse ao fotógrafo:

— Por favor, me fotografe.

Aurora enviou sua foto ao filho. E ficou a dúvida:

Como o jovem Benedito reagiu ao receber a foto da mãe e não da irmã?
Será que Aurora se justificou?

Mas, por que Benedito queria a foto da pequena Luzia?

Nascido em uma família católica, com certeza ele tinha contato com as Sagradas Escrituras e conhecimentos não digo amplo, mas amoroso da religião católica.

Será que o Benedito tinha conhecimento desta passagem bíblica:

Depois disso traziam crianças para que Jesus as tocasse. Mas os discípulos as repreendiam. Vendo isso, Jesus Se aborreceu e disse:

— Deixai vir a mim as crianças. Não as proibais, porque o Reino de Deus é dos que são como elas. Em verdade vos digo: Quem não receber o Reino de Deus como uma criança não entrará nele. Ele abraçava as crianças e as abençoava, impondo-lhes as mãos. (MC 10, 13-16).

Ser como criança significa também ser inocente, isto é, ter a alma semelhante a um cristal que nunca foi riscado: límpida, transparente e cheia de luz.

Às criancinhas, Jesus disse estar reservado um lugar especial no Reino, pois este pertenceria a quem se parecesse com elas.

Por que Benedito queria a foto da irmã caçula? Será que ele queria carregá-la como sua protetora porque Jesus diz que as crianças são anjos? Ou seria essa criatura bondosa, inocente para acompanhá-lo na viagem rumo a um futuro incerto?

A inocência rege o ser humano em qualquer estado de vida. Benedito tinha convicção disso.

A mãe do Benedito orava sem desanimar e mantinha firme a esperança de ser atendida por Deus. Rezava e confiava que seria atendida pela misericórdia do Pai. Através da oração, ela tinha certeza que seu filho um dia retornaria. E retornou.

O Curandeiro Atílio

Benedito Nunes da Costa fugiu do Rio de Janeiro com dois companheiros, sendo eles Victório Nalesso e Benedito Ayres Campos, este segundo primo do Benedito, para visitarem seus familiares em Itapetininga.

Benedito Nunes da Costa se demonstrava inseguro e mergulhado na tristeza quando perguntavam a ele se retornaria ao Rio de Janeiro para continuar as instruções de preparação para então embarcar para a Europa e lutar na Segunda Guerra Mundial que havia começado em 1939. Comentou até mesmo em desertar, mas, não lhe faltaram conselhos. Seu pai lhe disse:

— Meu filho, se você desertar e ficar trancafiado na mata, correrá o risco de morrer também. Você poderá ser atacado por uma serpente ou qualquer outro animal perigoso.

Seu pai, homem de fé, mas também nervoso com o futuro incerto do filho, tentava não demonstrar o que realmente sentia para não correr o risco de desencorajá-lo.

Um dia, convidou o filho e foram à casa de um curandeiro chamado Atílio. O curandeiro morava em um sítio no Bairro das Antas. Ao lado da casa do curandeiro havia uma capelinha com muitos Santos onde ele convidava quem o procurava a adentrar e ali fazia suas orações. Atílio era um homem do bem, só fazia preces para o bem, nunca para o mal e com aquela fervorosa fé, a pessoa saía dali fortalecida com o Espírito Santo. E com o Benedito Nunes da Costa não foi diferente.

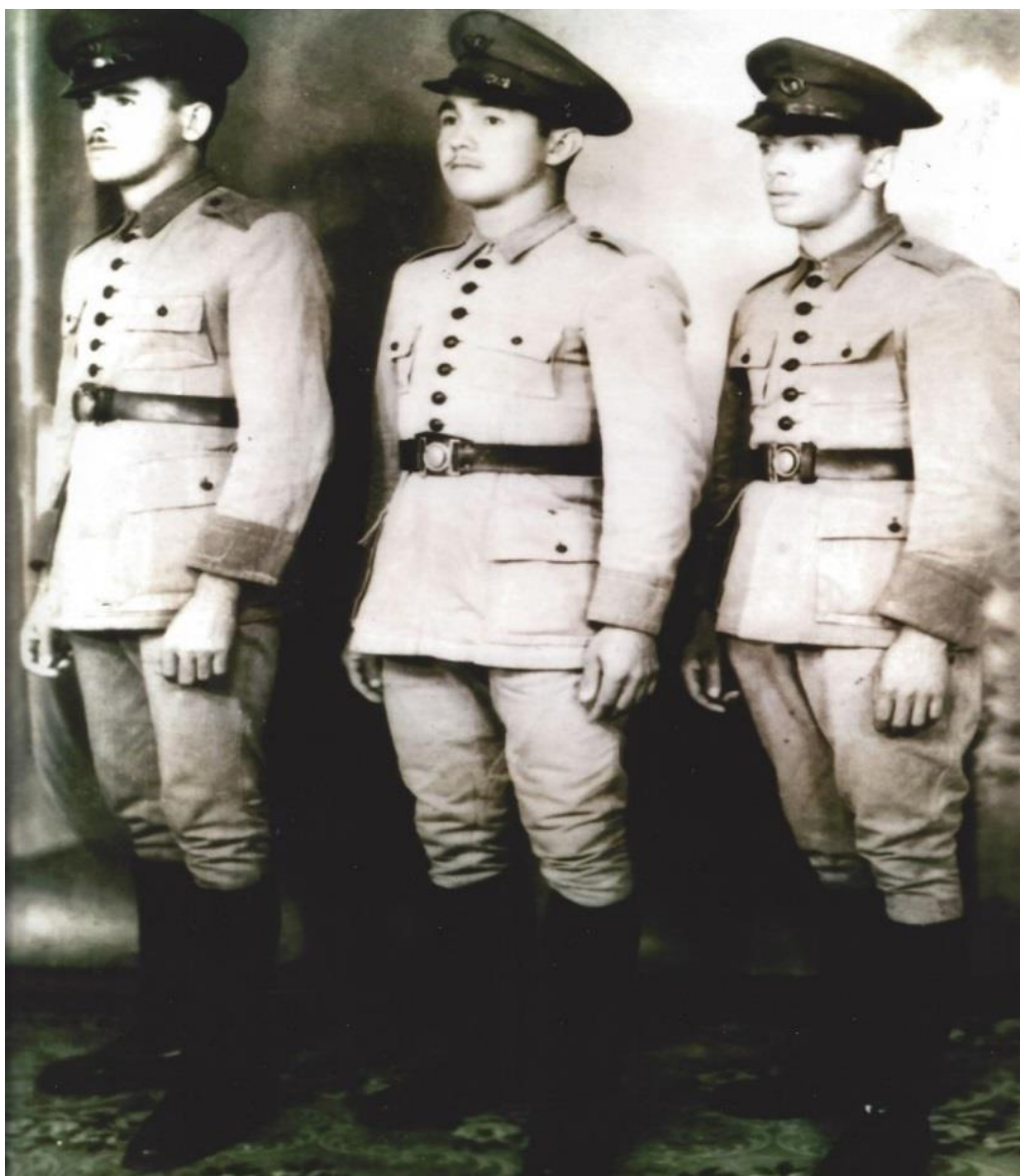


Foto. Da esquerda para a direita: Benedito **Nunes** da Costa (Soldado Nunes), Victório **Nalesso** (Soldado Nalesso) e Benedito Ayres de **Campos** (Soldado Campos) em Caçapava, a 19 de julho de 1944.

Com o coração aos saltos, dias depois, o Benedito deixou sua família e, com seus dois companheiros, retornou ao Rio de Janeiro no dia 7 de setembro de 1944.

No mesmo mês, no dia 29 de setembro de 1944, embarcaram com o 3º escalão rumo à Itália seus amigos Victório Nalesso e Benedito Ayres de Campos sob o comando do General Olímpio Falconiére da Cunha.

Benedito Nunes da Costa, conhecido ali como Soldado Nunes, adoeceu e ficou internado no Rio de Janeiro, separando-se assim dos dois amigos.

A partida dos soldados Campos e Nalesso foi para Benedito motivo de enorme tristeza pois desejava seguir junto com eles para a Itália.

No entanto, uma vez recebida a alta, Benedito seguiu no 4º escalão e em janeiro de 1945 reencontrou os camaradas Nalesso e Campos em Alexandria.

Fé e Esperança de um Pai

Um pouco mais sobre a fuga do Rio de Janeiro.

Ao anoitecer do dia 31 de agosto de 1944, dominado pela saudade, Victório Nalesso convidou seus dois companheiros inseparáveis Benedito Nunes da Costa, Soldado Nunes, e Benedito Ayres de Campos, Soldado Campos, para fugirem do acampamento da Vila Militar no Rio de Janeiro e ir à Itapetininga visitar seus familiares. Os dois soldados aceitaram o convite e, sem que ninguém os percebesse, fugiram saindo de mansinho. Mal tinham chegado naquele acampamento.

Muitos foram os desafios encontrados por eles no percurso Rio de Janeiro à Itapetininga e vice-versa, mas eles não desanimaram, não desistiram, pois, a saudade da família era maior que o sacrifício. Tinham um único objetivo: despedir-se da família mais uma vez para depois seguirem para as terras desconhecidas combater com soldados dos quatro cantos do mundo que participavam da Segunda Guerra Mundial que havia começado no dia 1º de setembro de 1939.

O que marcou muito para os familiares do Soldado Nunes foram as palavras de fé do Tônico Ricardo no momento da despedida.

Para retornarem ao Rio de Janeiro, o Soldado Nalesso combinou que se encontraria com o Soldado Nunes no dia 7 de setembro de 1944, às dez horas da manhã, na atual Rua Stanislau, rua essa que passa ao lado do atual Santuário Nossa Senhora Aparecida do Sul, localizada na Praça Nossa Senhora Aparecida.

Nessa rua, ao lado da praça, pertinho da pequena e antiga Igreja Nossa Senhora Aparecida inaugurada em 1918, hoje demolida, morava a avó do Soldado Nunes, a Senhora Leopoldina Maria Vieira. Ali frente à casa da avó seria o encontro.

E, na hora e no local combinados, lá estava Benedito, seu pai, sua mãe, uma de suas irmãs e sua avó Leopoldina.

O Soldado Victório chegou, cumprimentou a todos e foi dizendo ao companheiro:

— Peça benção e vamos embora. Benedito abraçou e beijou sua irmã, sua avó, sua mãe e por último seu pai. Seu pai que segurava as rédeas da mula que tinha trazido seu filho até ali, disse:

— Tenho certeza, pela fé que carrego em Deus e em Nossa Senhora Aparecida, que eu venho com esta mesma mula que trouxe hoje, te buscar de volta brevemente.

Mesmo assim foi uma amarga despedida regada pelo sentimento de incerteza do futuro de seu filho. Tônico nada podia fazer quando foi visitado pela noite escura da dor e da dúvida.

Apenas tentava consolar o filho e ser forte.



(Foto à Esquerda). Benedito Nunes da Costa (3º da esquerda à direita) na Vila Militar Rio de Janeiro. **(Foto à direita).** Benedito Nunes da Costa (2º da esquerda para à direita) e companheiros em visita ao Cristo redentor no Rio de Janeiro antes de embarcar para a Itália.

Despedida da Família

Uma despedida não é nada fácil para nenhum ser humano. Seja para uma longa viagem, seja para fixar residência em outro lugar muitas vezes distante dos familiares, seja a separação da vida terrena para a vida eterna.

Enfim, não é fácil e há sempre momentos de tristeza, saudade e dor.

Não há vida sem sofrimento. A vida sem dor é utopia, pura ilusão.

O tempo passou e chegou o momento de enfrentar a dura realidade: deixar Itapetininga rumo à guerra.

De Itapetininga foi à São Paulo e depois à Caçapava.

De Caçapava ao Rio de Janeiro e do Rio de Janeiro para os ares europeus para participar da tão temida Segunda Guerra Mundial.

Do 5º B.C., Benedito retornou ao seu lar, não para visitar seus familiares e sim para se despedir deles. Ficou surpreso. Não houve despedida. Todos fugiram dele. Ninguém teve coragem de olhar em seus olhos e lhe dar um abraço de despedida, a não ser os seus pais que o acompanharam sempre dando força e coragem.

Seus irmãos não se conformavam com aquilo que o destino havia reservado ao irmão. Simplesmente desapareceram. Foram chorar no fundo do quintal onde havia um pomar. Não contiveram a emoção, pois sabiam que o Benedito estava partindo para um futuro incerto. Sabiam que a Segunda Guerra Mundial estava tirando um número incalculável de vidas.

Benedito se despediu para uma longa viagem.

Ele deixou sua terra natal, seus familiares, seus amigos e sua namorada, Odila de Oliveira. Ele deixou um rastro de saudade e tristeza no coração daqueles que faziam parte de sua vida, daqueles que o amavam.

Acompanhando os horrores da guerra noite e dia, a família rezava e chorava pedindo a Deus que o protegesse. O que mais se perguntavam era:

— Quantos mais vão precisar morrer para essa guerra acabar?

Para aquela família, era como se o mundo tivesse vindo abaixo. Talvez a própria família do Benedito não compreendesse as reais dimensões da guerra que ele iria enfrentar, de sua relação na luta contra o inimigo, mas a dimensão da fé foi fundamental para dar apoio aos que no Brasil ficaram à sua espera.

O Embarque da F.E.B. para a Itália

O Brasil entrou na Segunda Grande Guerra Mundial para lutar com os aliados Inglaterra, França e EUA.

Para tanto, nosso país enviou ao teatro de operações italiano a Força Expedicionária Brasileira (F.E.B.), grande unidade divisionária que totalizou 25.834 homens a comando do General de Divisão João Batista Mascarenhas de Moraes.

A F.E.B. era constituída por uma divisão de infantaria integrada pelo 1º Regimento de Infantaria (1º RI) – Regimento Sampaio, 6º Regimento de

Infantaria (6º RI) – Regimento Ipiranga e 11º Regimento de Infantaria (11º RI) – Regimento Tiradentes. Esta divisão foi denominada 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE) e além dela, uma esquadrilha de reconhecimento e um esquadrão de caças integravam também a F.E.B.

Uma vez na Itália, a Força Expedicionária Brasileira foi incorporada ao V Exército dos Estados Unidos, este a comando do Tenente General Wayne Mark Clark.

Foram cinco os escalões de embarque da F.E.B para o teatro de operações italiano, a saber

O **1º Escalão da F.E.B.**, que contou com um efetivo de 5.075 homens a comando do General de Brigada Euclides Zenóbio da Costa, embarcado a 2 de Julho de 1944 no navio norte americano de transporte de tropas General W. A. Mann, com desembarque no Porto de Nápoles a 16 de Julho de 1944, foi composto pelo

- Escalão Avançado do Quartel General da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE);
- Estado Maior da Infantaria Divisionária da 1ª DIE;
- 6º Regimento de Infantaria;
- 4ª Companhia e 1º Pelotão de Morteiro do 11º RI;
- II/1º Regimento de Obuses Auto-Rebocados;
- 1ª Companhia do 9º Batalhão de Engenharia (9º BE);
- 1/3 das Seções de Suprimento e de Manutenção do 9º BE;
- 1º Pelotão do Esquadrão de Reconhecimento;
- Seção de Exploração e elementos da Seção de Comando da 1ª Cia. de Transmissões;
- 1ª Companhia de Evacuação, Pelotão de Tratamento e elementos da Seção de Comando do 1º Batalhão de Saúde;
- Companhia de Manutenção;
- Pelotão de Polícia Militar;
- Pelotão de viaturas,
- Seção do Pelotão de Serviços e elementos da Seção de Comando da 1ª Companhia de Intendência;
- Correio Regulador, Depósito de Intendência, Pagadoria Fixa, correspondentes de guerra, elementos do Hospital Primário, Serviço de Justiça e Banco do Brasil.

O **2º Escalão da F.E.B.**, contou com um efetivo de 5.075 homens a comando do General de Brigada Oswaldo Cordeiro de Farias, embarcado a 22 de Setembro de 1944 no navio norte americano de transporte de tropas General W. A. Mann, com desembarque no Porto de Nápoles a 6 de Outubro de 1944, foi composto pelo

- Artilharia Divisionária/1ª DIE (Estado-Maior e Bateria de Comando);

- 1º Regimento de Infantaria;
- I/2º Regimento de Obuses Auto-Rebocados;
- Elementos do Destacamento de Comando, Companhia de Serviço e 2ª Companhia do 9º Batalhão de Engenharia;
- 1º Esquadrão de Reconhecimento;
- 1ª Companhia de Transmissões;
- 1º Batalhão de Saúde;
- 1ª Companhia de Evacuação e elementos da Companhia de Tratamento;
- Elementos da Companhia de Intendência;
- Elementos de Depósito de Intendência;
- Elementos dos Serviços Postal e Justiça;
- Companhia do Quartel-General da 1ª DIE;
- Quartel General da 1ª DIE;
- 2º Grupo Suplementar Brasileiro em Hospitais Americanos;
- 3º Grupo Suplementar Brasileiro em Hospitais Americanos;
- Correspondentes de guerra e elementos do Banco do Brasil.

O **3º Escalão da F.E.B.**, contou com um efetivo de 5.239 homens a comando do General de Brigada Olímpio Falconière da Cunha, embarcado a 22 de Setembro de 1944 no navio norte americano de transporte de tropas General Meighs, com desembarque no Porto de Nápoles a 6 outubro 1944, foi composto pelo

- 11º Regimento de Infantaria;
- I/1º Regimento de Obuses Auto-Rebocados;
- I/1º Regimento de Artilharia Pesada Curta;
- Comando e Companhia de Serviço, Destacamento de Saúde e 3ª Companhia do 9º Batalhão de Engenharia;
- Esquadra de Ligação e Observação;
- 1º Batalhão de Saúde;
- Elementos da 1ª Companhia de Intendência;
- Quartel-General da 1ª DIE e Companhia do Quartel-General;
- Depósito de Intendência;
- Banda de Música;
- 1º Grupo Suplementar Brasileiro em Hospitais Americanos;
- Pelotão de Sepultamento.

O **4º Escalão da F.E.B.**, contou com um efetivo de 4.691 homens a comando do Coronel Mário Travassos, embarcado a 23 de Novembro de 1944 no navio norte americano de transporte de tropas General Meighs, com desembarque no Porto de Nápoles a 7 dezembro 1944, foi composto pelo

- 1º Escalão do Depósito de Pessoal da F.E.B.

O **5º Escalão da F.E.B.**, contou com um efetivo de 5.082 homens a comando do Tenente Coronel Ibá Jobim Meireles, embarcado a 8 de Fevereiro de 1945 no navio norte americano de transporte de tropas General Meighs, com desembarque no Porto de Nápoles a 22 fevereiro 1945, foi composto pelo

- 2º Escalão do Depósito de Pessoal da F.E.B.

Os 44 Médicos e 67 enfermeiras do Brasil que atenderam em Hospitais norte americanos na Itália (Field Hospitals), seguiram de avião do Rio de Janeiro, com escalas em Natal e Dakar, com destino a Napóles.

A família de Benedito Nunes da Costa agradece ao **Senhor André Almeida**, psicólogo e entusiasta da Segunda Guerra Mundial pelo dados acerca dos escalões embarcados da F.E.B. e suas unidades integrantes disponíveis no Portal **Ecoss da Segunda Guerra** em <https://segundaguerra.org/a-feb-rumo-ao-campo-de-batalha/> (vide QR Code)



Benedito Nunes da Costa, o Soldado Nunes, n.º 301, foi incorporado ao 1º R.I., embarcando no 4º Escalão a 23 de novembro de 1944.

Os dois companheiros inseparáveis do Benedito Nunes da Costa, seu primo Benedito Ayres de Campos e seu amigo Victório Nalesso haviam embarcado no escalão anterior, a 22 de setembro de 1944.

Como Benedito Nunes da Costa havia adoecido, por ordem médica seu embarque só pode ocorrer no escalão seguinte, ou seja, no 4º.

Outrossim, quando do embarque do 1º Escalão, todo um sigilo sobre que destino a tropa teria foi tomado para evitar ataques de submarinos inimigos ainda em ação no Atlântico sul.

A área de embarque no cais do porto tinha sido completamente isolada com antecedência.

Os soldados foram deslocados da Vila Militar para o cais, uma curta viagem, mas sempre mantendo segredo para chegar até o destino onde embarcariam.

Chegando ao cais onde estava atracado o navio transporte de tropas americano, General Meighs, os soldados e oficiais embarcaram.

O transporte de tropas desatracou lentamente, avançando para as águas profundas do oceano, enfrentando os perigos em alto mar.

Uma viagem longa, lenta e cansativa

Foram 14 noites e 14 dias de uma longa viagem do Brasil até a Itália. Benedito relata que teve a oportunidade de ser ajudante de cozinha.

As refeições eram servidas duas vezes ao dia. O pessoal do serviço tinha direito a uma terceira refeição e comer à vontade. Imagine o Benedito que, segundo a família, era comilão. Ele contava que passou muito bem durante a viagem de ida à Itália.

Em contrapartida, alguns soldados colegas de Benedito reclamavam que sentiam fome. Não porque a alimentação fosse escassa, a alimentação era suficiente e de boa qualidade. Esse grande apetite de comer era porque aqueles soldados estavam deprimidos e viam-se abandonados à própria sorte. O futuro deles, pois, era incerto.

Benedito teve compaixão deles e a colocou em prática. Sem nenhuma maldade, Benedito levava sanduiches para os colegas debaixo dos braços. Esse gesto bondoso do Benedito reacendia a chama da vida daqueles soldados.

A viagem foi longa, lenta e cansativa.

O difícil eram as noites quentes vividas em compartimentos abafados e lotados até o teto daquele meio de transporte. Era uma alegria para os soldados quando amanhecia e eles subiam no convés para respirar o ar puro.



*Benedito Nunes da Costa embarcou em 22/11/1944,
pelo Navio Transporte Norte Americano, General Meighs*

Outra situação difícil era a agitação do mar. O navio balançava tanto provocando enjojo em um grande número de soldados.

A viagem não foi fácil.

Amanhecia e anoitecia e só se via céu e água. Para aliviar o sofrimento dos soldados, o comando do transporte fazia exibir filmes cinematográficos e outros programas variados de diversões geralmente a cargo do capelão de bordo. E finalmente a F.E.B. atravessou o Atlântico e chegou ao cais do Porto de Nápoles na Itália.

A vida nos traz surpresa, ora agradáveis, ora desagradáveis.

Com Benedito não foi diferente.

A convocação dele para participar na Segunda Grande Guerra Mundial foi, sem dúvida, uma surpresa desagradável. O sofrimento foi muito grande, mas graças à intervenção divina ele enfrentou o conflito e retornou para o Brasil intacto e como um verdadeiro herói.

No Cais do Porto de Nápoles

Depois de atravessar o atlântico, finalmente o grande transporte de tropas General Meighs, transportando o 4º Escalão no qual estava Benedito Nunes da Costa, chegou à Nápoles no dia 7 de dezembro de 1944, comandado pelo Coronel Mário Travassos.

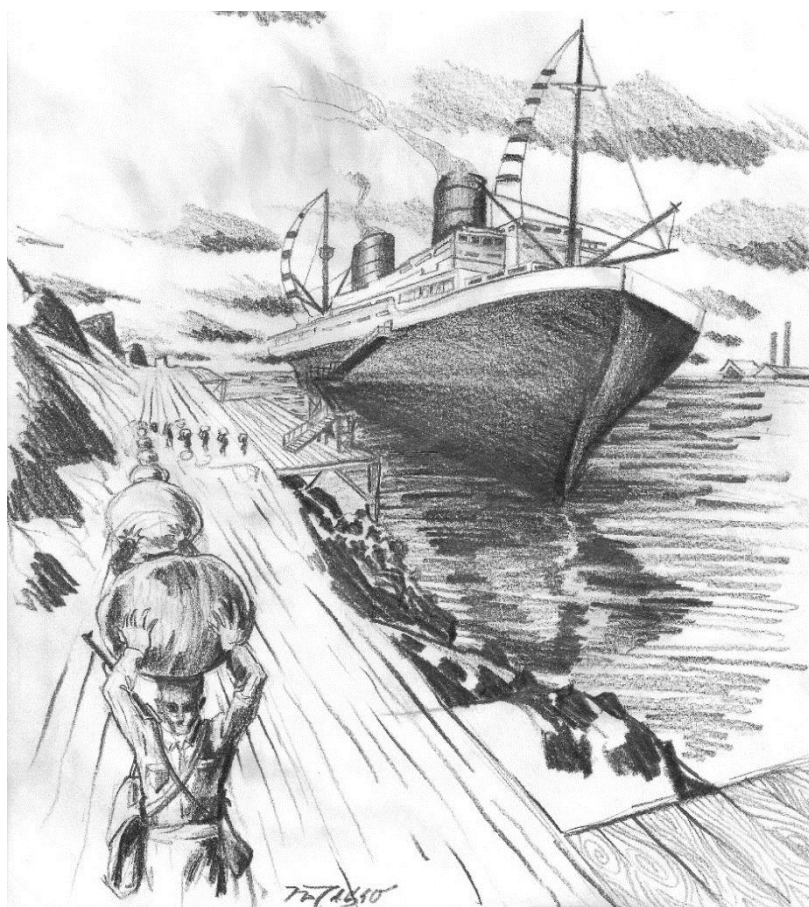


Imagem. Desembarque do 4º Escalão da F.E.B. na Itália em 7 de dezembro de 1944

Os soldados desembarcaram. Em terra firme o horror da guerra era visível nas belezas arquitetônicas todas em ruínas, entre outras coisas mais. A neve não encobria os sinais de destruição feitos pelos bombardeios que antecederam a chegada do 4º Escalão. Os soldados e oficiais foram testemunhas oculares de uma Itália devastada, aniquilada pela guerra. Parecia um deserto de escombros.

Lá mesmo, em Nápoles, soldados e oficiais subiram em barcaças e foram levados até Livorno. De Livorno foram levados de caminhão até as proximidades de Pisa, onde estiveram acampados às margens do Rio Arno, a uma distância de mais ou menos seis quilômetros da cidade de Pisa onde existe a famosa Torre de Pisa. Naquele lugar, os soldados montaram as barracas e mantinham todas as precauções para evitar ataques dos inimigos, já que ali estavam em terras do teatro de operações.

Com permissão, o Benedito foi fazer um passeio. Transitou pelas ruas e foi a uma igreja ao lado da Torre de Pisa, onde assistiu a uma missa e foi aspergido com água benta.

Em janeiro de 1945, Benedito seguiu para as frentes de combate, uma aventura que jamais imaginou enfrentar. Longe, bem distante da família e da Pátria, enfrentou, além dos horrores da guerra, grandes intempéries como chuvas, noites frias, madrugadas geladas e muita, muita neve. Era um dos grandes desafios do Benedito e dos demais Pracinhas da Força Expedicionária Brasileira.

Os soldados brasileiros não estavam preparados para enfrentar aquele rigoroso inverno europeu durante a guerra. As roupas não eram adequadas. Eles sofreram muito, mas, com toda sua inteligência, improvisaram com jornal para evitar o congelamento dos pés. Eles forravam os coturnos com jornal e sapateavam para evitar o enregelamento, também conhecido como pé de trincheira.

Caminhavam inseguros, mas com muito cuidado pelas terras estranhas, estragadas pela ação dos soldados dos quatro cantos do mundo que combatiam desde 1º de setembro de 1939. O risco de tropeçar ou pisar em uma mina era eminente. Muitos e muitos soldados perderam a vida nessa engenhoca mortífera usada pelo inimigo.

A Tomada de Monte Castello

A Força Expedicionária Brasileira (F.E.B.) teve papel de destaque nos campos de batalha da Europa.

A bravura dos soldados brasileiros ficou bem demonstrada durante a luta com vitórias registradas sendo a mais importante, a mais significativa da campanha da Itália foi, sem dúvida a tomada de Monte Castello no dia 21 de fevereiro de 1945, frente a ofensiva inimiga.

Quatro foram os ataques a Monte Castello, sendo três deles sem sucesso.

Os dias 24 e 25 de novembro de 1944, datas da primeira tentativa de conquista de Monte Castello, assinalam o início da segunda fase da luta da F.E.B. nos campos de batalha da Itália.

O comando do IV Corpo do Exército dos EUA, como abertura de suas operações denominadas “preliminares” decidiu realizar um ataque ao Monte Castello, afim de aliviar a ameaça que estava acima da estrada 64 - Pistóia, Porreta Terme, Bolonha e seu eixo de comunicações.

O ataque no dia 24 de novembro, resultou em completa perda. No dia 25, repetiu-se a operação com ampliação a zona de ataque. Contando com a mesma tropa da véspera, o Task Force 45 (Grupamento Tácito Americano) reforçada com elementos da 1ª DIE (1ª Divisão de Infantaria Expedicionária), 3º Batalhão do 6º RI.

Em face do desgaste físico, a tropa atacante não puderam firmar-se no terreno conquistado e foram rechaçados para suas posições de partida, pelos carros de combates alemães. Insucesso total.

Desses primeiros contatos com o inimigo, tristes lembranças trouxe o 3º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria, que na frente do Reno, deixou os seus primeiros mortos.

Nos ataques dos dias 24 e 25 de novembro de 1944 o comando das operações da tropa mista (brasileiros e norte-americanos) não coube ao General João Batista Mascarenhas de Moraes, mas ao General de Brigada Paul Rutledge, Comandante da Task Force 45, dos Estados Unidos.

O fracasso no primeiro ataque a Monte Castello deixou a F.E.B. frustrada, pois eles queriam conquistar Monte Castello antes do rigoroso inverno europeu esperado.

Para o segundo ataque a Monte Castello, planejado para o dia 29 de novembro de 1944, quatro dias após o primeiro, o comando da 1ª DIE, formou um agrupamento constituído com um batalhão de cada regimento, sendo 1º Batalhão do 1º Regimento de Infantaria - Regimento Sampaio, do 3º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria - Regimento Ipiranga já experimentado no primeiro ataque, e do 3º Batalhão do 11º Regimento de Infantaria - Regimento Tiradentes, que na operação teve apenas ajuda de três pelotões de tanques norte-americanos.

O grupamento foi colocado sob o comando do General Zenóbio da Costa, comandante da Infantaria Divisória, que contaria com a cobertura de dois grupos de artilharia brasileiros e, com um grupo de artilharia do 4º corpo.

Um lamentável imprevisto, entretanto, se verifica naquela noite do dia 28 de novembro, véspera do segundo ataque a Monte Castello. Em inesperado e fulminante contra-ataque, as tropas da 232ª Divisão de Infantaria alemã expulsaram os norte-americanos do Belvedere, tomado quatro dias antes, deixando assim, descoberto o flanco esquerdo das forças brasileiras.

O comando da F.E.B. pensou em adiar o ataque para os dias seguintes, na esperança de que Belvedere fosse reconquistado, mas isso só seria

desaconselhável, visto que as tropas já se achavam nas posições das quais iniciariam o ataque.

Às 7 horas da manhã do dia 29 de novembro, tinha início a segunda ofensiva brasileira contra Monte Castello. As condições do tempo eram péssimas: céu enevoadado, chuva, o que dificultou e chegou a impedir a atuação da força aérea; havia também muita lama, o que anulava ou, pelo menos, reduzia ao máximo a participação dos tanques e viaturas pesadas.

Cerca de uma hora depois de ter iniciado o ataque, as tropas brasileiras foram contidas pelos soldados alemães dos 1.043º, 1.044º e 1.045º Regimento de Infantaria inimigos.

No fim da tarde, os batalhões brasileiros voltaram às duas posições anteriores.



Foto. No quarto ataque ao Monte Castello (21 de Fevereiro de 1945), o soldado Benedito Nunes da Costa (no municionamento) e o soldado Miguel Kuchiba (na metralhadora).

A 12 de dezembro de 1944 foi montado o 3º ataque ao Monte Castello, com dois Batalhões do 1º RI e dois do 11º RI.

As 6h e 30 do dia 12 de dezembro, sob uma chuva fria, fina e irritante o 3º Batalhão do 1º RI, desembarcou da base de partida na hora prevista, mas o 2º Batalhão do 1º RI não conseguiu sair na hora fixada, só o fazendo com atraso, em face disto não houve surpresa e os alemães defensores de Monte

Castello obrigaram com seus tiros ajustados e com uma barragem de violenta e certa artilharia, a tropa atacante recua e retorna a sua base de partida.

No 3º ataque cerca de 26 corpos de brasileiros ficaram estirados no solo italiano que os padioleiros não conseguiram resgatá-los porque os alemães não deixaram.

O General Zenóbio da Costa deu por encerrada a operação por motivo da chegada do inverno. No período de dezembro de 1944 a janeiro de 1945, a situação era perigosa, agravada pelo forte inverno europeu.

No dia 20 de fevereiro de 1945, as tropas brasileiras se colocaram em posição de combates, com os três Regimentos da Divisão, prontos para dirigir-se na direção de Monte Castello para o 4º ataque.

A esquerda do grupamento brasileiro, o avanço seria iniciado em 18 de fevereiro pela 10ª Divisão de Montanha dos EUA, tropa de elite, que tinha como responsabilidade tomar Monte Belvedere e garantir dessa forma a proteção do flanco mais vulnerável do setor.

A resistência alemã se fez mais uma vez presente e a 10ª Divisão de Montanha Americana não tinha assegurado suas posições, assim o ataque brasileiro ao Monte Castello se fazia imprescindível.

A F.E.B., na sua totalidade, seria convocada para o último assalto ao Monte Castello, mas coube aos três Batalhões do 1º Regimento de Infantaria, a missão de avançar sobre Monte Castello, dominá-lo, de lá, expulsar os integrantes da 232ª Divisão de Infantaria Alemã.

O ataque teve início ao amanhecer do dia 21 de fevereiro, e as tropas em ofensiva constituem o 1º Regimento de Infantaria - Regimento Sampaio.

Os seus batalhões avançam na seguinte ordem: o 1º Batalhão, comandado pelo Major Olívio Gondim de Uzeda, segue pela direita; o 2º Batalhão, comandado pelo Major Sizen Sarmento, vai aguardando posições privilegiadas, que alcançara durante a noite, o momento de juntar-se aos outros dois Batalhões; e o 3º Batalhão, comandado pelo Tenente-Coronel Emílio Rodrigues Franklin, na direção frontal ao monte.

Às 17h e 30, quando os primeiros soldados do Batalhão Franklin do 1º RI conquistaram o cume do Monte Castello, enquanto isso os americanos não haviam vencido a resistência alemã, só o fazendo a noite, com a ajuda de elementos brasileiros que já haviam completado sua missão.

A tardinha daquele dia 21 de fevereiro de 1945, a 232ª Divisão de Infantaria Alemã silenciou.

Foi o ataque final com sucesso absoluto.

O Regimento Sampaio só atingiu o topo do Monte Castello graças a fé, ao patriotismo a disciplina e união de seus heróis.

No dia seguinte, 22 de fevereiro o Tenente Cleber pode executar a tarefa específica para qual fora designado: recolher os cadáveres dos soldados brasileiros que haviam tombado em Abetaia, quando do ataque frustrado a Monte Castello, em 12 de dezembro de 1944.

E nessa atuação heróica da F.E.B., estava o combatente Benedito Nunes da Costa, soldado Nunes, incorporado que estava no 1º RI – Regimento Sampaio, desde o dia 29 de julho de 1944.

A vitória de Monte Castello foi um dos feitos mais significativo da Campanha da F.E.B. na Itália.

Faltava pouco menos de 3 meses para o fim da Segunda Guerra Mundial, quando os soldados brasileiros, enfrentando todo tipo de armadilhas e frio, subiram o morro, com coragem e determinação derrubaram o Poder Nazista.

A conquista do Monte Castello foi um ponto de honra para a tropa brasileira.

Nessa época, havia na Itália 30 divisões alemãs contra 24 dos aliados.

Vencer Monte Castello foi, sem dúvida, um dos atos mais expressivo da F.E.B. na Itália. E não parou aí.

No lapso entre a tomada de Monte Castello e o fim da guerra, a F.E.B. continuou no combate ao inimigo conquistando La Serra, Castelnuovo, Montese, Zocca, Collecchio, Fornovo, Fornovo Di Taro etc. e essa luta incansável das tropas brasileiras só parou quando foi anunciado o fim da guerra com plena e triunfante vitória dos aliados.

Para a alegria da Nação Brasileira, no dia 8 de maio de 1945, no seu quartel general, em Alexandria, o Marechal João Batista Mascarenhas de Moraes dirigia à F.E.B. anunciando a vitória em sua Ordem do Dia publicada no Boletim Interno n º 123, de 3 de maio de 1945 nos seguintes termos:

A ordem de cessar fogo acaba de ser dada a todas as tropas que combatiam na Itália. Glória a Deus nas alturas e paz entre os homens de boa vontade na Terra (...)

(...) É com orgulho sem jactância, e confiança sem exageros, retornemos aos nossos lares, aos nossos quartéis e postos de trabalho, para prosseguirmos na faina sagrada de fazer um Brasil forte e respeitado, em um mundo livre e feliz.

As tropas brasileiras não estavam preparadas quando foram convocadas para lutar na Segunda Guerra Mundial.

Apesar de todas as dificuldades, os soldados brasileiros souberam enfrentar tudo, principalmente os horrores da guerra, marcando presença extremamente positiva no conflito mundial.

Juntos aos aliados, nossos pracinhas brasileiros foram hábeis e souberam enfrentar os episódios da guerra em um momento de decisões mundiais, levando à vitória.

Um bomba que caiu

Certa feita, Benedito e seus companheiros de pelotão receberam ordem do tenente comadante de cessar a marcha e descansar. Imensamente cansados pela longa patrulha, uns se deitaram, outros se sentaram em diversos pontos do local escolhido.

Nisto, um dos soldados começou a limpar o fuzil que carregava.

Em um dado momento, o fuzil disparou atingindo sua própria mão. Imediatamente, o soldado foi socorrido.

Benedito, que estava deitado um pouco afastado, ao ouvir o disparo e ver a conseqüente correria, levantou-se curioso para ver o que havia ocorrido.

Um camarada seu, sentado logo ao seu lado, perguntou a ele:

— Onde você vai?

Benedito respondeu:

— Vou ver o soldado machucado.

Dito isso, não deu nem tempo de Benedito se virar em direção ao companheiro ferido.

Uma granada inimiga caiu no exato local, matando o ferido, os que o socorriam e os que estavam ao redor, deixando ainda um pé de castanheira completamente esvaçalhado.

Ao invés disso, buscaram abrigo atrás da casa.

No entanto, em menos de um minuto, tiveram suas vidas ceifadas por granadas inimigas que ali os alcançaram.

Por ironia do destino

Em outra ocasião, Benedito e seus camaradas do 1º RI se encontravam sob cerrado fogo de artilharia inimiga.

Na busca por um abrigo para se livrarem daquele violento bombardeio que tudo estremecia tudo, Benedito e seus companheiros se aproximaram de uma casa, cujas pessoas ali residentes os convidaram para adentrar.

Benedito e mais alguns entraram, mas dois outros soldados estavam tão desnorteados que optaram por não fazê-lo.

Um queijo muito suspeito

Outra ocorrência em que Benedito arriscou mais uma vez a vida foi quando em um dado combate, os inimigos começaram a atirar granadas de morteiros em direção a sua patrulha. Naquele instante, o sargento comandante da patrulha gritou:

— Deita! Deita!

Antes que o Benedito se deitasse, uma granada passou próximo ao seu pescoço, a ponto dele sentir o calor de sua trajetória.

Passado o susto e em retirada pelo enorme poder de fogo do inimigo, a patrulha acabou se embrenhando morro abaixo e encontrando uma casa.

Ao adentrarem-na, constataram que estava abandonada, mas sob a mesa da cozinha encontraram uma enorme rodela de queijo.

A fome de todos na patrulha era enorme, maior até do que o medo de que o próprio queijo ali deixado tivesse sido envenenado pelos inimigos.



Imagem. Soldado Benedito Nunes da Costa em patrulha
Após alguns instantes, o sargento tomou a iniciativa e disse:

— Quer saber? Entre a granada do morteiro e esse queijo aqui, prefiro o queijo. Além disso, se não comermos o queijo, os tedescos vão comer!

Dito isso, o sargento saca da baioneta e retira um naco grande para si, comendo-o de imediato e apenas lamentando de que não havia uma cafezinho para acompanhar.

Benedito e seus colegas igualmente lamentaram a falta do café e seguindo o exemplo do comandante, sacaram de suas baionetas e comeram com gosto seus pedaços do queijo, nada restando do mesmo.

Um providencial reencontro em Alexandria

Foi em janeiro de 1945 que Benedito reencontrou seu amigo Victório Nalesso e seu primo Benedito Ayres de Campos em Alexandria.

Benedito não os via desde o Brasil, pois como ficara doente, não pode com eles embarcar no terceiro escalão, vindo para a Itália no quarto escalão.

Era mais de uma hora da tarde e Benedito não tinha almoçado e estava com muita fome, ainda mais por ser bom de prato. Victório Nalesso e o primo Benedito ofereceram a ele um caneco com chocolate, pão americano recheado com doces. Ele comeu tudo. Emocionado, agradecia a Deus pela alimentação que de ambos recebeu.

Benedito não teve muito tempo para conversar com os amigos naquele dia porque sua companhia começava a subir os morros que davam para

Monte Castello onde, posteriormente, houve o 4º e último ataque, uma sangrenta batalha que culminou com a vitória dos aliados.



Imagem. Teatro de Operações Italiano da Força Expedicionária Brasileira

Assim que o Benedito voltou para sua companhia, Victório e Benedito Ayres ficaram demasiadamente preocupados, porquanto sabiam que o ataque ao Monte Castello seria desafiadora e mortífera batalha.

Uma amizade inesquecível

Benedito conheceu Anibal Casaroto, natural do Estado do Paraná, durante o período de instrução e preparo no Rio de Janeiro, local de onde foram enviados para a Europa para participar das operações bélicas no Teatro de Operações da Itália, com a Força Expedicionária Brasileira.

Junto ao amigo Anibal Casaroto, Benedito multiplicava as alegrias e dividia as tristezas. Após o retorno ao Brasil, houve a separação dos pracinhas.

Cada um seguiu para sua terra natal. Benedito se despediu do amigo Anibal Casaroto e nunca mais tiveram contato, nunca mais se reencontraram.

Os dois cultivaram uma amizade sincera que ficou apenas nas lembranças de uma temporada que também teve muitas brincadeiras e muita bagunça, isso para tentar amenizar o sofrimento que passavam nos campos de batalha, longe de todos que amavam, longe de tudo que lhes dava sentido à vida.

Apesar da ausência e distância do amigo, o Benedito nunca deixou de contar e recontar as façanhas que aconteceram entre eles ao longo do tempo de convivência. Uma saudade que o tempo não conseguiu apagar. Infelizmente, Benedito não tinha foto e nem endereço desse amigo que ficou na memória.

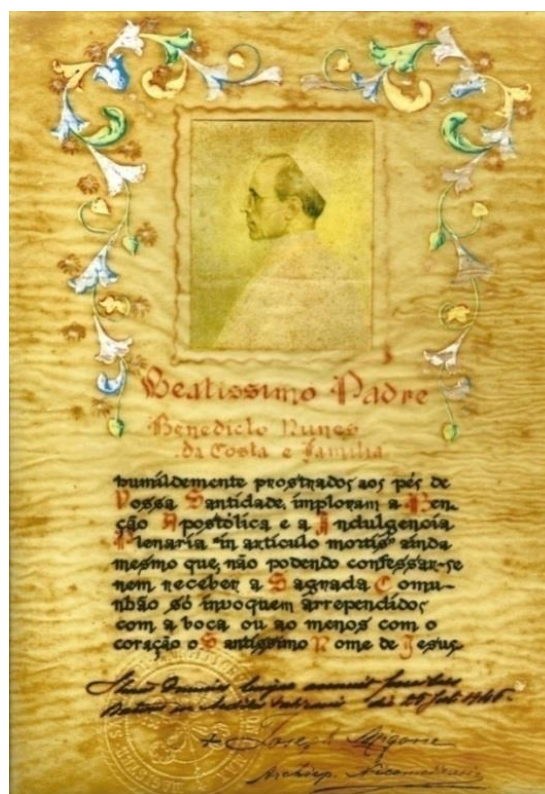
A Benção do Papa Pio XII

Terminada a guerra, o soldado Nunes retornou no 2º Escalão ao Brasil, antes do amigo Victório.

Victório Nalesso, cujo nome de guerra era Nalesso, apesar da saudade da família, resolveu ir visitar Roma que não ficava tão distante de Francolise, local escolhido para os últimos 90 dias melancólicos da F.E.B. na Itália.

Victório, homem de fé permaneceu durante 25 dias em Roma, onde conheceu a Basílica de São Pedro, outras dependências e a Vossa Santidade (o Beatíssimo) o Papa Pio XII.

Nalesso não esqueceu do colega soldado Nunes. Ele trouxe uma lembrança para ele. Era a Benção do Papa Pio XII, em papel pergaminho com o nome completo do amigo.



Benedito, emocionado com o presente tão expressivo, colocou uma moldura no mesmo, pendurou na parede da casa e nesta permaneceu por 65 anos em perfeito estado.

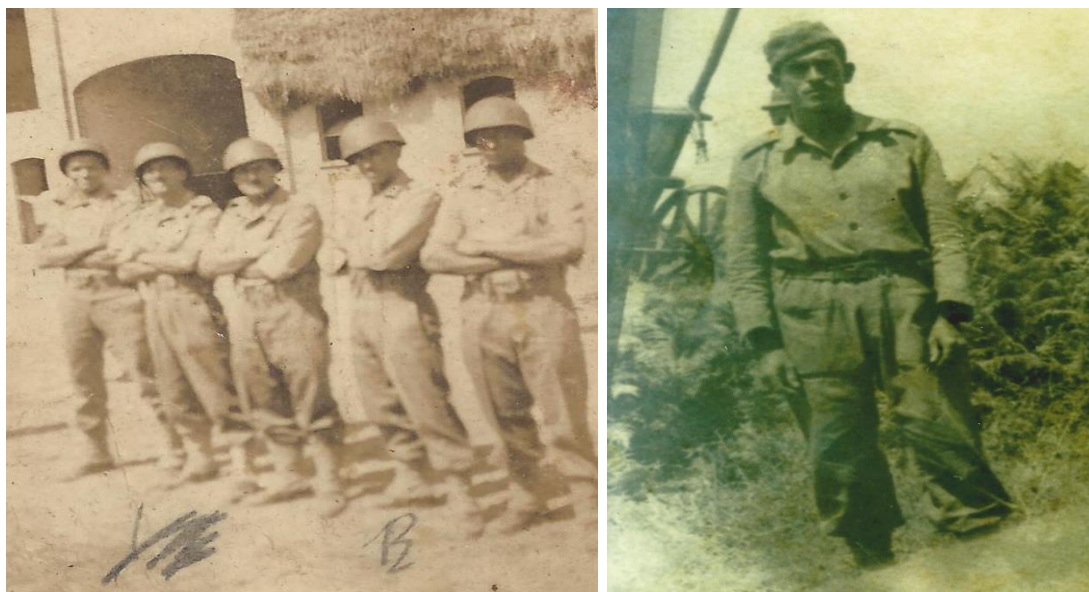


Foto (à esquerda). Alguns integrantes do pelotão do soldado Benedito Nunes da Costa (2º à esquerda). **Foto (à direita).** Soldado Benedito em Francolise, Itália

A Aflição de um Pai

(narrado por Odila de Oliveira Costa)

Toda semana havia um jornal na cidade que era editado com a relação dos soldados mortos nos conflitos da Segunda Grande Guerra Mundial.

Antonio Nunes da Costa já sabia o dia que saía e, toda vez, nesse dia, ele arriava sua mula marchadeira e vinha à cidade de Itapetininga para comprar o jornal e ter notícias de seu filho.

De volta, já em casa, ele verificava nome por nome na lista dos soldados falecidos na guerra. Quando terminava a leitura da relação dos mortos, ele respirava aliviado.

Por um lado triste com tantas mortes, por outro contente por ter a esperança de seu filho ainda estar vivo, mesmo em meio a uma guerra tão brutal.

Havia também um serviço de alto-falante no meio da Praça Marechal Deodoro da Fonseca, Largo dos Amores, que tocava músicas e divulgava notícias dos jornais de São Paulo.

Foi um órgão informativo de grande importância, principalmente para familiares aflitos em busca de notícias da guerra.

O estúdio desse órgão informativo era localizado em uma casa onde atualmente está construído o Edifício Barão de Itapetininga.

As ondas agitadas, ou seja, os boatos, as notícias desencontradas daquele tempo, deixavam o coração do Tônico espatifado.

O consolo de um amigo

Quando a saudade e a ansiedade apertavam, Tónico Ricardo, pai do Benedito Nunes da Costa, ia à fazenda Santa Margarida, onde morava sua futura nora Odila de Oliveira, em busca de notícia de seu filho.

Ele sabia que Odila recebia cartas do Benedito, afinal eles eram namorados desde antes dele partir para a guerra.

O pai da Odila era o Senhor Eugênio de Oliveira, administrador da fazenda Santa Margarida, de propriedade do Senhor Godofredo Belfort Ribeiro D'Arantes.

Eugênio e Tónico Ricardo eram compadres.

Na casa do compadre, muitas e muitas vezes Tónico Ricardo não conseguia conter as lágrimas e chorava. Chorava muito. Enquanto o futuro sogro chorava, Odila tentava ser forte.

O que nunca faltou da boca do Eugênio foram palavras de consolo e de esperança para aquele pai passando por um momento tão desesperador em sua vida.

Eugênio dizia: — Força compadre! Deus o trará de volta.



Foto (da esquerda para direita). os compadres Tónico Ricardo, pai de Benedito Nunes da Costa e Eugenio de Oliveira, pai de Odila de Oliveira.

E, assim, Tônico ia substituindo o desespero pela esperança. Sem dúvida de coração transpassado, mas confiante não duvidava que seu filho voltaria.

E, de fato, o Benedito regressou para a felicidade e alegria de todos.

A convocação de Benedito segundo Odila

O acontecimento que marcou a vida da jovem Odila de Oliveira foi a convocação de seu namorado para combater na Segunda Grande Guerra Mundial.

Foi, sem sombra de dúvida, o dia mais triste para ela como namorada do jovem Benedito.

Assim que ela ficou sabendo, sentiu uma enorme tristeza que levava a uma desilusão, mas foi forte e resiliente o bastante para refletir e entender que não era na tristeza que se enfrentava os desafios da vida.

Fazia dois anos que ela estava namorando quando o Benedito Nunes da Costa partiu para a Itália para lutar na Segunda Guerra Mundial.



Foto. A moça Odila de Oliveira (1945)

Na estrada da vida, encontramos algumas pessoas que nos animam e outros que nos desanimam.

Com Odila não foi diferente. Os parentes dela, principalmente sua tia Eugênia, muitas vezes tentaram passar pensamento negativo, desencorajando-a da esperança que ela nutria de revê-lo em terra brasileira, vivo e sem marcas físicas herdadas das batalhas enfrentadas na Itália.

Odila nunca fraquejou.

Sua fé era grande e a esperança enorme de um dia encontrar seu amado, abraçá-lo e unir-se a ele pelos laços do matrimônio.

O tempo foi passando e a saudade aumentando.

O que a consolava eram as correspondências que recebia, certificando-se de que ele realmente estava vivo.

Apesar do pensamento positivo, não foi fácil para Odila enfrentar esse espaço de tempo longe do namorado. Com quem cruzava nas trilhas da vida nessa temporada, lamentava a surpresa que o destino havia preparado a ela.

E dizia que a surpreendeu.

Contava aos mais próximos que durante esse tempo distante do namorado, em alguns momentos quase morreu de tanto sofrimento e chorava escondido dos seus familiares. Mas que também tinha fé que ele poderia voltar.

Deve ter sido um dia inesquecível, um dia belíssimo, quando a Odila pode ouvir a frase:

— A guerra acabou!

Secaram suas lágrimas de tristeza e saudade e, em seu lugar, brotaram lágrimas de emoção e felicidade. A ansiedade do reencontro redobrou. Nela, reacendeu a esperança de subir ao altar e se casar com aquele que muito amava. Como dizem os religiosos: “A fé remove montanhas”.

Cartas de Amor em meio a uma guerra

Quando o Benedito Nunes da Costa foi convocado para participar da Segunda Grande Guerra Mundial, ele já namorava a jovem Odila de Oliveira.

Ele morava no Bairro da Chapada Grande e ela morava na Fazenda Santa Margarida de propriedade do Senhor Godofredo Belfort Ribeiro D’Arantes. A fazenda estava localizada próxima ao sítio onde ele morava e era administrada pelo pai da jovem, o Senhor Eugenio de Oliveira.

As cartas constituíam um importante papel na vida do povo naquele tempo. Tratavam-se elas de elementos de composição vocabular por meio das quais as pessoas podiam se comunicar de lugares distantes e, por meio de suas palavras escritas, expressar seus sentimentos.

Com o Benedito não foi diferente. As correspondências da época não chegavam à zona rural, assim como ainda não chegam pelas mãos dos carteiros nos dias atuais, e sim por terceiros.

Quer tenha sido em Caçapava, ou no Rio de Janeiro, ou posteriormente durante os combates na Itália, Benedito nunca deixou de escrever para a sua namorada Odila.

Foram várias cartas sendo que, muitas delas, a Odila recebeu e algumas perdeu, talvez durante mudanças. Mas a família ainda tem em mãos quatro delas.

Como Benedito e Odila moravam em sítios na zona rural, as cartas que chegavam para este destino em Itapetininga eram encaminhadas à casa São Pedro, sito Rua Quintino Bocaiúva, antiga Rua das Tropas, n.º 89, tradicional armazém de secos e molhados, sacarias, bebidas finas nacionais e

estrangeiras, artigos para fumantes, ferragens, louças, miudezas, etc fundado em 1926 pelo comerciante Amador Nogueira.

Carida Odila

A minha menina tão boa e sã
será, e, a quem deslignei toda meu
amor, nada mais eu poderia dese-
jar de que muita saúde e felicidade
de sua companhia de sua desbrata
família. Quanto a mim, Dila, gra-
ças a Deus, nada me tem faltado,
somente, tenho comigo uma saudade
infunda de você e minha família.
Você, Dila, que é tão boazinha, deve con-
funde o quanto é triste estar distan-
te dos meus, entre queridos; não tem ao la-
pouco o da menina que se ama. E, aho-
ra para aumentar minha tristeza, não
recebi uma carta sequer da minha Mãe
Dila, já se fazem 4 meses que esti-
vamos juntos. E desde aquela 25 feira,
vi seu lindo rostinho e não mais
vi sua meiga voz. E lamentável, não
nem ter ao menos para me confortar
uma sua fotografia.

Dila, será que por ventura você se en-
querra de novo que muito a estimo? Talvez
você arranque um novo amor? Mas, não
é possível acreditar que você que de

essencialmente sincera firme a fazer tal
coisa. Porém o fato de você não me escrever
já há 6 meses me faz pensar, até mesmo,
que você me esqueceu. Talvez, você me esque-
resse e as cartas se esgotaram ou mesmo
não ter você meu endereço. Neste caso, Dila,
peço mil desculpas e retiro toda as en-
vivas devidas.

E, agora, mudando de assunto como
vai você, Dila? Espero que tudo lhe tenha
sido bem. Tem saudades muito? Tem sido
a família? Escreva-me contando como foi
de Natal e de Ano Novo; e se foram boni-
tas como as dos anos anteriores, as nossas
festas. Enfim, escreva-me contando as novi-
dades da nossa terra, pois, infelizmente,
eu aqui quase nada tenho a contar.

E aqui, Dila, me despeço pedindo a
Deus mil felicidades para você e fica-
rei aguardando cartas suas e tanto bem-
vinda sua fotografia. Desta que muito
a amo e que não a esqueço um só
momento.

Dito
Italia, 21 de Março de 1945.
meu endereço é: Benedito M. Costa
301 - F. E. B.

Imagem. Carta de Benedito Nunes da Costa de 21 de Março de 1945 à Odila.

Como a Casa São Pedro era também o armazém onde os sitiantes faziam suas compras, cabia ao Sr. Amador entregar as cartas aos familiares.



Foto. Casa São Pedro (1947), atualmente sede de posto de combustíveis

No entanto, não se sabe o porquê, mas várias dessas cartas eram destinadas à Márcia Nunes da Costa, irmã do Benedito, mas apenas no envelope.

Outro fato que nos chama a atenção é a grafia das cartas que são diferentes umas das outras, como podemos observar.

A família acredita que o Benedito não gostava da sua própria letra e, talvez por isso, ele pedia a um de seus colegas soldados que escrevesse enquanto ele ditava a mensagem à amada. Às vezes vinha até um versinho amoroso. Ele era bastante acanhado e tímido, ou porque tinha dificuldades para escrever, principalmente quando se tratava de uma correspondência. Assunto que nunca os filhos questionaram ao Benedito.

A Foto da Irmã Lucinda

Benedito Nunes da Costa estava em companhia de seu primo Benedito Ayres Campos e do amigo Victório Nalesso, novamente em Alexandria. Mas agora, todos estavam felizes, eufóricos, pois a guerra havia terminado. Faziam planos para o futuro.

Nunes colocou a mão no bolso da jaqueta e puxou uma carta que tinha recebido naquele mesmo dia de seus familiares.

Ele queria ler e reler junto ao seu primo Campos porque já fazia quatro meses que eles não se encontravam. Nunes chamou o companheiro Victório para tomar parte da leitura da carta.

Assim que foi lida a carta, o soldado Nunes levou a mão direita ao bolso novamente, tirou um papel e mostrou ao seu primo Campos. Era uma fotografia 3x4. Ele disse:

— Eu tenho três irmãs moças e todas me querem bem, mas esta que me mandou a foto é a que mais me quer bem.

O primo olhou e disse:

— Ah, é a Lucinda.

O soldado Victório Nalesso ficou de lado observando tudo.

De repente o Nunes disse:

— Olha, Nalesso, a minha irmã, como é bonita!

E entregou a foto na mão do Victório. O Victório ficou a contemplar a fotografia da moça que, de fato, era muito bonita mesmo. Victório perguntou ao Nunes:

— Mas é mesmo de sua irmã esta foto?

Nunes respondeu:

— Claro que é.

O Victório se afastou, beijou a foto e falou:

— É com esta sua irmã Lucinda que vou me casar quando retornar ao Brasil. Você vai ser meu cunhado.

Victório guardou a foto na sua carteira. Nunes, vendo que ele guardou a foto, não insistiu para que ele devolvesse e entraram em outros assuntos como o regresso para o Brasil.

Às onze horas da noite se despediram. O Victório teve muito cuidado na hora dos abraços para não ficar sem a foto. Ele disse:

— Não precisa me abraçar não.

Mas não teve jeito, Nunes tinha muita força, abraçou o Victório bem forte, mas não tentou recuperar a foto.

Nunes foi embora de sua unidade e o Victório ficou com Campos, seu primo, e começou a brincar:

— Você vai ser meu primo, Campos!

A brincadeira que o pracinha Victório Nalesso fez, em pleno campo de batalha, dizendo que se casaria com a moça da foto mostrada pelo Soldado Nunes, acabou virando realidade.

De fato, logo depois que retornou da Itália, no dia 2 de novembro de 1945, o Ex-Combatente Victório Nalesso foi visitar o cemitério São João Batista, em Itapetininga, era dia de finados. Frente ao Campo Santo ele viu uma moça.

Se aproximou da mesma e reconheceu ser a moça da foto, a Lucinda. Ela era tímida mas ele conversou com a jovem e propôs namoro.

O fato aconteceu debaixo de uma árvore.

Três meses depois, no dia 16 de fevereiro de 1946, o casamento aconteceu no mesmo dia em que a irmã dela, Maria, também se casou. Para poupar gastos, o pai delas decidiu que se casassem no mesmo dia.



Foto (à esquerda). Foto 3x4 de Lucinda que Victório guardou para si.

Foto (à direita). Victório e Lucinda casados em 16/02/1946.

Lucinda Nunes da Costa casou-se com Victório Nalesso, e sua irmã Márcia Nunes da Costa casou-se com Flávio Vieira Nunes.

Lucinda passou a assinar Lucinda Nunes da Costa Nalesso.

A Árvore Centenária

Coincidência ou destino. Não sei.

Era dia 2 de novembro de 1945, dia de finados, o Ex-Combatente Victório Nalesso foi visitar os entes queridos no Cemitério Municipal São João Batista. Neste local, às 15 horas, ele viu uma jovem.

Não teve dúvidas: era a moça da foto que Benedito lhe mostrara na Itália. Dela se aproximou e debaixo de uma árvore, na Rua do Santíssimo Sacramento, defronte ao cemitério, iniciava o namoro do Ex-Combatente Victório Nalesso e Lucinda Nunes da Costa.

Cabe lembrar, namoro estes originado pela foto dela, Lucinda, que a própria remeteu ao seu irmão Benedito Nunes da Costa, enquanto este estava em combate na Itália.

O tempo passou mas na memória do Ex-Combatente Victório está gravado o acontecimento. Quando um parente ou amigo parte para outro lado da vida, Victório Nalesso marca presença na despedida fúnebre no Cemitério.

Depois do último adeus, o finado é baixado a sepultura.

Victório e demais parentes e amigos presentes deixam o Campo Santo. Às vezes visitam a sepultura de alguns entes queridos.



Foto. Ex-combatente Victório Nalesso (centro) debaixo da árvore centenária a qual tornou-se o marco de um amor eterno (2018). Da direita para a esquerda de Victório Nalesso: Amigo João Inácio Correia da Silva, Reinaldo Nunes da Costa, Antonio Carlos da Costa (ao fundo), José Benedito da Costa (ao fundo) e Márcia Nunes da Costa Oliveira. Da esquerda para a direita de Victório Nalesso: Ricardo Nunes da Costa, Ilma Ferreira da Costa, Daniele Ferreira da Costa Santos; Doroti Graciano Alcântara da Costa, Orlando Nunes da Costa e Maria Aparecida Costa.

Frente ao cemitério, os familiares vão se reunindo. Victório aproveita o momento para descontração. Sabe como? Contando como iniciou o namoro com sua esposa Lucinda.

Passados 73 anos do término da Segunda Guerra Mundial e do primeiro encontro da eterna namorada, que aconteceu debaixo de uma árvore, agora frondosa e centenária, o ex-combatente Victório Nalesso com 96 anos de idade, rememora aquele dia contando a história da foto passo a passo, com as palavras que nunca fogem de sua mente e de seu coração. E nunca falta ouvintes.

Benedito e Odila – Eternos Namorados

Um dia se conheceram, se apaixonaram e se tornaram eternos namorados. Um elo uniu seus corações.

Um dia, o Benedito teve que se deslocar para os campos de batalha na Europa. O oceano os separou fisicamente, mas não separou o amor que existia entre aqueles dois jovens.



Foto. *Odila e Benedito: seis décadas de casamento e vida familiar*

Tudo passou e com as graças de Deus eles puderam se reencontrar. Um dia se casaram e juraram amor até que a morte os separasse. E assim foi cumprido.

Foram 61 anos, dois meses e seis dias de vida conjugal. E, ao longo desses anos, construíram uma linda família. É uma das eternas lembranças dos anos passados.

Regresso à Pátria e de volta à Roça

Fim da guerra: 8 de maio de 1945.

A ansiedade dos soldados era tanta para retornar ao seu país de origem. Com o Benedito não foi diferente.

Assim que ouviu a notícia de que a guerra havia acabado a ansiedade tomou conta do Benedito. Ele queria voltar ao seio familiar no Bairro da Chapada Grande o mais rápido possível.

Em nenhum momento pensou em recompensa, em seguir carreira ou reivindicar qualquer tipo de direito. O prazer de trabalhar com a terra falava mais alto. Pessoa simples do campo ele não conseguia imaginar fazendo outra coisa.

No entanto, foram 90 dias de espera aguardando o embarque para retornar à terra natal.



Foto. Navio S.S. Mariposa que transportou o soldado Benedito e seus companheiros da F.E.B. de volta ao Brasil

Benedito retornou com o 2º Escalão no Navio S.S. Mariposa, que deixou o Porto de Nápoles no dia 12 de agosto de 1945.

Depois de 11 dias e 11 noites de viagem de retorno, o grande navio transporte de tropas americano ancorou no Porto do Rio de Janeiro no dia 22 de agosto de 1945.

Os soldados desembarcaram como heróis brasileiros pela brava e heroica atuação nos campos de combate na Itália.

Uma vez no Brasil, os pracinhas foram recebidos com muita festa pela população.

Antes do retorno a casa, ainda na Vila Militar no Rio de Janeiro, os soldados devolveram todo o material do Exército, receberam pagamento e receberam também o certificado de Serviço Militar.

Como aconteceu na viagem de ida ao Rio de Janeiro o mesmo aconteceu para Benedito no retorno a Itapetininga. O meio de transporte era o trem.

Para Benedito, os momentos de emoção nas despedidas começaram no Rio de Janeiro, depois em São Paulo e, finalmente, em Itapetininga.

Eram soldados vindos de perto, vindos de longe, de outros estados, de outras cidades, de tantas zonas rurais e todos estiveram nos campos de batalha na Itália, naquele assustador conflito em escala mundial.

Benedito falava muito de um amigo de combate chamado Anibal Casaroto natural do Estado do Paraná de quem ele se despediu e nunca mais o encontrou e nem teve notícias.

Uma vez de volta ao seio familiar em setembro de 1945, Benedito voltou a enfrentar a dura tarefa da lavoura, mas, era o que ele mais gostava, uma vez que sua participação na Segunda Guerra Mundial foi um período de distanciamento da roça, como se ele tivesse tirado férias forçadas daquele cotidiano agrícola, pois seu foco era então o combate.

E assim ele fez, homem simples, em seu coração nunca houve lugar para a soberba e a vanglória. Logo que a guerra cessou, portanto, Benedito retornou, tomou da enxada e recomeçou seu árduo trabalho na roça, o que fez por mais 66 anos, até o final de sua vida terrena.

Uma família de Combatentes

(narrado pelo Dr. José de Almeida Ribeiro)

Imenso mistério é a vida.

Um dia os ventos contrários chegaram na família do senhor Antonio Nunes da Costa carinhosamente conhecido como Tônico Ricardo.

Foi surpresa? Talvez não. Porque nos quatro cantos do mundo todas as famílias temiam pela convocação de um filho, um marido, um pai... para lutar na Segunda Guerra Mundial.

Com o coração estilhaçado, Tônico viu seu filho Benedito Nunes da Costa partir para combater nos campos de batalha da Itália.

Mas, dessa descendência não foi só o Tônico que sentiu a partida de um filho rumo a guerra sangrenta, sem saber se retornaria vivo ou morto a sua terra natal.

Do lado paterno o senhor José Nunes da Costa (Jeca Ricardo), tio do Benedito chorou na despedida do filho Antonio Nunes da Costa (Nico) rumo a guerra.

Também lágrimas rolaram quando o filho Lázaro Nunes da Costa (Lazinho) pediu bênçãos ao pai Joaquim Nunes da Costa (Quim Ricardo), tio do Benedito.

Um outro do lado materno foi o Benedito Ayres de Campos (Dito Cândia) que não conteve as lágrimas ao pedir bênçãos ao seu pai João Cândia de Araujo.

Outros integrantes da F.E.B. retornaram a nossa região e no vai e vem da vida conheceram pessoas da descendência do Benedito Nunes da Costa, se casaram e tornaram-se membros da família. Um deles é o dinâmico Ex-combatente Victório Nalesso que se casou com Lucinda Nunes da Costa irmã do Benedito.

Outro é o Ex-combatente Benedito Morelli que contraiu matrimônio com a jovem Maria Vieira Nunes, irmã de Flávio Vieira Nunes e Pedro Vieira Nunes cunhados do Benedito Nunes da Costa.

Todos esses membros da Família Nunes da Costa, e outros que pós-guerra integraram na família unidos pelo matrimônio, longe da família e da Pátria, juntando forças deram sua contribuição derramando suor na conquista da paz universal e sobreviveram ao conflito que incendiou quase todo o mundo. E voltaram como verdadeiros heróis nacionais depois da esplêndida vitória dos aliados.

Alterações do Soldado Benedito Nunes da Costa



SOLDADO 321 BENEDITO NUNES DA COSTA
1º Regimento de Infantaria – Regimento Sampaio
Força Expedicionária Brasileira

Sorteado em 26 de agosto de 1943 e incorporado as fileiras do Exército Brasileiro para prestação do Serviço Militar Inicial na graduação de soldado da 2ª Companhia e, a posteriori, da 3ª Companhia do 5º Batalhão dos Caçadores sediado em Itapetininga/SP.

A 7 de junho de 1944, realizou exames médicos em São Paulo capital. Em 17 de junho, seguiu para Caçapava onde foi incorporado à Força Expedicionária Brasileira (F.E.B.) com destino ao Teatro de Operações Italiano da Segunda Guerra Mundial.

Dia 29 de julho de 1944, deixa Caçapava rumo ao Rio de Janeiro a fim de completar em unidades dos regimentos que deveriam seguir para a guerra e continuar as instruções de avanço e progressão em campo.

Transferido para o 1º Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro, o Regimento “Sampaio”, recebendo o nº 321, unidade com a qual seguiu para a Itália integrado ao 4º escalão da Força Expedicionária Brasileira no dia 23 de novembro de 1944 (abordo do *U.S.S. General Meighs*).

Desembarcou no Teatro de Operações Italiano em 7 de dezembro de 1944, nele permanecendo até 12 de agosto de 1945, tendo participado com o 1º Regimento de Infantaria de vários combates, a citar os ocorridos nas localidades de Monte Castello, Montese, Castelnuovo e Fornovo di Taro.

Com o final da guerra de 8 de Maio de 1945, deixou a Itália em 12 de agosto de 1945, desembarcando no Brasil a 22 de agosto de 1945 (abordo do *U.S.S. Mariposa*), tendo sido licenciado do serviço ativo em 13 de setembro de 1945, passando para a condição de soldado reservista de 1ª Categoria.

Por ter participado de operações bélicas durante a Segunda Guerra Mundial, Benedito Nunes da Costa teve o período compreendido entre 23 de novembro de 1944 a 8 de maio de 1945 que esteve no Teatro de Operações Italiano com a F.E.B. contado em dobro, o qual, somado ao tempo de serviço prestado no 5º Batalhão de Caçadores, totalizou dois anos, seis meses e quatro dias de efetivo Serviço Ativo no Exército Brasileiro.

Ademais, por ter como integrante da F.E.B. participado de Operações de Guerra na Itália sem nota desabonadora, o soldado Benedito Nunes da Costa foi agraciado com a Medalha de Campanha.

Por fim, em 5 de outubro de 1988, por força do Artigo 53 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988, Benedito Nunes da Costa, soldado reservista de 1ª categoria, foi reformado na graduação de soldado com honras e vencimentos do posto de 2º Tenente do Exército Brasileiro.



Capítulo III.

Ex-Combatente da 2ª Guerra Mundial

O Cacho de Bananas

8 de maio de 1945. A guerra acabou. Essa era a notícia que Antônio Nunes da Costa (Tonico Ricardo) e muitos outros pais esperavam ouvir.

Sabendo que guerra havia acabado Tonico apressadamente correu até o quintal da casa onde morava no Bairro da Chapada Grande onde havia um pomar, escolheu o cacho de banana mais bonito, bem verdinho e no ponto certo de colher, cortou-o com muito cuidado, levou-o a área de serviço e pendurou em um caibro perto do poço. Tonico retornou ao quintal. Cortou outro cacho de banana e pendurou também.

Em seguida, chamou os nove filhos ali presentes, Euclides já era casado e advertiu-os apontando para o primeiro cacho:

– Não quero que mexa neste cacho de banana. É para o Dito que vai chegar da guerra. Até ele chegar, as bananas estarão maduras.

Que gesto simples, mas bonito do Tonico. É o puro amor de um pai para com um filho. O amor é lindo quando é demonstrado nas pequenas coisas.

Um presente da Itália para a irmã Caçula

(narrado por Luzia Nunes da Costa Silva)

Luzia Nunes da Costa a caçula dos onze irmãos, nasceu no dia 13 de dezembro de 1941 (Dia de Santa Luzia) e faltava apenas 112 dias para ela completar 4 anos de idade no dia em que Benedito chegou da Europa depois de ter participado da Segunda Grande Guerra Mundial, que culminou com a vitória dos aliados (Inglaterra, França e EUA).

Embora pequena, Luzia se lembrava do dia em que o irmão Benedito retornou a casa após temporada na Europa.

Ela contava que ele chegou sorrindo com os braços abertos, caminhando lentamente no grande terreiro frente ao casarão de taipa onde a família toda morava, em um sítio próximo ao povoado do Bairro da Chapada Grande.

Isto tudo depois de dar seu sangue, suor e lágrimas lutando nos campos de batalha da Europa e após longa e cansativa viagem de regresso.

Mas Benedito não se esqueceu de sua irmã caçula e, na ocasião, trouxe-lhe um terço benzido na Itália para presenteá-la.

Retorno à casa paterna e casamento

Uma vez de volta à casa paterna no Bairro da Chapada Grande em setembro de 1945, Benedito foi recebido com muita alegria pelos pais e por todos os irmãos e demais familiares e amigos.

Em sua bagagem, ele trouxe além de seus pertences, um certo valor em dinheiro que recebera do Exército assim que desembarcou no Rio de Janeiro.

No sítio, ele recomeçou a atividade na roça trabalhando e economizando para realizar um sonho: casar-se com a namorada Odila. E não tardou.

No ano seguinte, no dia 27 de julho de 1946, eles se casaram. Odila de Oliveira passou a assinar Odila de Oliveira Costa.



O casamento foi realizado na cidade de Itapetininga e a festa na Fazenda Santa Margarida de propriedade do senhor Godofredo Belfort Ribeiro D'Arantes.

Essa fazenda localizada próxima ao Bairro da Chapada Grande era administrada pelo senhor Eugênio de Oliveira, pai da noiva.

O que Benedito mais gostava foi realizado.

Uma festa com direito a um bailão que começou ao declinar da tarde quando o sanfoneiro puxou o som do fole e todos se animaram, só parando de dançar quando o dia clareou. Odila também gostava de dançar.

Enfim, os noivos se divertiram muito nessa festa; eles foram um par constante a noite inteira. O baile não podia faltar nas festas.

Era uma tradição do passado.

Foto. *Benedito e Odila no dia do casamento.*

Depois do casamento, no dia seguinte Benedito e Odila foram morar na chácara do Sargento Teixeira no Bairro da Chapada Grande e próximo ao sítio dos pais de Benedito.

Benedito nasceu e cresceu no Bairro da Chapada Grande, um pequeno bairro no município de Itapetininga. Uma zona rural com diversas atividades como criação de muares e gado e o cultivo de cereais e vegetais. Era o 3º dos

11 filhos. Ainda criança começou a trabalhar para ajudar no sustento da família. Agora casado, iria trabalhar em prol da construção e sustento de sua própria família.

No entanto, ali na chácara do sargento Teixeira, o casal permaneceu por pouco tempo. De fato, depois de um ano trabalhando e juntando economias Benedito e seu pai Tônico compraram um pequeno sítio no Bairro de Santa Adelaide, município de Tatuí.

Benedito e seu pai eram sócios do sítio, compraram em sociedade. Em 1947, Benedito e Odila se mudaram para lá e ali residindo até 1954.

Canções de soldado para toda a vida

Desde a infância de seus filhos o agora ex-combatente Benedito Nunes da Costa já cantava para os pequenos ouvirem algumas canções que os soldados brasileiros cantavam durante as instruções de preparação para participarem na Segunda Grande Guerra Mundial.

Segundo contava Benedito, em Caçapava, Rio de Janeiro e posteriormente nos campos de batalha na Europa, ele e seus companheiros cantavam incansavelmente os hinos oficiais, canções patrióticas etc.

A Canção do Expedicionário foi a que mais marcou, pois, a letra fazia os soldados lembrarem o lugar onde nasceu e enquanto na Europa lembravam a Pátria distante.

Benedito dizia que com o coração palpitante de emoção e entusiasmo os soldados cantavam e recantavam longe da terra natal.

E era assim também que o Benedito lembrava sua participação na árdua batalha em terras estranhas.

Relembrando o passado, ele cantava e os filhos ficavam admirados ao ouvi-lo. Muitas vezes ele se emocionava e de seus olhos caíam lágrimas. Com os olhos lagrimejando muitas vezes ele esquecia trechos da letra da canção, mas isso nunca o intimidou diante dos filhos.

Além das canções como: Canção do Expedicionário, Canção do Soldado, Canção Avante Camarada e outros hinos ele cantava e recitava também músicas que ele aprendeu quando ainda estava no Rio de Janeiro recebendo instruções antes do embarque para a Europa.

Ele contava que nos momentos de folga os soldados iam a diversões nos bairros próximos ao quartel na Vila Militar, onde ocorriam shows, danças e foi ali naqueles divertimentos que ele aprendeu várias músicas dentre elas: Falsa baiana, Heróis da retaguarda etc. A Falsa baiana era a música que ele mais cantava, talvez sua preferida.

Passadas mais de seis décadas depois, na memória do Benedito ainda permanecia a lembrança viva da guerra.

Homenagem a um Herói

Na sensibilidade de sua alma e na simplicidade de suas palavras Marcos Vieira Costa (genro) descreve nestes versos a trajetória do ex-combatente Benedito Nunes da Costa.

Sua preocupação foi mostrar nestes poucos versos a vida do Benedito desde sua infância, adolescência, juventude e melhor idade.

O principal objetivo do Marcos em escrever estas poesias foi homenagear o seu sogro o ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira Benedito Nunes da Costa que atuou nos campos de batalha da Itália.

Marcos ainda criança conheceu o Benedito e após alguns anos casou-se com a filha caçula do ex-combatente, Regina Maria da Costa.

Foram décadas de convívio com o expedicionário por quem ele tinha grande admiração, respeito e em uma convivência onde muito aprendeu.

A família achou “genial” estes poemas e bem próprio para lembrarem a vida, digo a trajetória de vida terrena deste herói da Segunda Guerra Mundial. Vamos conhecer dois de seus melhores poemas:

Minha Trajetória de Vida

Autor: Marcos Vieira da Costa

*Sou Dito, filho do Tônico nascido em 1921
Foi sofrido e estava escrito
Carpi café e algodão de pé no chão
Desdobrei madeira com serra trançadeira
E fiquei até os vinte e quatro anos no
Domínio do meu pai quando
Ele fez como Pilatos, lavou as mãos
Quando ganhei uma excursão
Fui mandado para Europa
Guerrear contra o alemão
Defendendo a minha Pátria
Na Segunda Guerra Mundial entre 1944 e 1945
Atirei em quem eu não conhecia
Estive em Livorno, Nápoles, na tomada de Monte Castelo.
Escapei com vida, mas era só o meu destino que estava nas mãos de Deus.
Voltei, continuei o meu trabalho
Constituí família e aí senti o peso da vida.
Agora não só minha vida estava nas mãos de Deus, mas de mais sete
Trabalhava e guardava
Estou satisfeito. Vivo no que gosto
Faço o que gosto
Aprendi a viver com pouco
Tenho muito, mas não sou luxento*

EU

Autor: Marcos Vieira da Costa

*Vim ao mundo
Já que vim, encarei não tive medo da morte.
Pois da forma que nasci vou morrer
Me diverti mais sempre respeitei
Malandragem de juventude
Conheci e participei
Conheci o amor e me encantei
Boiada vendi e boiada comprei
Com o serviço nunca me intimidei
Hoje faço meus anos
E com todos os passados
Nunca fraquejei*

O Dia da Vitória e emoção ao falar da Guerra

A participação do Brasil na Segunda Grande Guerra Mundial e a data de encerramento dos combates, ou seja, o Dia da Vitória (8 de Maio de 1945) são lembrados a cada ano.

Sempre houve o tradicional desfile do Tiro de Guerra de Itapetininga, hasteamento das bandeiras e exposição das lembranças dos pracinhas.



Foto. Pracinhas Itapetininganos em evento do Dia da Vitória no Tiro de Guerra de Itapetininga. A seta azul aponta para Benedito.

Benedito não comparecia a esses eventos porque era homem humilde e se sentia inibido diante das autoridades e aglomerações de pessoas.

Uma vez, no entanto, ele compareceu a uma das solenidades anuais do Dia da Vitória realizadas pelo Tiro de Guerra.

O pior para Benedito, contudo, sempre ocorria quando ele falava da guerra. A emoção tomava conta dele e ele chorava.

Lembranças de um Ex-Combatente

Benedito Nunes da Costa sempre guardou com carinho, fotografias, farda, distintivo da cobra fumando, distintivo fornecido pela Divisão de Infantaria Expedicionária, Diploma da Medalha de Campanha, Medalha de Campanha, plaquetas de identificação, Certificado de Reservista de 1ª Categoria, o Manual de Orações do Soldado Brasileiro etc.



Imagens. Diploma da Medalha de Campanha (à esquerda) e Certificado de Reservista de 1ª Categoria (à direita) que pertenceram a Benedito.

Benedito levou à Itália o seu bem mais precioso

Benedito deixou tudo para trás, a família, a namorada, os amigos, os colegas, etc. Só não deixou bens materiais porque não possuía nada.

Com 23 anos de idade a economia era administrada pelo seu pai. Mas levou o que de mais precioso o ser humano deve ter – A fé.

E para fortalecer, prestar ajuda nesse momento tão difícil, que os soldados brasileiros tiveram a sorte de ter ao lado deles dedicado Frei Orlando, capitão capelão que durante toda a temporada de preparação, viagem e luta nos campos de batalha na Itália, atuou como um verdadeiro psicólogo.

Apesar do medo que sentia, Benedito tinha muita fé.

Ele era muito brincalhão e na sua maneira de ser, nas horas certas, ele soube encorajar os companheiros deprimidos, tentando fazer diferente a vida deles. Com sua alegria, suas façanhas levantavam uns e deixava outros enfurecidos esquecendo a tristeza. Fazia tudo por amor ao próximo.

Entre os objetos, roupas e outros pertences, os soldados receberam também um catecismo com o título *Manual de Orações do Soldado Brasileiro*, organizado pelo Major Cláudio de Paula Duarte da União Católica dos Militares – Editora Vozes (1944).

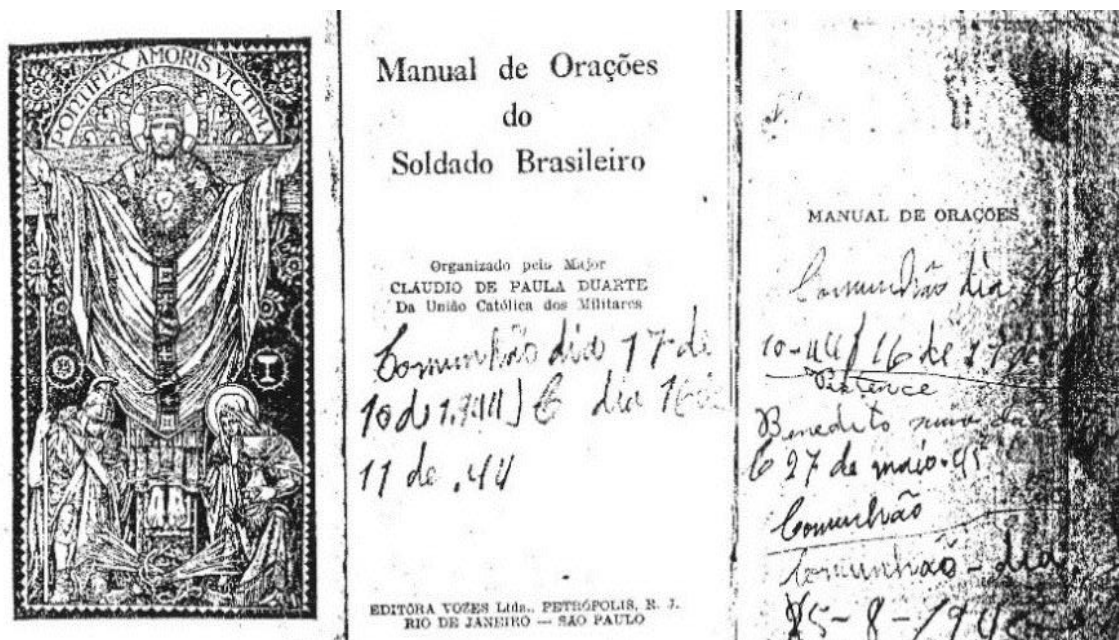


Imagem. *Fac-símile da capa do Manual de Orações do Soldado Brasileiro que pertenceu ao soldado Benedito Nunes da Costa com suas anotações.*

O catecismo foi uma ferramenta de grande importância para os soldados brasileiros.

Quando teve tempo ou lembrou, Benedito anotava no próprio catecismo o dia em que ele recebeu a Santa Comunhão no Brasil e na Itália.

Esta preciosa relíquia está guardada entre outros pertences de Benedito Nunes da Costa que atualmente seus descendentes guardam com grande carinho e suma reverência.



***Foto à esquerda. Soldado Benedito Nunes da Costa (1944).
Foto à direita. Ex-Combatente Benedito Nunes da Costa (1999).***



Capítulo IV.

Marido, Pai e Chefe de Família

Um triste fato no bairro da Chapada Grande

Odila estava no início da sua primeira gravidez. Ela e o marido estavam felizes e ansiosos à espera do bebe, mas, certo dia ela levou um susto.

O medo foi tanto que veio a abortar, isto é, dar à luz antes da viabilidade do nascituro.

O casal chorou e sofreu muito a perda do filhinho que iria nascer.

Um Susto no bairro da Chapada Grande

Na porta da cozinha da casa onde os recém-casados foram morar havia um rombo medindo uns dois palmos, medido de baixo para cima.

Certo dia Odila foi visitar familiares e quando voltou encontrou uma cobra muçurana naquela fresta. A cobra foi entrar pelo vão e não se sabe o porquê ficou ali parada e não entrava e nem saía. Metade do corpo para dentro e metade para fora. Odila ficou olhando por alguns minutos e nada. A serpente guizalhava e chocalhava o rabo.

Odila ficou desesperada. Ela estava sozinha.

O marido estava trabalhando. O jeito foi sair a procura de ajuda.

Foi à beira da estrada que era próxima a casa e ficou esperando por alguém que ali passasse. Não demorou e ela avistou um cavaleiro. Ao aproximar-se ela viu que era conhecido. Ela contou o que estava acontecendo. Ele foi até a casa e matou o réptil. O medo da jovem recém-casada era que a cobra entrasse dentro da casa e ficasse em um lugar escondido e picasse os moradores.

A Perda da Ponta do Dedo Médio

(narrado por Moacyr Nunes da Costa)

Este fato aconteceu em 1948. Moacyr o 7º irmão do Benedito tinha 16 anos. Ele morava próximo à casa do irmão no Bairro de Santa Adelaide. No sítio havia dois “potreiros” para colocar animais para pastar. Um potreiro ao lado da casa e o outro mais distante. Quando um “potreiro” estava com pasto fraco eles mudavam os animais para aquele com boa pastagem.

Certo dia os dois irmãos traziam os animais do “potreiro” distante para arrear e passar carpideira no arrozal. Benedito vinha a frente puxando dois animais e Moacyr atrás puxando um. De repente um dos cachorros do

Benedito veio correndo e passou por baixo da mula chamada Tesoura que o Benedito puxava. Tesoura se assustou e saiu em disparada levando o Benedito arrastado pelo pasto e arrozal a fora pelo cabo do cabresto. Desesperado Moacyr correu atrás com o intuito de alcançar e segurar a mula. Mas não conseguiu.

Enquanto a mula corria desembestada, o laço do cabo do cabresto que estava na mão esquerda do Benedito foi serrando, serrando e ficou na ponta do dedo médio. Apertou tanto que cortou (serrou) a ponta do dedo médio da mão esquerda do Benedito. Benedito ficou caído no arrozal todo esfolado (ferido) enquanto seus familiares até então nada puderam fazer.

A mula só parou depois que a corda se desprendeu, porque atorou a ponta do dedo médio do Benedito.

Moacyr chegou correndo para socorrê-lo. Encontrou Benedito caído gemendo e abanando a mão para aliviar tamanha dor. Foi nesse instante que Moacyr observou que seu irmão havia perdido a ponta do dedo. Sangue jorrava para todos os lados.

Desesperado Moacyr disse:

— Dito você precisa ser medicado. Vamos levanta! Eu te ajudo.

Moacyr ajudou Benedito a levantar-se e amparou- até sua casa.

Rapidamente Moacyr arreou duas mulas sendo uma para o Benedito e outra para ele acompanhá-lo até a Estação Ferroviária de Santa Adelaide onde Benedito embarcaria em um trem rumo a cidade de Tatuí onde procuraria atendimento médico.

Como não era horário de trem de passageiros, Benedito viajou em um trem de carga. Isso só foi possível graças a bondade dos funcionários daquela estação. Eles ficaram sensibilizados com o estado do acidentado.



Imagem. *Benedito foi arrastado pela mula chamada Tesoura. O nó da corda aparou a ponta do dedo médio da mão esquerda.*

Ao retornar para casa Moacyr foi refazer o trajeto percorrido pela mula desembestada com a finalidade de encontrar a ponta do dedo. Devagarzinho, olhando de um lado, olhando do outro, até que avistou uma vespinha zumbindo. Ele parou e olhou firmemente e viu que ela estava zoando sobre a

ponta do dedo do seu irmão. Pegou e levou mostrar a cunhada que estava sozinha lastimando o ocorrido. Até mesmo o Benedito viu assim que retornou. Em seguida descartou-o enterrando no quintal.

Assim que regressou de Tatuí Benedito voltou às atividades do dia-a-dia. Nem por isso deixou de trabalhar.

E a ponta do dedo? Nunca mais nasceu unha semelhante às outras. Nasceu sim uma unha diferente, semelhante a um dente de animal selvagem como o tigre. Era arredondada e muito dura. Ela crescia como as outras, mas era difícil cortá-la.

E os bailes depois do casamento?

Benedito casou-se, morou apenas um ano no Bairro da Chapada Grande município de Itapetininga e depois se mudou para o Bairro de Santa Adelaide, município de Tatuí.



sanfona muito bem.

Certo dia ele foi a um baile no Bairro dos Palanques acompanhado do seu filho mais velho, João e de um amigo conhecido carinhosamente como “Chico Padeiro” que viera da cidade de Iperó para visitá-lo.

Nesse dia o tocador por ironia do destino não apareceu não se sabe porquê. Benedito pegou a sanfona e “arranhou”, “arranhou”, pensou consigo mesmo: — Sabe o que eu vou fazer? Ah vou embora, vou fugir daqui.

Colocou a sanfona em um banco sob o empalizado e falou que ia fazer necessidades fisiológicas. Não voltou.

Benedito é brasileiro e brasileiro dá um jeitinho para tudo. Ele “bolou” um plano. Uma estratégia para ele poder ir divertir-se nos bailes.

Ele tocava sanfona mais ou menos. Não era bom tocador. Era ruim. Se dependesse dele tocando para animar o povo no terreiro podia esquecer que não haveria animação.

Sabe o que ele fez depois de casado para poder ir aos bailes? Comprou uma sanfona oito baixos. Sabe para quê? Para ele ir tocar nos bailes.

Era uma desculpa para com a esposa para ele ir aos bailes. E sempre que ia aos bailes ele levava seu filho mais velho e um colega que tocava

Largou tudo. Sanfona, colega, povo e até mesmo seu filho. Saiu correndo pelo meio da invernada e ao longe ele escuta as pessoas gritando:

— Ditoooo... Ditoooo... cadê o Ditoooo! principalmente as primas dele gritavam sem parar, pois eram adeptas a baile.

Como teria que tocar a noite inteira e se ele só “arranhasse” como diziam os mais simples, ficaria chato, então ele resolveu fugir sem dar satisfação.

Benedito só deixou seu filho porque o colega era pessoa de responsabilidade e respeito. Ele sabia que o “Chico Padeiro” levaria o João. Benedito contava o fato e dava gargalhadas. Danado.

O Rapto do Terceiro Filho do Casal Benedito e Odila (narrado por Odila de Oliveira Costa)

Certo dia como era seu costume dona Odila preparou o almoço, o lanche, arrumou as marmitas e acompanhada dos seus dois filhos mais velhos, foi levar o cardápio para o marido e alguns ajudantes na roça.

Em casa, no berço, ficou o bebê que não andava, apenas engatinhava.

Dona Odila, trancou as portas ao sair e deixou aberta somente a janela do quarto onde estava o bebê Joel. O berço do Joel estava encostado na parede junto à janela.

Assim que dona Odila saiu, ali em sua casa chegou uma vizinha que veio emprestar alguns mantimentos. Ela era dona Maria esposa do senhor Manoel, que trabalhava diariamente para o senhor Benedito.

Dona Maria, percebendo que a criança estava sozinha em casa, resolveu fazer uma brincadeira com dona Odila raptar a criança do berço.

A intenção da mulher era esconder o menino, não com fins criminosos. A intenção era brincar, fazer uma malvadeza. E assim, ela pensou e colocou em prática sua ideia. Pegou o menino, levou-o a casa do senhor José irmão do senhor Benedito. Era o vizinho mais próximo.

Com a criança nos braços, a mulher gargalhava sem parar, imaginando o desespero, o apuro da mãe do pequeno ao perceber sua falta.

Quando dona Odila voltou da roça e percebeu a falta da criança, começou a gritar, gritar e procurá-lo incansavelmente.

Procurou embaixo das camas, no paiol, na mangueira, no olho d’água etc. Aflita, no olho d’água que tinha forma de círculo, dona Odila ajoelhou-se na barranca e com as mãos procurava seu filhinho.

Não o encontrando, saiu em disparada e seguiu o mesmo trajeto, a mesma casa onde a dona Maria havia dirigido com o menino nos braços.

Ao chegar, que surpresa!

Lá estava a tal mulher gargalhando sem parar com o menino nos braços.

Dona Odila ficou enfurecida e foi logo dizendo:

— Sua sem vergonha, o tempo que você desperdiçou com essa brincadeira de mau gosto, porque não ficou lá em casa ajudando nos afazeres?

Dona Odila, chorando, pegou seu filhinho, abraçou-o e retornou para a sua casa com o coração acelerado de tanto susto e correria na busca do seu filhinho.

Observação:

Dona Odila só deixava a criança porque o local da roça era perto e logo voltaria. Era uma mãe muito cuidadosa. Antes de sair alimentava, trocava o pequeno Joel. Ela só não o levava porque a caminhada era a pé e não conseguia carregar a criança e tudo mais que precisava levar.

O Passeio na Cidade de Iperó

Na década de 50 um senhor conhecido carinhosamente como “Chico Padeiro” era chefe na Estação Ferroviária de Santa Adelaide.

Benedito viajava muito de trem e tornou-se amigo do chefe da estação.

No sítio onde Benedito morava havia um banhado, digo brejo onde havia muitas rãs. À noite o coaxar das rãs parecia uma sinfonia. Nos momentos de folga “Chico Padeiro” costumava ir visitar Benedito e caçar rãs para alimentação.

O tempo passou e “Chico Padeiro” foi transferido para trabalhar na Estação Ferroviária da pacata cidade de Iperó. Essa cidade na época era um pequeno lugarejo onde existia a Estação Ferroviária, as casas dos ferroviários e outros habitantes.

Poucas vezes, uma ou duas vezes, Benedito e família foram visitar o amigo. Em uma dessas visitas a “Chico Padeiro”, Benedito e o filho mais velho João estavam indo a uma lanchonete. Benedito distraído conversava com o “Chico” a frente e atrás caminhava o filho João.

Enquanto caminhava pelas ruas de chão batido daquela cidade João encontrou fezes de cabras e cabritos esparramadas pelas ruas e imaginou que fossem grãos de café seco.

Em um determinado momento o senhor “Chico” parou e olhou para trás e viu o menino com o corpo curvado pegando alguma coisa no chão e colocando no bolso. Perguntou ao menino: - O que você está pegando?

João:

— Olha quanto café seco!

“Chico” disse:

— Joga fora menino. Isso são fezes de cabra e cabrito.

João pensou, pensou e jogou deixando algumas no bolso. Ele não acreditava que fossem fezes. Era semelhante aos grãos de café seco que sua mãe transformava em pó de café no sítio onde moravam.

Foi em uma venda na cidade de Iperó que João viu uma televisão pela primeira vez e era a primeira daquele lugarejo.

Fato ocorrido no bairro de Santa Adelaide

A família do Benedito Nunes da Costa morava no Bairro de Santa Adelaide município de Tatuí.

Era uma bela manhã. O céu estava azulado. Nenhuma nuvem.

O Benedito tinha ido a Tatuí. Era naquela cidade que ele fazia compras e comercializava os produtos cultivados no seu sítio. Enquanto isso Odila, esposa do Benedito fritava deliciosos bolinho que ela havia feito para os filhos saborear. Odila fritava os bolinhos e os filhos comiam brincando no terreiro da casa onde moravam.

De repente sem que eles esperassem começaram a ouvir uns estouros muito, mas muito forte mesmo.

Os filhos começaram a chorar de medo.

O filho mais velho falou:

— É a guerra que estourou.

O outro disse:

— E o papai onde está?

A Odila não sabia o que dizer para acalmá-los. Com certeza ela sentia medo também. Ela não sabia o que estava acontecendo. No silêncio ela continuou a fritar os bolinhos.

Depois de alguns minutos os estouros foram cessando, cessando ...

As crianças continuaram assustadas olhando para o céu.

Somente mais tarde um vizinho que passou pela casa da família e interrogado por eles sobre os estouros ele contou que eram rojões que os moradores do Bairro Congonhal haviam soltado nas festividades que estavam acontecendo naquele lugar. Esse bairro estava localizado atrás de um morro ao lado da fazenda do senhor Tomás Guedes.

O Benedito contava e recontava histórias da guerra para os filhos ou para quem o visitava. Com certeza esses fatos deixaram marcas na consciência deles. E a primeira ideia que surgiu na cabecinha das crianças foi que os estrondos era o início de uma nova guerra.

Um fato desagradável

Benedito cultivava abacaxi e banana em seu pequeno sítio no Bairro de Santa Adelaide, município de Tatuí.

Os produtos colhidos (cultivados) eram comercializados na cidade de Tatuí e às vezes em Itapetininga.

Quando levava a Itapetininga ele aproveitava para visitar seus pais e irmãos no Bairro da Chapada Grande pertinho da cidade. E foi ao retornar depois da venda de uma carga de abacaxi que Benedito ao visitar seus pais e irmãos ficou sabendo que estava acontecendo uma festa do santo padroeiro no povoado do Bairro da Chapada Grande. Benedito resolveu chegar à festa.

Lá chegando encontrou os colegas da juventude. Benedito esqueceu que em casa esposa e filhos o esperava e com os colegas começou a conversar e beber uma bebida conhecida pelo nome de “reino”. Benedito perdeu a noção dos limites e bebeu exageradamente. Já era madrugada quando Benedito começou a sentir-se mal e foi até a casa de seus pais. Deitou-se para lá pernoitar, mas, estava sentindo-se tão mal que se levantou, subiu na carroça e seguiu rumo ao Bairro de Santa Adelaide. Um longo trajeto a percorrer.

Os animais dirigiam porque o carroceiro não suportava nem o balançar da carroça naquela estrada acidentada.

Ao adentrar a Fazenda dos Soares, pouco antes do Bairro do Morro do Alto onde existiam algumas casinhas isoladas, sendo umas e outras à beira da estrada, Benedito resolveu pedir socorro a um dos moradores, o senhor Joaquim Pereira conhecido como Joaquim do Procópio.

Já era alta madrugada. Ele parou. Chamou o senhor Joaquim a quem pediu uma caneca com água fervente. O senhor Joaquim quis servir café. Benedito negou. Insistiu queria água fervente mesmo. Joaquim buscou na chaleira sobre a chapa do fogão a lenha. Benedito bebeu a água e vomitou. Agradeceu e continuou a viagem de volta para casa com a carroça cheia de assados e o bolso vazio sem falar da esposa que mal dormiu à noite de tanta preocupação com o esposo que não chegava.

Benedito gastou todo o dinheiro no leilão da festa arrematando assados. Quando indagada sobre o fato, Odila respondia:

— O dinheiro se ganha outro.

Benedito errou. Quem não erra? Nenhum ser humano é perfeito. São as coisas que tecem a vida do ser humano.

Esse fato desagradável que aconteceu com o Benedito nos faz lembrar duas passagens da Bíblia. A primeira – A mulher Adúltera – Evangelho (João 8,7) *Jesus disse-lhes: – Quem de vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lhe atirar uma pedra.*

A segunda passagem relaciona-se ao fato do senhor Joaquim servir ao Benedito: Evangelho (Lucas 11,5-7). *Em seguida, ele continuou: – Se alguém de vós tiver um amigo e for procurá-lo à meia noite, e ele disser: – Amigo, empresta-me três pães, pois um amigo meu acaba de chegar à minha casa, numa viagem, e não tenho nada para lhe oferecer; e se ele responder lá de dentro: – Não me incomodes; a porta já está fechada, meus filhos e eu estamos deitados; não posso levantar-me para te dar os pães.*

O procedimento do senhor Joaquim Pereira foi diferente (contrário). Ele levantou-se, abriu a porta e atendeu ao pedido daquele que estava sofrendo.

Não discriminou porque errou. Joaquim Pereira fez sua parte e muito bem-feita. Servir o próximo. Benedito tinha gratidão por ele.

Revista O Cruzeiro: Informação Semanal

O futuro dos filhos depende da educação que começa no seio familiar.

Na década de 50, Benedito era leitor assíduo da renomada Revista o Cruzeiro, revista esta na época de maior circulação no país.

De trem ou de carroça Benedito ia a Tatuí e comprava um exemplar da revista que circulava semanalmente.

Benedito era roceiro e não concluiu o curso primário. O pouco estudo nunca foi barreira para Benedito ler livros, revistas e saber contar histórias, lendas, contos, fatos verídicos...

O que chama a atenção e surpreende é esse roceiro ter a iniciativa de ler matérias e artigos da revista O Cruzeiro e compartilhar com seus filhos e esposa, porque a leitura é um hábito ainda pouco cultivado em nosso país.

É de suma importância os pais incentivarem nos filhos o hábito da leitura e Benedito fez sua parte. Portanto a Revista o Cruzeiro foi um veículo de conhecimento muito importante na vida da família do Benedito.

Ainda na memória dos filhos dentre os muitos assuntos que Benedito lia e relia eis alguns: O concurso de Miss Brasil, a seca do Nordeste, os Presidentes da República etc...

Quanto à seca do Nordeste os filhos nunca esqueceram o nome das três plantas que resistem à seca. São elas: chique-chique, mandacaru e macambira.

Chique-chique, planta espinhosa. O mesmo que xique-xique ou xiquexique. É uma planta cactácea das regiões áridas (seca) do Nordeste Brasileiro. Mandacaru, planta da família das cactáceas, também chamada jamacaru. Macambira, bromeliácea muito comum nas regiões áridas do Nordeste. Bromeliácea, espécime das bromeliáceas, família de plantas monocotiledôneas, cuja espécie mais conhecida é o abacaxi.

A seca que assola o Nordeste desde...

Esse era um dos assuntos também muito comentado pelo Benedito. Benedito era tímido perante as autoridades, sociedade, do público em geral, mas junto às pessoas do seu meio ele era tranquilo e contava seus conhecimentos.

Quanto aos Presidentes, a era Getúlio foi a mais compartilhada.

De fato, o Dr. Getúlio Dorneles Vargas foi Presidente em dois mandatos sendo no período de 1930 a 1945 e 1951 a 1954.

Primeiro Mandato do Presidente Dr. Getúlio Dorneles Vargas (1930 a 1945)

Em 30 de março de 1930 o conterrâneo Dr. Júlio Prestes de Albuquerque, filho de Fernando Prestes, foi eleito Presidente do Brasil com 51% dos votos, derrotando o Dr. Getúlio Dorneles Vargas. Portanto o filho de

Itapetininga se elegeu Presidente da República em uma campanha bastante acirrada.

A posse estava prevista para 15 de novembro de 1930.

Enquanto o Dr. Júlio Prestes visitava países vizinhos e da Europa, em 03 de outubro de 1930 desabrochou no Sul a revolução de 1930, iniciada por Getúlio Vargas.

Os opositoristas alegando fraudes nas eleições articularam um movimento revolucionário para depor Washington Luís o então Presidente e impedir que o Dr. Júlio Prestes de Albuquerque tomasse posse.

No dia 24 de outubro de 1930, o Presidente Washington Luís foi afastado do governo, por uma junta militar que a 03 de novembro de 1930, entregou o poder federal a Getúlio Vargas.

Com o governo provisório começou a chamada “Republica Nova”. Júlio Prestes foi vítima de um golpe de Estado.

Com a pressão dos novos acontecimentos, Júlio Prestes que já havia retornado ao Brasil, pediu asilo na Europa e só retornou ao Brasil em 1934, após a nova constituição.

Júlio Prestes voltou à terra natal, Itapetininga.

Em 1945 ele fundou a União Democrática Nacional (UDN) e foi membro da comissão diretora desse partido, mas, logo depois abandonou a política.

Faleceu no dia 09 de fevereiro de 1946.

Voltando ao Presidente Getúlio Vargas, em 10 de novembro de 1937, o Presidente Getúlio Vargas deu um golpe de Estado. Por esse golpe ele anulou a constituição em vigor e outorgou outra constituição ao país, introduzindo o Estado Novo.

O Estado Novo foi um regime de ditadura.

O Brasil, nesse período, participou da Segunda Guerra Mundial.

Tendo terminada a Segunda Guerra Mundial, o povo brasileiro desejava a volta ao regime democrático.

Estavam marcadas as eleições para Presidente. As Forças Armadas, porém, depuseram do poder o Dr. Getúlio Vargas no dia 29 de outubro de 1945. Estava terminado o regime do Estado Novo no Brasil. Nessa mesma data, assumiu o governo do país Presidente do Supremo Tribunal Federal, José Linhares, que exerceu o poder durante três meses e dois dias, de 29 de outubro de 1945 a 31 de janeiro de 1946.

Fez-se a eleição e foi eleito o General Eurico Gaspar Dutra (31/01/1946 a 31/01/1951). Dutra foi eleito Presidente da Republica em 2 de dezembro de 1945 pelo Partido Social Democrático (PSD). Seu Vice-Presidente foi Nereu Ramos.

Segundo Mandato do Presidente Dr. Getúlio Dorneles Vargas (1951 a 1955)

Em 1951, o Dr. Getúlio Vargas, volta à presidência, eleito pelo povo. Nesse governo criou-se a Petrobrás, destinada à exploração do petróleo.

Deram-se várias crises políticas e econômicas as quais culminaram com o suicídio do Presidente em 24 de agosto de 1954. Assumiu a presidência o Vice-Presidente o Dr. João Fernandes Campos Café Filho (24/08/1954 a 09/11/1955).

E voltando ao assunto revistas, no Bairro do Espigão o Benedito encontrou dificuldades para deslocar-se da zona rural a zona urbana. Raros eram os meios de transportes na época. Não existia transporte coletivo.

Acabaram-se os meios de comunicação semanalmente, principalmente as revistas que só conseguia nas raras idas e vindas a Itapetininga.

Na década de 60, Benedito comprou o primeiro rádio a pilha. E foi nesse rádio que ele ouviu no dia 23 de novembro de 1963, a notícia que comoveu o mundo: Morreu o Presidente dos Estados Unidos John Fitzgerald Kennedy, assassinado a tiros em Dallas, Texas.

Ao ouvir a notícia Benedito já pensou em comprar uma revista com o noticiário sobre a tragédia.

Seu filho João já havia deixado o sítio para dar continuidade aos estudos em Itapetininga. Ele morava com a família do comerciante Isau Isac.

Um dos filhos do senhor Isau levava João passar os fins de semana no sítio com a família. Benedito pediu ao filho comprasse uma revista com a reportagem sobre a morte do Presidente Kennedy.

Não foi fácil encontrar um exemplar. A demanda era muito grande.

João comprou a revista Fatos & Fotos.

Passados 52 anos a revista permanece com a família. É uma relíquia

E a Revista o Cruzeiro?

Vizinhos, familiares levavam para ler e assim foram se espalhando e não sobrou nenhuma para relíquia.

Bairro do Espigão em Itapetininga

Em 1954, Benedito vendeu o pequeno sítio no Birro de Santa Adelaide, Município de Tatuí/SP e comprou outro pequeno sítio no Bairro do Espigão Município de Itapetininga/SP, denominado Sítio São Benedito, onde Benedito passou a maior parte da vida.

Benedito e família deixaram o Bairro de Santa Adelaide e foram morar nesse bairro estranho em busca de vida nova. Moraram ao longo de três anos em uma casinha pequena de pau-a-pique sem quintal e sem portão.

As paredes da casa eram feitas de vergas, isto é de varas flexíveis, entrecruzadas e barro e a cobertura era sapé.

A casinha era tão velhinha que o reboco com barro já estava caindo deixando aberturas nas paredes. O difícil era nos rigorosos invernos. O vento soprava embora as frestas grandes tivessem sido enchidas com palha e trapos não vedava.

Junto ao terreiro da humilde casinha havia muito sapé e várias árvores sendo uma delas um sabugueiro. Essa árvore denominada sabugueiro era muito velha e no tronco dela havia um oco.

À noite a tal árvore servia de poleiro para as galinhas dormirem. Durante o dia nas horas, momentos de folga os filhos do Benedito brincavam de subir e descer escorregando pelos galhos como se estivessem em um parque de diversão.

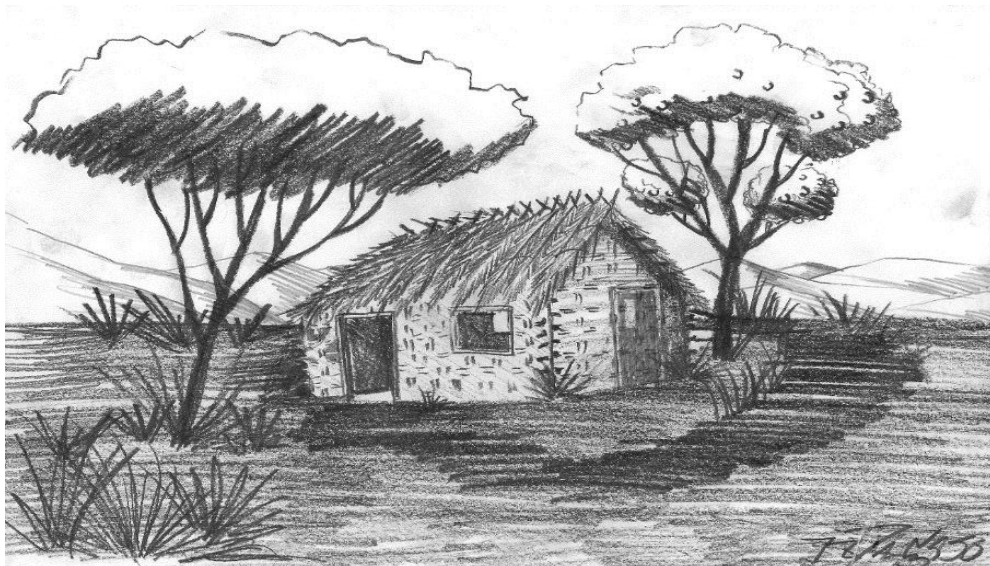


Imagem. De 1954 a 1957, Benedito e sua família moraram em uma casa de sapé no Bairro do Espigão, em Itapetininga.

Acontece que começou a aparecer galinhas mortas de manhã debaixo do sabugueiro. A família do Benedito ficou preocupada e passaram a olhar atentamente no oco principalmente de manhã assim que levantavam.

Não foi surpresa, todos já estavam desconfiados. Uma bela manhã um dos membros da família, da porta da cozinha avistou uma cobra descendo de um dos galhos da árvore e adentrou no oco. Era um urutu.

Benedito disse: — Em uma morada existe o casal de cobra.

Benedito pegou um machado e cortou uma parte da árvore até chegar ao fim do oco. E confirmou a profecia do Benedito. No fundo do oco estava um casal de urutu enroladinhos. A partir desse dia não apareceram mais galinhas mortas.

Trabalhando sem parar com ajuda da família ao longo do tempo Benedito foi comprando outros sítios vizinhos até que conseguiu um sítio de bom tamanho onde viveu e trabalhou durante 56 anos.

Depois que mudou para o Bairro do Espigão nasceram mais 2 filhas Lucinda de Oliveira Costa e Regina Maria da Costa.

Vale lembrar que 5 dos 6 filhos nasceram com ajuda de parteiras, mulheres que assistiram os partos e ajudaram a parturiente Odila. Apenas a filha caçula, Regina Maria nasceu na Santa Casa de Misericórdia de Itapetininga. Somente a filha Lucinda nasceu no Bairro do Espigão.

Completando-se para Odila o tempo de dar à luz, começou exatamente no dia 27 de fevereiro de 1960, logo de manhã, o trabalho de parto.

Benedito ficou ao lado da esposa enquanto João, o filho mais velho com apenas 11 anos de idade, montou no cavalo chamado Lagarto e saiu galopando pela estrada rumo ao Bairro da Várzea buscar a parteira conhecida carinhosamente como “Dita do Ventura” para ajudar a parturiente Odila.

Lá chegando o menino entregou as rédeas nas mãos da parteira que montou no cavalo. João ficou com vergonha de montar na garupa e por isso retornou correndo atrás percorrendo um trajeto de mais ou menos doze quilômetros.

No Bairro do Espigão Benedito dedicou-se a agricultura de feijão, milho, arroz e etc. O arroz ele plantou por pouco tempo e era apenas para o consumo da família.

Na pecuária aumentou a criação de vacas leiteiras e bois.

Difícil para a família eram os rigorosos invernos, particularmente quando o capim estava encharcado pelo orvalho ou pela geada.

O membro da família que estava designado para rebanhar as vacas leiteiras levantava-se cedo e saía pelo pasto derrubando orvalho com os pés descalços. Voltava com os pés gelado e molhado. O jeito era arrumar um tempo e aquecer os pés no fogão a lenha.

O leite das vacas era tirado com as mãos, não tinha máquina como nos dias de hoje. O leite quando não era vendido era utilizado para a fabricação de queijo para comercialização.

Os cavalos, mulas eram utilizados no serviço da lavoura e como meio de transporte.

Benedito criava porcos para aproveitamento da carne e da gordura. Criava também aves para o aproveitamento da carne e dos ovos tanto para o consumo como para o comércio (comercializar).

Não foi fácil preparar a terra para pastagem de animais e também para o plantio. Benedito não tinha condições financeiras suficientes para comprar implementos agrícolas e por isso o serviço tinha que ser braçal ou com auxílio de animais que puxavam: arado, carroça, grade, carpideira, etc.

A venda dos produtos acontecia lá mesmo no sítio e os próprios compradores, um deles o senhor Francisco Soares Silva “Tuta”. Para ir a Itapetininga nos meados de 50 a 60 era muito difícil.

O transporte coletivo era um velho caminhão cujo proprietário e motorista era o senhor Edgar Rolim carinhosamente conhecido como “Gazinho” tendo como ajudante um senhor conhecido como “Julico”.

A viagem acontecia apenas nos sábados. Os passageiros viajavam na carroceria, sentados em bancos de tábuas duras, e o pior, eram os balanços imprevistos que o caminhão dava devido ser a estrada de terra, chão batido, toda esburacada e quando chovia o desafio era enfrentar muito lamaçal e os atoleiros. Muitas vezes o caminhão derrapava e ao longe podia ouvir os gritos assustados principalmente das mulheres e crianças.

Muitas vezes o caminhão ficava atolado, ficando difícil para sair e se poder continuar a viagem. Em contrapartida quando o sol estava muito quente o difícil era aguentar o calor e a poeira da estrada.

Os passageiros ficavam com o estômago embrulhado (enjoado) com os balanços do caminhão desviando de tantos buracos. E o desconforto era quando o motorista apertava o pé no freio repentinamente, os passageiros eram atirados uns contra os outros.

O pior era o retorno, na carroceria do caminhão entre um banco e outro um amontoado de malas, sacolas e sacos de compras feitas na cidade, mal tinha lugar para pôr os pés.

O caminhão, por sua vez, nem toldo tinha para proteger os passageiros das intempéries do tempo como vento, chuva, neblina, sol, etc.

A poeira da estrada de terra judiava, mas o lavrador não reclamava. Ele estava acostumado com o trabalho da zona rural, não se preocupava com a poeira durante a viagem que fazia do sítio a cidade e vice-versa, fosse de caminhão, ônibus, carroça, etc.

Em contrapartida diferente eram os cidadãos de classe média e alta, com alto poder aquisitivo. Eles mandavam confeccionar avental de tecido e usavam sobre seu vestuário para proteger da poeira durante as longas viagens de Itapetininga aos grandes centros urbanos.

Segundo o velho tropeiro Tônico Ricardo, pai do Benedito, um tecido muito usado na época era o brim-cáqui.

Passado um tempo colocaram uma “jardineira”, ônibus para fazer o transporte coletivo no bairro e melhorou muito a vida dos passageiros.

O tempo passou e tudo mudou. Hoje a realidade é outra naquele bairro. Além do Sítio São Benedito localizado no Bairro Espigão, Benedito tinha mais dois pequenos sítios. Um no Bairro do Areão e o outro no Bairro dos Claros as margens do Rio Paranapanema.

No Bairro do Espigão foram 56 anos de muito trabalho, dedicação, respeito e muito suor derramado. Trabalhando fez a terra produzir e a produção gerou economia para o sustento da família e construção de um patrimônio.

O primeiro sítio foi comprado em 1954.

Benedito registrou tudo. O nome dos vendedores, o valor da compra de cada terreno, óbito, procuração, selos, escrituras, impostos atrasados... tudo foi pago pelo comprador Benedito.

O porquê da escolha do Bairro do Espigão

Essa mudança de localidade pode ter sido motivada pelo fato do irmão mais velho do Benedito, senhor Euclides Nunes da Costa ter comprado um sítio no Bairro do Espigão em 1953. O sítio do Euclides ficava distante alguns quilômetros do sítio que o Benedito comprou em 1954.

Costa que tinha na época apenas seis anos de idade. Benedito trouxe também sua carroça com ferramentas para trabalhar.

Algum tempo depois trouxe a mudança e o restante da família.

A Pesca interrompida

(narrado por João Nunes Vieira e José Benedito da Costa)

João, o 9º irmão do Benedito, era ainda adolescente quando decidiu visitá-lo no Bairro do Espigão, conhecer o lugar e passar alguns dias na nova morada do irmão.

Certo dia Benedito convidou João para irem pescar no Rio Capivari, rio este afluente do Rio Itapetininga. A ceva era conhecida como “poço do morcego”.

No dia previamente combinado, arriaram dois animais, então meio de transporte utilizados pelos sitiantes do lugar. Em seguida, juntaram tudo o que precisavam para seguir a longa caminhada, já que o rio era distante alguns quilômetros. Picuá com virado e café.

Em um outro, uma lata com minhoca, farinha de milho para fazer angu, que servia como isca para pescar o peixe. Também levaram as varas de pescar já com linha, chumbada e anzol, enfim todos os apetrechos, coisas necessárias para a execução de uma boa pescaria.

Benedito muito esperto montou no cavalo que era muito ligeiro, novo, gordo, marchador, enquanto que seu irmão montou na mula chamada Veada já com idade avançada, lerda cansada do trabalho que há anos executava na roça puxando carroça, arado etc. Ela caminhava com passos lentos naquele caminho esburacado.

Benedito montado naquele cavalo ligeiro foi se distanciando até que chegou a margem do rio bem antes do irmão.

Naquela época as águas do Rio Capivari eram límpidas e podia ver na transparência delas o fundo do rio cheio de pedrinhas e várias espécies de peixes grandes e pequenos nadando de um lado para outro. Além do rio limpo tinha muita mata ciliar que além de proteger as barrancas do rio servia de sombra aos pescadores.

Naquele tempo era comum encontrar rios limpos e piscosos. Os rios não eram poluídos, principalmente porque os agricultores, produtores não faziam uso de agrotóxicos nas lavouras.

Benedito sabia como se comportar na barranca do rio. Ele sabia que o silêncio era essencial para fisgar o peixe.

Benedito chegou, apeou, soltou seu cavalo para pastar, em seguida colocou a isca no anzol jogou dentro do rio e esperava silenciosamente o momento de puxar a linha e retirar a pesca para em casa saborear.

Benedito já havia pescado alguns lambaris, piavas, tabaranas, ... quando João chegou nervoso e mais cansado que o próprio animal depois do longo percurso sobre o lombo da velha mula.

Benedito olhou sorridente para o irmão, mas ele ficou sério e no silêncio andava nas margens do rio. Um passo prá cá, um passo prá lá. De repente Benedito levou um susto com algo que caiu dentro das águas do rio. Sabe o que era?

João havia pegado um toco e arremessou dentro das águas do rio. Se o Benedito levou um susto, imagine os peixes. Com certeza não sobrou um. Benedito não disse nada ao irmão. Simplesmente começou a enrolar a linha na vara de pescar.

João observando perguntou:

— Ué Dito vai parar de pescar?

Dito respondeu:

— Não. Não. Nós não viemos aqui para pescar. Nós viemos jogar toco na água. E sem falar mais nada Benedito juntou os apetrechos, montou no cavalo e retornou para casa.

Faça uma ideia como ficou o Benedito com a pesca interrompida.

Ficou a dúvida:

— Por que João atirou o toco dentro da água espantando os peixes? Será que ele estava chateado por ter viajado no lombo da mula vagarosa?

A Pesca no Poço do Morcego

Do plantio a colheita existe um processo, uma sequência de etapas a ser seguida pelo agricultor.

Entre uma e outra etapa, há tempo para esperar.

Lançava a semente na terra previamente preparada. A semente brotava e crescia. Limpava do mato a plantação. Produzia a planta, depois a espiga e, por último o grão abundante na espiga ou bainha. Quando o fruto amadurecia, a colheita.



Fotos. Família de Benedito Nunes da Costa no Poço do Morcego onde Benedito costumava pescar nos momentos de folga.

Nesse tempo de espera, entre uma e outra etapa, Benedito desfrutava do merecido descanso. Sabe onde? No Poço do Morcego, no Rio Capivari, um dos afluentes do Rio Itapetininga.

O lugar é distante do Sítio do Benedito, perigoso e de difícil acesso. Para chegar tem que passar por trilhas no meio do mato, pinguela sobre riacho ... e as margens do rio enfrentar diversos insetos “nuvens” de pernilongos que além dos ruídos incessantes ainda picam sem dó as pessoas.

Mas, a pé ou a cavalo, acompanhado do filho mais velho João, não tinha distancia nem obstáculo que intimidasse o Benedito. Além do passa tempo, os peixes serviam de alimentação para toda a família.

Waldomiro se muda para o Bairro do Espigão

Waldomiro Nunes da Costa, 8º filho do Tônico Ricardo nasceu, passou sua infância, adolescência e juventude no Bairro da Chapada Grande.

Em 30 de junho de 1956 ele casou-se com a jovem Darziza Pereira Costa. Agora casado Waldomiro decidiu começar a trilhar um novo caminho. Sair da roça para a roça, mas, em bairro diferente. Outros ares.

Em 4 de agosto do mesmo ano carregou um caminhão com sua mudança rumo ao Bairro do Espigão para morar e trabalhar no sítio do seu irmão Benedito.

Aconteceu que começou a chover sem parar dias consecutivos e não tinha como seguir para o Bairro do Espigão porque era estrada de chão batido e quando chovia a estrada virava um lamaçal só. O que fez o motorista do caminhão? Guardou o caminhão com a mudança em um barracão e esperou que a chuva dessa trégua. Somente no dia 29 de agosto a mudança foi levada.

Waldomiro como o Benedito foi também morar em uma humilde casinha de pau-a-pique coberta de sapé até conseguir construir uma casa melhor. No terreiro existia um monjolo movido com o pé.

O irmão do Benedito tornou-se o vizinho mais próximo e companheiro em todos os momentos de lazer, de trabalho, de dificuldades.

Nessa época a filha mais velha do Benedito tinha apenas 7 anos de idade e não tinha boneca. Brincava com brinquedos improvisados. A esposa do Waldomiro, senhora Darziza confeccionou uma boneca de pano e presenteou a criança. A menina não se continha de tanta alegria com o presente tão simples, mas feito com amor.

Os dois irmãos Benedito e Waldomiro trabalharam naquelas terras ao longo de alguns anos. Trabalho pesado, mas que deixaram boas lembranças e saudades.

Cinco irmãos no Bairro do Espigão

Todos nasceram e viveram até a juventude no Bairro da Chapada Grande, mas o destino quis levá-los para o Bairro do Espigão. Primeiro

Euclides, em seguida Benedito, pouco tempo depois Waldomiro, passado um tempo Moacyr no Bairro Turvo dos Rodrigues e finalmente João em 1960.

Com o passar do tempo todos deixaram a vida na roça e vieram morar em Itapetininga com exceção do Benedito. Foi o êxodo rural dos 4 irmãos em busca de melhores condições de vida. Apenas o Benedito permaneceu lá até 4 meses antes de nos deixar, digo até 5 de maio de 2010, data da sua última viagem de Itapetininga ao sítio.

O sítio e a roça eram o encanto do Benedito Nunes da Costa. Homem que nunca conheceu o luxo.

As Taperas

As taperas eram comum no sítio São Benedito.

Por quê? Porque o senhor Benedito comprou as terras de vários sitiantes vizinhos que foram procurar ganhar a vida em outros lugares.

Os sitiantes venderam suas terras e mudaram deixando para trás suas humildes casinhas abandonadas que com o passar do tempo foram ruinando, transformando em taperas. As cercas em volta do terreiro caíram e o gado invadiu para pastar os matos que haviam crescido.

Outras nem cercas tinham para protegê-la. O que acontecia? Às vezes o gado brigava e na empurra, empurra batiam nas frágeis paredes de barro já rachadas, já fragilizada esburacando-as.



Imagem. *Uma tapera do sítio São Benedito*

Outros animais como os cavalos tinha o hábito de se coçar nas paredes. Com o peso do animal as casas que eram de pau -a- pique, parede feita de vara e barro e coberta com sapé, eram trincadas ou quebradas e foram desabando (desmoronando).

Com a invasão dos cupins no madeiramento do teto os mesmos foram caindo surgindo grandes rombos.

Talvez pelo tipo de construção ninguém nem mesmo o Benedito se importou com aquelas casas que abrigou muitas famílias pobres ao longo de muitos anos.

João, o filho mais velho do Benedito juntamente com os irmãos mais novos iam vasculhar essas casas em ruínas.

Um fato curioso aconteceu em uma das taperas cujo o proprietário era o senhor Avelino Bueno.

Quando o antigo proprietário mudou deixou a porta da casa aberta, João e seus irmãos foram lá vasculhar, mas antes de adentrar tiveram o cuidado de olhar pela porta aberta e viram um objeto estranho até então desconhecido por eles. Sentiram medo. Somente depois de várias tentativas um dia adentraram e pós-desafio ficaram sabendo que o objeto era um “Sião” arreio, nome popularmente conhecido pelos sitiantes.

O “Sião” era um arreio apropriado para as mulheres daquele tempo que usavam apenas vestidos e saias. Raramente se via uma mulher usando calça comprida.

Pois bem, volto as taperas. Essas casinhas que se transformaram em taperas eram habitação rústicas construída pelo homem do campo utilizando material que a própria natureza oferecia como: madeira, taquara, sapé, água e terra para fazer o barro, etc. Foram feitas com muitas dificuldades. Era o pobre servindo o pobre através de mutirão ou muxirão.

A recompensa de um para o outro era a mão de obra gratuita, permuta. Era o que podia oferecer.

Em lugares afastados dos grandes centros urbanos esse tipo de construção é comum ainda nos dias de hoje.

Waldomiro Nunes da Costa, irmão do Benedito morou ao longo de alguns meses em uma das taperas existentes no sítio São Benedito. A construção da tapera era semelhante a humilde casinha de sapé na qual a família do Benedito morou entre 1954 a 1957.

O tempo deu fim as taperas. Lá no sítio São Benedito elas já não existem mais.

A fabricação de arapucas

Arapuca é uma armadilha de pauzinhos cada vez mais curtos, dispostos em forma piramidal, e que serve para apanhar passarinhos.

João, o filho mais velho do Benedito, ainda muito pequeno, aprendeu com seu pai a fazer esse tipo de armadilha. Ele fazia nos momentos de folga, durante o intervalo da dura jornada de trabalho, porque desde pequeno já trabalhava e estudava. Os irmãos menores ficavam a sua volta observando. Todos sentados no chão.

Pronta, João sabia qual o local propício para armar a arapuca. Geralmente era um taquaral próximo a casinha de sapé onde morava. Quando encontrava uma ave presa na arapuca ele verificava.

Se ela era gordinha, de bom tamanho para consumo ele pegava e levava para casa. Se ela era pequena e não dava para prepará-la para assar na chapa do fogão a lenha então ele soltava.

João mesmo preparava a caça para assar e o procedimento é semelhante à de um frango.



Imagem. João fabricando uma arapuca

O objetivo do menino era apanhar a ave para alimentação dele, dos irmãos e acima de tudo era um divertimento. E por falar em divertimento quantas e quantas crianças conheceram e ainda conhecem a dura realidade da vida. Deixam de viver a infância para ajudar seus pais.

Os filhos do Benedito tiveram uma infância sofrida. Em uma era que não existia rádio, TV, internet e nem rede sociais na zona rural, uma época que a vida era vivida de forma espontânea e natural. Eles estudavam, trabalhavam, mas ainda tinham tempo para brincar e até mesmo fazer algumas traquinagens.

Mal chegavam dos estudos, de enxada no ombro seguiam para a roça ajudar os pais na lavoura até o pôr-do-sol.

Na tenra idade, descalços, calças curtas, caminhavam sob o sol ou chuva por estradas esburacadas de chão batido, mas não reclamavam.

Nas horas de folga, dia Santos, domingo as distrações de infância limitavam-se a frutos de laranjeiras em que se punham pernas e chifres para formação de boiada. O cavalinho de pau era para se arrebanhar a boiada.

As meninas colocavam braços, pernas em uma laranja grande para formar o corpo e com um pauzinho prendia uma laranja menor sobre o corpo para formar a cabeça, assim conseguia o brinquedo tão sonhado – uma boneca. Isso tudo está guardado na memória e no coração dos filhos do Benedito que souberam e sabem carregar nesta trajetória de vida terrena os bons ensinamentos do pai e dele só restou reconhecimento e saudade.

A lavoura sobre a queimada

A queimada é a queima do mato, para sementeiras no respectivo terreno. A queimada data dos primeiros tempos da colonização época do estabelecimento Europeu no Brasil.

Muitos afirmam que o hábito da queimada é herança indígena.

Quando Benedito comprou o primeiro sítio no Bairro do Espigão em 1954 ele precisou praticar a técnica da queimada, porque não havia pastagem e nem terrenos prontos para o plantio. Embora ele soubesse que era uma prática errônea, um prejuízo ao meio ambiente, ele precisava utilizá-la, pois era a luta pela sobrevivência.

Ele estava consciente de que as queimadas arrasam o solo, destruindo raízes e animais, vegetais e micróbios formadores dos húmus terrestres. Sabia que o fogo destrói as folhas e galhos caídos que iriam formar o humo, o melhor adubo de solo. As cinzas da mata queimada são ricas em potássio, que é um bom fertilizante principalmente para a lavoura de milho. Mas esse fertilizante se esgota, logo após as primeiras colheitas.

Benedito não tinha alternativa, pois ele não tinha recursos para adquirir máquinas apropriadas para preparar a terra para a agricultura e posteriormente formar pastagem para o gado.

Apesar de sufocado pelos afazeres e desafios do presente Benedito tinha tempo para pensar e observar tudo.

Benedito como os demais sitiantes sabia interpretar os aspectos do céu e da terra, isto é, sabia captar certos sinais do tempo para praticar a agricultura.

Era esperto e inteligente. Sabia perfeitamente qual era o momento de preparar a terra e lançar determinada semente na mesma.

Antes de fazer a queimada ele observava a natureza, digo o espaço onde precisava queimar prevendo e preservando muitas coisas tais como: propriedade dele e do vizinho, as nascentes, as matas, evitar que o fogo se alastrasse.

Ele só queimava o necessário para fazer o plantio. E era uma tarefa difícil. Ele tinha que fazer aceiros, isto é carpir em volta do quadro que iria queimar para evitar a propagação do fogo. Ele fazia um pequeno mutirão. No dia e hora da queimada as pessoas ficavam com galhos verdes nas mãos observando.

Se o fogo começasse a se alastrar, a passar o aceiro eles batiam com os galhos sobre as labaredas até apagá-las.

No dia seguinte os filhos do Benedito iam andar descalços sobre o trecho queimado que havia se transformado em um tapete de cinzas. Eles diziam que gostavam de pisar, pois era muito macio.

Alguns dias depois da queimada, geralmente depois que chovia lá ia a Odila e Benedito praticar o plantio. No início eles utilizavam a cavadeira. A cavadeira é uma peça de ferro, com gume que é o lado afiado de instrumento

de corte, que se adapta à extremidade de um pau, a fim de abrir buracos no chão, para colocar as sementes.



Plantio com cavadeira sobre queimadas e plantio com máquina manual

As sementes eram levadas para o plantio em uma “sacola” amarrada na cintura do plantador conhecida popularmente por “com colo” ou “colada”. Enquanto Benedito e Odila sua esposa plantavam os filhos iam juntando as coivaras do meio do quadro queimado e amontoando ao lado para não atrapalhar o trabalho de plantio.

À tarde a família retornava para casa, todos de cor negra da cabeça aos pés. Todos tinham se sujado durante o trabalho sobre a queimada. Não tinha como evitar as cinzas nos pés descalços que ao pisar voava, ao amontoar as coivaras, ao abrir buraco no chão para depositar a semente. O jeito era tomar um bom banho com sabão de cinzas na bacia ou na nascente próxima a casinha onde moravam.

Com o passar do tempo tudo mudou.

O terreno era preparado com arado puxado por animais daí então ele passou a usar máquinas de plantar manual, para depositar a semente no solo e posteriormente utilizou máquinas agrícolas.

Atualmente evitar as queimadas é dever de cada um de nós.

Algumas causas de incêndios: relâmpagos (raio), fumantes, queimadas que se alastram e os piromaníacos (impulsão obsessiva de provocar incêndios).

No interior, nos lugares afastados dos centros urbanos ainda é muito comum o uso da queimada nas atividades agrícolas; só assim alguns agricultores conseguem sobreviver de suas roças de milho, feijão, mandioca etc., apesar dos baixos rendimentos.

O correto é o emprego de técnicas modernas nas atividades agrícolas.

A lavoura de feijão: do cultivo à alimentação

Nas décadas de 50 o plantio do feijão no sítio do Benedito não era nada fácil. Deixar o feijão pronto para ensacamento era muito trabalhoso e cansativo.

Em primeiro lugar precisava selecionar as sementes antes de plantar. Em seguida arar, isto é preparar o terreno antes de fazer o plantio. Chão preparado. Tempo de esperar a época certa para plantar e colher.

É hora de lançar a semente no solo. A semente colocada na terra segue seu ciclo natural. Ela brota, cresce e produz a planta, depois a bainha e por último os grãos abundantes. Enquanto isso acontece Benedito procurava outro trabalho como reparo nas cercas, eliminar pragas do terreno etc. Quando o fruto amadurece é chegada a hora da colheita.

A colheita era feita com as próprias mãos. Arrancava os pés de feijão e colocava amontoados e enfileirados, sendo raiz para cima e bainhas para baixo.

Às vezes o almoço atrasava com a família envolvida no trabalho e mesmo com a barriga varada de fome a tarefa não era interrompida. Precisava aproveitar o sol quente. Eles sabiam que se viesse chuva atrapalharia e corria o risco de perder a colheita.

O que a família temia era encontrar cobra. A plantação de feijão e o mato fechado impedia a visão.

Pós-colheita, o feijão era transportado em uma carroça puxada por cavalos, até a residência para secar no terreiro de chão batido e posteriormente malhar.

Difícil era a armazenagem do feijão durante o tempo chuvoso isto enquanto eles não tinham barracão. O jeito era guardar em um dos cômodos da própria casa o que incomodava. Seco, é hora de debulhar o feijão da bainha. Precisava de ferramentas. Qual era e onde buscá-las?

Benedito, acompanhado de um dos filhos, iam a restinga procurar uma árvore denominada Sapuva ou Canela de Cutia, madeira rija propicia para malhar, porque sendo rija ela vergava, mas não quebrava.

Da Sapuva, eles cortavam apenas os galhos que iam usar para malhar os pés de feijão estendidos no terreiro.

A família malhava, malhava. Virava os pés de feijão e novamente malhava até derrubar todos os grãos de feijão. Em seguida eram retiradas as palhas já sem os grãos de feijão e colocavam junto aos pés das bananeiras. Virava esterco. E o trabalho continuava.

Com uma vassoura do mato colhida no pé da vassoureira a família amontoava o feijão e com uma peneira abanava para retirar areia, pedrinhas, terra, torrão, folhas secas, galhinhos, etc. Enfim, retirava-se tudo o que era inconveniente. Finalizando, eles ensacavam. Uma parte era para o consumo da própria família e a outra era comercializada.

Benedito e as variações do clima

Tempo de seca, caminho da cruz.

Tempo chuvoso, ocorria a procura de formigueiros.

Benedito como os demais sítiantes sabiam distinguir os aspectos do céu e da terra, digo captar certos sinais do tempo.

Ele sabia perfeitamente qual era o momento de lançar determinada semente na terra. Mas, nem tudo acontecia como eles previam. Muitas vezes a terra estava preparada para ser lançada a semente, mas ocorria seca continua, dias e meses sem chover.



Imagens. Cruz erigida em memória do Sr. Isidoro e menina em oração no formigueiro da Taçuira

Religiosos, a família recorria a oração.

Uma tradição era rezar e molhar os pés da cruz. Eles pegavam uma vasilha com água e dirigiam-se a uma cruz existente e localizada na atual Rodovia Eugênio Sebastião de Lima.

Essa cruz foi erigida em memória do senhor Isidoro entre o quilômetro 17 e 17,5 do trajeto em que a estrada acompanha o Sítio São Benedito. Isidoro faleceu no barranco próximo a entrada do sítio, vítima de má digestão “congestão”, dizem os roceiros em linguagem popular.

Há quem diga que ele morreu de mal súbito.

Em contrapartida quando as chuvas caíam durante dias seguidos o jeito também era rezar.

O que os filhos do Benedito faziam?

Pegavam uma varinha seca e saíam pelo quintal à procura de um formigueiro de taçuira, ou seja, morada de certa formiga pequena.

Diante do formigueiro da taçuira, cheios de fé dobravam o corpo e com a varinha traçavam sobre o mesmo uma cruz enquanto rezavam e diziam:

*Santa Clara,
Clareia o dia.
São Domingos,
Abre o sol.*

*Santa Clara protetora dos necessitados
e São Domingos é luz de caridade.*

A família recorria às suplicas religiosas porque com a seca não podia plantar. Os produtos colhidos – a citar o feijão – precisavam secar, caso contrário, era estrago e prejuízo na certa e a família precisava sobreviver.

Rezar sempre deu certo.

Mutirão ou Muxirão

Mutirão ou muxirão é o auxílio mútuo prestado gratuitamente pelos lavradores de uma localidade em favor de um deles, o qual promove, depois do serviço, uma festa ou almoço como sinal de agradecimento.

Às vezes o morador do lugar tem uma grande tarefa e poucos os seus recursos que ele acaba dividindo com os vizinhos, os compadres, os amigos: faz um mutirão.

O que um homem sozinho levaria muitas semanas para fazer será feito em um dia, nessa espécie de cooperativismo.

Quantos e quantos mutirões aconteceram no Bairro do Espigão e lá estava o Benedito dando sua cooperação.

Na construção da casa do Waldomiro Nunes da Costa, irmão do Benedito houve um mutirão. Não houve festa em agradecimento, mas um farto almoço onde todos os colaboradores puderam saborear um frango caipira com arroz.

O mutirão não resumia somente na construção de uma casa, ergue-la, madeiramento, cobertura ou rebocá-la. Era também carpir, participar de uma colheita como: a quebra do milho, o corte do arroz, a arranca do feijão etc.

Não importava que o seu trabalho não fosse pago em dinheiro. O que importava é que ele tinha demonstrado o seu valor, a sua cooperação e que um dia a recompensa viria através dos companheiros de mutirão.

Vaçoroca ou Grota

No sítio do Benedito era comum encontrar vaçorocas e ainda existem. A vaçoroca é um desmoronamento resultante de erosão produzido por águas, principalmente por enxurradas.

A vaçoroca desfigura a paisagem causando enormes prejuízos.

A vaçoroca pode ter origem em rego feito pelas rodas de carro ou rego aberto pelo arado ou outras depressões ao longo dos quais se concentrem águas correntes.

As enxurradas, com volume de água desordenada, multiplicam as valetas que formam as voçorocas e ativando o processo de erosão.

Foram muitos os animais do Benedito que caíram em voçorocas e perderam a vida devido aos ferimentos e quebras sofridas com a queda causando prejuízo ao pequeno produtor.

Os animais se embrenhavam no arvoredo as margens do afluente do Ribeirão Bonito onde havia grotas e distraídos em busca de pastagem caíam no buraco.



Imagem. *Vaçoroca ou grotas*

Para retirar o animal do buraco era necessário fazer um mutirão com vários homens. Retirado o animal e mesmo sabendo da impossibilidade de sobrevivência o animal não era sacrificado. Era deixado debaixo do arvoredo e a família tratava até a morte. Levavam alimentação como “rastoio”, capim verdinho e água.

Para evitar erosões Benedito, antes de semear, aderiu ao processo em curva de nível. Antes de comprar maquinário agrícola ele fazia a curva de nível com arado puxado com burros. Posteriormente com trator.

A vantagem da plantação em curva de nível é impedir a erosão pelas enxurradas. As curvas de nível atenuam a intensidade das enxurradas, impedindo que se formem as voçorocas, ou seja, buracos que tendem a aumentar, causando o desbarrancamento das terras, principalmente onde já existiam um pequeno desgaste efetuado pelas águas correntes sobre a superfície da terra.

Nova residência no Bairro do Espigão

Em 1957, Benedito construiu uma casa de tijolos, coberta com telhas, deixando a casinha de pau-a-pique que virou tapera. A nova construção era um contraste se comparada a humilde casinha de sapé.



Imagem. A nova residência no Bairro do Espigão

No pátio da nova casa, uma árvore centenária que se tornou o marco do lugar. No dia 13 de março de 2014, caiu um vendaval e a árvore não resistiu.

Para alegria da família havia brotado outra árvore da mesma espécie junto. Deus é maravilhoso. O marco da propriedade continua.

Um gesto de misericórdia

Benedito sempre se mostrou misericordioso com quem dele se aproximava. Não havia quem recorresse a ele e não fosse acolhido com atenção.

No dia 23 de junho de 1959, às 20 horas mais ou menos, era, portanto, começo de noite, Benedito saiu à porta de sua casa, sentou-se na soleira da porta e contemplava a natureza quando avistou uma charrete puxada por um cavalo que vinha caminhando lentamente pela estrada de chão batido que passava em frente a sua residência.

Era costume dos sitiantes dos bairros vizinhos deixar seus meios de transporte, digo animais, charrete, carroças etc. em um potreiro de propriedade de um pequeno empresário, José Ferreira no Bairro São Roque.

Ali era o ponto para embarque e desembarque de passageiros para usar o transporte coletivo que fazia o percurso do Bairro São Roque à Itapetininga e vice-versa.

Os homens da charrete eram os senhores: João Soares quem dirigia e o acompanhante Roldão Marques de Almeida. Eles retornavam de Itapetininga.

Roldão fora a cidade para mais uma consulta com o médico que o acompanhava no tratamento de saúde há algum tempo.

Benedito estranhou porque Roldão sobre aquele meio de transporte estava com o corpo curvado. Benedito falou à sua família:

— Roldão não está passando bem. Benedito sabia que Roldão estava adoentado. O que Benedito fez? Foi até a estrada encontrar-se com os homens. Roldão com a voz embargada disse:

— Dito estive no médico em Itapetininga, mas estou muito mal.

E acrescentou:

— Chupei três sorvetes. Acho que me fez mal. Era engano do Roldão. Ele já estava doente.

Benedito falou:

— Chegue aqui em casa e espere melhorar para que possa continuar sua viagem. Roldão aceitou. Benedito e João Soares o ajudaram a descer da charrete e levaram-o com dificuldades para dentro da casa e o acomodaram em um quarto.

Olhando para Benedito Roldão disse:

— Eu vou te incomodar por apenas 24 horas. Benedito ouviu e não respondeu nada.

Benedito pediu ao senhor João Soares, dono da charrete e vizinho do Roldão que fosse a residência dele no Bairro do Areão para avisar sua família da impossibilidade de o mesmo terminar seus últimos dias de vida terrena na sua humilde casinha de pau-a-pique e coberta com sapé.

O estranho é que a casinha do Roldão não tinha porta, só tinha os batentes. A noite ou quando a família saía eles fechavam colocando pedaços de tora uma sobre a outra. A casa era localizada entre dois riachos afluentes do Ribeirão Bonito.

Lugar de difícil acesso principalmente quando chovia muito, pois com a enchente a casinha ficava ilhada impossibilitando a saída da família para o trabalho na roça. A água chegava próximo ao terreiro da casa. Lugar de difícil acesso, sem recursos, Roldão não podia retornar lá.

Pois bem, volto ao enfermo Roldão ou voltemos ao enfermo Roldão. Benedito pediu a seu filho mais velho que fosse chamar seu irmão Waldomiro que morava ali mesmo no seu sítio para que viesse ajudar a cuidar do doente.

Waldomiro veio e junto com o Benedito atenderam a todos os pedidos do Roldão, como:

— Me coloque sentado. Me coloque deitado. Me vire de lado.

Naquele leito Roldão gemia sem cessar de tanta dor. A sua volta seus familiares, Waldomiro, Benedito e família. Benedito mostrava-se muito nervoso com o sofrimento do Roldão.

Benedito sensibilizou com o pedido comovente do Roldão assim que ali chegou. No dia seguinte foi a Itapetininga conversar com o médico que o medicava. O médico Dr. Salvador Correa Almeida de Moraes decidiu ir à residência do Benedito onde Roldão se encontrava e desenganou-o.

Exatamente quando completou 24 horas naquele leito Roldão faleceu. Faleceu na hora por ele premeditada assim que foi acolhido na casa do Benedito.

Waldomiro Nunes da Costa, irmão do Benedito segurou a vela na mão do Roldão no momento do último suspiro: as 20 horas.

O velório aconteceu na sala da casa do Benedito.

O caixão, caixa abaulada para encerrar e conduzir o defunto foi confeccionado ali mesmo pelo senhor Vicente Claudino com ajuda de moradores do Bairro do Areão, vizinhos do Roldão.

O vestuário também foi confeccionado na casa do Benedito e o crucifixo afixado na parede foi feito com retalhos roxos do tecido usado para fazer as vestes que foram usadas no falecido.

Durante a noite do velório e no dia seguinte antes do enterro Benedito serviu alimentação a todos que ali compareceram para confortar a família enlutada.

Por muito tempo depois da morte do Roldão, a família do Benedito tinha pressentimento de ouvir gemidos dele e ficavam impressionados quando olhavam sobre a cama. Benedito decidiu trancar a porta do quarto que dava acesso à sala e abriu outra em uma das paredes que dava saída para a cozinha.

Gestos concretos para com o próximo foram comuns durante a vida terrena do Benedito Nunes da Costa (Dito Ricardo). Ele sabia que a misericórdia que se usa com o próximo está em estreita relação com a misericórdia de Deus para conosco.

O cão adestrado

(narrado por Plínio Aires da Costa)

Benedito tinha um cachorro chamado Lobo.

Era de grande porte, gordo, cor amarela meio marrom e muito esperto. Entendia as coisas. Sentia. Lobo era um cachorro diferente dos demais cachorros, existente na vizinhança. No bairro não era comum um cachorro como o Lobo.

Benedito ensinou o cachorro a rebanhar o gado na invernada. Benedito ficava na varanda da casa onde morava e solicitava ao cachorro dizendo:

— Lobo vai buscar o gado. O cachorro olhava para o Benedito e seguia para a invernada.

Benedito ficava observando a habilidade do cão rebanhando o gado que começava no pasto até adentrá-los no curral.

Lobo sabia desempenhar sua tarefa e cercava quando um animal queria desgarrar. Ele não deixava nenhum animal dispersar-se do grupo. Benedito mantendo-se a distância observava tudo e ria vendo tamanha inteligência.

Terminada a tarefa o cachorro vinha sem jeito, lambendo os lábios para receber um agradinho que era uma alimentação como um pedacinho de pão,

um ossinho carnudo e quando era um osso ele ia roendo até as últimas migalhas. Com a recompensa o cachorro ficava feliz e fazia festa.

As pessoas que visitavam a família do Benedito queriam ver o trabalho do cachorro. E o Benedito dizia ao cão:

— Lobo vai buscar o gado. O cachorro olhava para seu dono e saía andando com seus passos largos e executava a tarefa solicitada.

Os visitantes ficavam espantados com a esperteza do cachorro. Naquele tempo, naquele lugar não era comum domar um cão.

Benedito e a labuta diária no Sítio

No sítio onde Benedito morava o trabalho na roça resumia-se em: roçar, plantar, capinar, arar, passar carpideiras, gradear, etc. Com ou sem auxílio de animais como burro, cavalo e mula.

Os animais contribuíram muito no preparo da terra. Quando velhos, Benedito deixava-os, soltos e desfrutando seu merecido descanso, até a morte chegar.

Ele era dono de um sítio. Benedito plantava milho, mandioca, feijão, algumas frutas e verduras. Ele cuidava da terra com instrumentos simples, como a enxada, o enxadão, o rastelo, a foice e o arado puxado por animais. Os produtos colhidos eram para sustento de Benedito e de sua família. Ele também vendia no mercado da cidade.

Os tempos mudaram. Benedito passou a usar instrumentos modernos: tratores, máquina colhedeira, ceifeira, pulverizadores, arados mecânicos e outros.

O trabalho do Benedito, esposa e filhos não ficou restrito apenas na lavoura.

A pecuária foi uma alternativa de melhorar a renda familiar.

Ao longo dos anos ele optou na criação de vacas leiteiras para produzir boas quantidades de leite, a partir do qual eram produzidos o queijo, a manteiga caseira, coalhada, creme de milho, doce de leite, arroz doce, mingau, canjica, enfim muitas variedades feitas com o leite, alimentos essenciais para a vida de todos.

O queijo era consumido por eles, mas também comercializados. Benedito praticava a pecuária extensiva que é pouco produtiva. Só crescia pela reprodução natural do gado. O crescimento da produção era muito lento. Não necessitava de grandes investimentos de dinheiro.

A pecuária foi muito importante na vida da família, tanto na comercialização do queijo e dos animais, quanto também na alimentação.

Quando a boiada aumentava, a pastagem ficava escassa, o jeito era vender. Geralmente os bois eram vendidos, deixando as novilhas para reprodução. A labuta não foi fácil. Não desanimar nas lutas da vida foi tarefa perseverante. Assim eles foram determinantes.

Começavam antes do nascer do sol e iam até o escurecer.

Não se importavam com a intempérie. Com chuva, geada, orvalho, (sereno da madrugada) etc, um dos meninos, antes mesmo de tomar café da manhã, ia para a internada, na época coberta de catingueiro, rebanhar o gado e coloca-los no curral.

O curral era constituído por dois compartimentos sendo um com cobertura e outro sem.

Ali acontecia todo o procedimento para tirar o leite das vacas.

Laçar a vaca quando era brava, maneá-la, ou peá-la com corda, amarrar o bezerro na pata dianteira do animal e começar a tarefa.

Trabalhava na leiteria o Benedito e os dois filhos João e Joel.

Eles tomavam café no curral. Benedito, inclusive, recebeu ajuda da esposa Odila na construção do mesmo.

Numa caneca tiravam o leite sobre o mesmo transformando- o em café com leite espumado e quentinho.

Anos se passaram e o leite começou a ser vendido a um laticínio em Itapetininga, portanto parou a fabricação de queijo para a venda.

A princípio era transportado num Jeep pelo Sr. José Lauro Ferreira, que pegava o leite na sede do sítio.

Posteriormente o transporte passou a ser feito num caminhão devido ao aumento da produção no bairro, e o Benedito ou um dos filhos tinha que levar num “rastelo” até a estrada principal, atual Rodovia Eugênio Sebastião de Lima.

É importante mencionar que Benedito nunca admitiu o abate de um animal dentro da sua propriedade.

Ele tinha muito zelo pelo seu pequeno rebanho.

A fumaça no céu

Em meados da década de 60 no Bairro de São Roque próximo ao Bairro do Espigão município de Itapetininga estava sendo celebrada uma missa por um Padre de Itapetininga. Benedito e alguns filhos também participavam.

Naquela época era comum a maioria dos homens ficarem do lado de fora da igreja ouvindo a Santa Missa, era o costume, porque a igreja era pequena.

Os fiéis estavam atentos ouvindo a homilia do Padre quando repentinamente começou um alvoroço em volta da igreja. Os fiéis que estavam dentro do templo murmuravam sem saber o que estava acontecendo lá fora. Já em frente da igreja, os fiéis assustados levantavam os braços e gritavam: — Meus Deus! Meu Deus!

Assustado, o Padre saiu rapidamente tropeçando na sua batina preta para verificar o que estava sucedendo. Sabe o que era? Um avião soltando fumaça. O povo todo olhando para o céu pensando que fosse uma bomba atômica.

No sítio do Benedito, sua esposa e a filha mais velha viram a fumaça e também ficaram amedrontadas. Por sorte delas chegaram uns visitantes os quais contribuíram para amenizar o medo.

Isso foi, sem dúvida, resquício de traumas da segunda guerra.

De fato, as cicatrizes da guerra ficaram não só na consciência daqueles que participaram, mas também daqueles que acompanharam o desenrolar da guerra ao longo dos seis anos.

Havia apenas seis anos que Benedito morava naquele bairro e ele contava e recontava tudo o que sofreu e viu nos campos de batalha na Itália. Tanto ele falava da tal guerra que qualquer sinal no céu era motivo para pânico.

Passatempo de Benedito no Bairro do Espigão

Terra preparada. Semente semeada. Tempos de espera.

Durante o intervalo entre a germinação e crescimento Benedito fazia aquilo que mais gostava, seu passatempo preferido naquele lugar que escolheu para viver com sua família – pescar.

Antes pescava no Rio Capivari, um dos afluentes do Rio Itapetininga. Depois que conseguiu comprar um carro movido a gasolina ele procurou o grande Rio Paranapanema que ficava distante de sua propriedade uns 20 quilômetros. Ele sabia que naquele rio havia muito peixe.

No sítio tinha muito que fazer. Lá ninguém ficava à toa, mas certamente ele precisava de um merecido descanso e entretenimento.

Benedito gostava de pescar. Ele praticava a pesca não só como hobby, mas também para obter alimentação oferecida pelo rio, alimentação esta que ajudava no sustento da família, e não só da família, dos parentes e vizinhos pois partilhar era um dom dos sitiantes da época e com o Benedito não era diferente.

Ele comprou alguns alqueires de terras as margens do Rio Paranapanema, no Bairro dos Claros. Primeiro rancho a beira do rio.

Na roça Benedito aprendeu a fazer de tudo um pouco. E fazia. Até o tablado a margem do rio foi ele quem fez. Depois do tablado a ceva. E cuidar da ceva era essencial. Ali ele colocava os alimentos e com isso acostumava os peixes. Movendo para lá e para cá os peixes permaneciam sempre por perto, em volta da ceva à espera de mais alimentos. Sendo assim quando caía o anzol com a isca o peixe era atraído e pescado.

No dia anterior ao combinado para pesca ele preparava tudo, vara de anzol, latinha das minhocas, etc.

Na manhã seguinte pegava os equipamentos de pesca, a alimentação dos peixes que era farta, de seus companheiros que eram seus filhos e saíam rumo ao rio. Às vezes um parente ou vizinho o acompanhava.

À beira do rio Benedito iscava o anzol e começava a pescaria. Era cair o anzol dentro d'água e um peixe já mordida a isca e ele puxava todo contente.

Pescaria tem que ter paciência. Benedito era inquieto, mas à beira do rio ele transformava-se e passava o dia todo pescando.

Um silêncio gigantesco dominava todo mundo, emudecendo até as crianças.

Enquanto Benedito estava atendo a pesca, seus filhos em silêncio, para não espantar os peixes, contavam os gravetos, os tocos, que a correnteza levava rio abaixo. Tudo era levado menos lixo que na época não existia naquele manancial.

No tempo de muita chuva as enchentes eram inevitáveis tanto nos pequenos como nos grandes rios como é o Paranapanema.

As águas invadiam as margens do rio, invadindo a beira dos campos, invernadas, trazendo pedaços de paus grandes e pequenos, galhos de árvores, que dentro dos rios deslizavam ora rapidamente, ora lentamente, conforme a velocidade da água.

O tablado do Benedito ficava totalmente coberto. Aliás, nem dava para chegar à beira da mata, e do rio muito menos.

Existe uma grande pedra sobre a qual Benedito costumava pescar de vez em quando. Esta pedra fica próxima a ponte e também ficava coberta durante as enchentes. Muitas foram às vezes que Benedito foi até o rio para ver se as águas haviam baixadas para poder pescar.

A beira do rio o perigo era constante. Os peixes atraíam cobras venenosas. Várias vezes, Benedito foi surpreendido com cobras à beira do picuá onde estavam os peixes. O susto era grande. Benedito se recuava. Somente depois que a cobra sumia é que ele se aproximava do tablado e continuava a pesca.

Todos temiam também o ataque de animais ferozes como onça. O lugar era propício, mata nativa, muito fechada. Constantemente podia ser visto pegadas nas barrancas do rio. Outro perigo era alguém escorregar e cair dentro do grande rio. Como um socorreria o outro se ninguém sabia nadar?

Em uma dessas pescarias uma das filhas do Benedito escorregou. Benedito ergueu-se dum salto e agarrou na saia da filha segurando-a. No salto a chave do seu veículo caiu dentro do rio. Sorte que nesse dia seu cunhado Ângelo Botelho da Silva pescava com ele. Ângelo era mecânico e sabia mergulhar. O que fez? Precipitou-se sobre as águas profundas do rio. Mergulhou, mergulhou, mas não encontrou a chave. Para retornarem ao sítio Ângelo fez ligação direta no veículo e deu certo.

Rio fundo e muito fundo, mas muito carregado de peixes era o Rio Paranapanema nas décadas de 60 e 70. Atualmente mesmo com os agrotóxicos utilizados pelos produtores rurais próximos à margem do rio, este ainda continua piscoso podendo ser encontrado em seu leito traíras, piavas, lambari, bagre, entre outros tipos.

Interessante, no trecho onde Benedito pescava o rio não mudou a geografia do lugar. Preservar os rios é tornar segura a vida das futuras gerações.

Benedito, torcedor dos Santos e do Brasil

(narrado por José Aires da Costa)

A Copa do Mundo de 1958 foi sediada na Suécia.

Para a alegria dos brasileiros a seleção brasileira foi classificada para a final e teve que enfrentar a seleção da Suécia, anfitriã do evento.

O jogo aconteceu no dia 29 de junho de 1958 às 14:00 h, hora do Brasil em Estocolmo no Estádio Råsunda.

Apesar do inverno, o dia amanheceu ensolarado no Bairro do Espigão onde Benedito morava.

Benedito não tinha rádio e queria ouvir o jogo. O que fez? Levantou cedo e ainda de manhã após realizar algumas tarefas cotidianas, encilhou seu cavalo chamado “Lagarto” e saiu rumo a residência de seu irmão Euclides Nunes da Costa que morava no mesmo bairro distante uns oito quilômetros e possuía um rádio. Lá chegando Benedito encontrou seu irmão e familiares destrinchando um porco que haviam abatido.

Enquanto esperavam a hora do jogo, Benedita Aires da Costa, a “Lolita” esposa do Euclides fazia o almoço e fritava carne de porco.

Todos almoçaram e depois do almoço ouviram a transmissão do jogo saboreando carne de porco frita.

E para alegria dos torcedores a seleção brasileira goleou a seleção da Suécia. A partida terminou com 5 a 2 para o Brasil, tornando-se o Brasil campeão da copa do mundo FIFA de 1958. Primeiro título do Brasil, campeão Mundial de Futebol.

À tardinha Benedito retornou e chegou em casa esbanjando alegria relatou a família toda a emoção e vibração vivida durante o jogo junto com o irmão, sobrinhos, cunhada e vizinhos que ali se encontraram para viver esse momento.

Como naquela época era comum partilhar, Euclides doou uma porção de carne para Benedito levar e deliciar-se com sua família.

A primeira escola dos filhos de Benedito

Em 1957 João, Maria e Joel, os três filhos mais velho do senhor Benedito iniciaram seus estudos em uma simples casa localizada no Bairro do Espigão.

Era uma humilde casa de tábuas e coberta com telhas de propriedade do senhor Rodolfo Soares. Ele emprestou o prédio onde funcionou a Escola Municipal do Bairro do Espigão, escola isolada, por alguns anos.

Vani Ferreira Soares da Silva Pontes filha única do senhor Rodolfo, estudou nessa mesma escola. A sobrinha do Benedito, Terezinha Nunes da Costa, filha do Euclides Nunes da Costa também estudou nessa escola. A 1ª professora que exerceu o professorado naquela escola foi Regina Müller.

Os alunos percorriam um longo trajeto para ir de sua casa a escola e vice-versa. Era estrada de terra ora poeirenta, ora lamacenta dependia das variações do tempo. O pior era no dia de chuva. Não tinham capa de chuva e nem guarda-chuva. Para não faltar às aulas cobriam a cabeça com qualquer “coisa” e seguiam rumo a escola.

Interessante era o tipo de construção da escola. Era tipo palafita. A casa era de tábua e foi construída sobre pilares isso por causa da inclinação do terreno. Uma maneira de evitar que a enxurrada penetrasse dentro do prédio.

Hoje este prédio ainda resiste ao tempo, mas completamente em ruínas.

Transformou-se em uma tapera. As partes internas das tábuas abrigam cupins. Tornou-se alimento deles.

A vegetação tomou conta do terreiro onde existia um jardim com flores multicores.

Benedito sempre se preocupou com o aprendizado dos filhos.



Imagem. Escola onde os filhos do casal Benedito e Odila cursaram o primário (1^o, 2^o e 3^o anos)

À noite, enquanto Odila cuidava dos últimos afazeres do dia, Benedito homem simples, na roda familiar em volta as brasas, quando inverno, ensinava os filhos a escrever e ler as vogais, números e o nome deles. A mesa das crianças eram as cadeiras.

A preocupação com o futuro dos filhos

Benedito lutou para que seus filhos tivessem outra vida.

Em 1963, Benedito comprou a primeira casa em Itapetininga à Rua Cel Fernando Prestes, 696, centro, com um único objetivo dar continuidade aos estudos dos filhos até concluir o curso superior.

Homem simples, mas muito inteligente Benedito percebeu que somente com a renda do sítio ele não conseguiria custear os estudos dos filhos. Emprego foi e é um desafio. O que fez?

Em 1968, Benedito comprou a segunda casa contendo um salão, digo um ponto comercial em boa localização a Avenida Domingos José Vieira,

1204, centro. Foi neste ponto comercial que ele abriu uma pequena empresa, uma mercearia onde os filhos trabalhavam e custeavam seus estudos.

Benedito Nunes da Costa, lavrador, investiu no futuro dos filhos e acreditou nos ideais de sua descendência.

Benedito sabia da importância do lavrador para saciar a fome do mundo com a plantação, mas, não deu esse incentivo aos filhos porque ele sabia o quanto era cansativo e sofrido trabalhar de sol-a-sol derramando o suor sobre o cabo da enxada ou do arado.

Muitas vezes ele precisou tirar a camisa molhada com seu próprio suor e deixar secando para depois vesti-la novamente.

Benedito não queria que os filhos tivessem as mãos machucadas, calejadas, mãos sofridas do homem do campo.

E Benedito realizou seu sonho.

Dos seis filhos, cinco concluíram o curso superior. Um dos filhos tinha fascínio pela zona rural (roça) e lá ficou trabalhando por livre e espontânea vontade.

Era o Joel Ricardo.

Ao contrário dos irmãos, desde criança gostava da “lida” na zona rural. Rejeitou dar continuidade nos estudos.

Acompanhava seu pai em tudo, tanto no trabalho da lavoura como na pecuária. De fato, Joel era muito trabalhador e causava admiração a todos que o conhecia. Com apenas 18 anos de idade, casou-se, constituiu família e continuou trabalhando e vivendo na zona rural.

Já mudou de bairro, já mudou de município, mas não mudou de profissão. Até que tentou.

Ao longo de 66 anos, ainda arruma forças e enquanto “toca” a terra gotejam no chão seco, pingos de seu suor. É o prazer do homem do campo na sua vida simples e tranquila lutando, por aquilo que gosta, fazendo a terra produzir e o rebanho engordar.

Benedito admite caseiro

Depois de um longo tempo do duro trabalho no Bairro do Espigão, Benedito resolveu contratar um caseiro. Isso foi na década de 70, quando ele já tinha um bom poder aquisitivo, depois de muito suor derramado. Ele queria ter um merecido descanso em Itapetininga e curtir seus filhos que lá estudavam e trabalhavam.

Benedito trabalhava durante o dia no sítio e pernoitava na cidade. O sítio não podia ficar abandonado.

Vários foram os caseiros que moraram naquela propriedade rural e dentre eles o senhor Roberto Machado Ramos.

Roberto foi morar e trabalhar no sítio com sua esposa Rosalina da Costa Ramos e seus dois filhos Reinaldo e Alexandre, entre 1974 a 1982. Em 1982, nasceu a filha Ana enquanto seus pais moravam no Sítio São Benedito.

O filho José Carlos nasceu em Itapetininga e o caçula Josias nasceu em Sorocaba, somando assim sete membros da família Ramos.

O filho mais velho, Reinaldo Machado Ramos ordenou-se sacerdote e atualmente é Pároco na Catedral Nossa Senhora dos Prazeres em Itapetininga.

Uma infância ouvindo histórias, lendas e contos

Assim foi a infância dos filhos do Benedito Nunes da Costa.

Antigamente, as histórias eram contadas nas rodas familiares. Com o Benedito não foi diferente. Seus filhos nasceram na zona rural.

Quatro deles nasceram no Bairro de Santa Adelaide, município de Tatuí, os mais velhos. Uma nasceu no Bairro do Espigão município de Itapetininga. A mais nova, digo a caçula na Santa Casa de Misericórdia de Itapetininga.

Nas noites frias de inverno em volta as brasas retirada do fogão a lenha, a família se ajuntavam e os filhos ficavam boquiabertos ouvindo Benedito contar-lhes histórias. A história que ele mais se empenhava em narrar era da sua participação na Segunda Grande Guerra Mundial que perdurou de 1º de setembro de 1939 a 08 de maio de 1945.

Integrante da Força Expedicionária Brasileira, Benedito lutou durante oito meses finais dentre as batalhas a famosa tomada de Monte Castelo derrotando as tropas eixo (Alemanha, Itália e Japão).

Além das histórias verídicas muitos foram os contos e lendas que ele contava. Benedito nunca mencionou o nome do autor das lendas e contos somente mais tarde é que os filhos ficaram sabendo através do contato que tiveram com os livros durante sua escolarização e o trabalho como professores.

Benedito humilde lavrador soube passar para os filhos o gosto pela leitura.

Uma das filhas do Benedito estava lendo um exemplar da Revista Escola e ficou surpresa ao encontrar em uma das páginas um dos contos que o pai dela gostava de contar naquela época. O título do conto “As três respostas”.

Benedito deixou histórias registradas no livro “Lendas de Itapetininga”, lançado no dia 17 de agosto de 2002, com uma segunda tiragem em agosto de 2016.

E também no Livro “Lendas de Itapetininga e Região” das autoras Luciane Camargo e Maria Nunes da Costa Menk, publicado em 15 de março de 2014, sem falar das muitas histórias não registradas que ele contava espontaneamente aos filhos, netos e amigos.

O prazer, o gosto de contar e ouvir histórias eram, naquele tempo, comum talvez porque raros eram os meios de comunicação na zona rural e por isso o tempo disponível para essa atividade tão importante dos pais para com os filhos.

Os bons momentos da vida passam depressa, mas deixam suas marcas, suas “pegadas”. Ah! Foram tantas as histórias contadas pelo Benedito. Que saudade! Uma delas nós nunca esquecemos, a do Saci.

Esta é uma lenda um pouco esquisita. Por meio dela, vamos saber que o Saci pode se vingar das pessoas que falam palavrões.

Sendo ele um ser misterioso, pode aparecer com seu gorro vermelho, pulando em uma perna só, e desaparecer sem deixar rastro. Faz isso, principalmente, quando alguém diz um palavrão. Digo e comprovo, porque aconteceu comigo quando eu era guri.

Meu irmão Euclides e eu morávamos, com nossa família no Bairro da Chapada Grande. Papai pediu que fôssemos à casa de um vizinho buscar um encerado. Era distante e já entardecia. Tínhamos que atravessar uma ponte e como um irmão era mais ligeiro e peralta, resolveu correr, deixando-me para trás.



Foto. *Nesta casa, só resta a saudade da roda familiar ao calor do braseiro ouvindo as histórias contadas pelo inesquecível Benedito Nunes da Costa. A saudade dos velhos tempos é uma lacuna que jamais será preenchida.*

Com medo e raiva, passei a xingá-lo. Sabe o que aconteceu? Comecei a ouvir passos sobre as folhas secas no mato e galhos sendo quebrados e arremessados em minha direção.

Parei, olhei para trás e não vi ninguém. Então comecei a chorar. Meu irmão percebeu que algo estranho estava acontecendo. Voltou para me buscar e saímos os dois correndo tudo?

O vizinho escutou o meu berreiro e veio ao nosso encontro, querendo saber o que havia acontecido.

Quando chegamos a casa dele, fui descansar debaixo da laranjeira, bem ao lado do caminho. Que susto! Sabe o que eu vi? Um moleque pulando, em uma perna só com boné vermelho na cabeça.

Rapidamente ele desapareceu. O medo foi tanto que só conseguimos retornar para casa, acompanhados pelo nosso vizinho.

A Entrevista

Entrevista concedida por Benedito Nunes da Costa a seu neto Jovane Nunes da Costa em 1999 quando este estudava na EE Prof. Evônio Marques – Bairro da Varginha, atual Distrito da Varginha.

A entrevista foi a pedido de um dos professores aos seus alunos. Tal foi o conteúdo da entrevista que podemos dizer que ela é um resumo da história de vida do Benedito Nunes da Costa.

PESQUISA COM PESSOAS MAIS ANTIGAS DO BAIRRO

Nome: Benedito Nunes da Costa conhecido no bairro por Dito Ricardo.

Nascimento: 21/02/1921

Escolaridade: primeiro grau incompleto

Profissão: lavrador

Endereço: Sítio São Benedito – Bairro do Espigão

Origem da Família

Filho de Antônio Nunes da Costa “Tonico Ricardo” e de Aurora Maria Vieira, natural do Bairro da Chapada Grande.

Nesse bairro casei com Odila de Oliveira a qual passou a ser chamada Odila de Oliveira Costa e continuamos morando nas proximidades do Bairro da Chapada Grande.

Passaram mais ou menos um ano e mudamos para o Bairro de Santa Adelaide município de Tatuí. E foi nesse Bairro que nasceram meus filhos: João, Maria, Joel e Ivone. Nesse sítio eu trabalhava na agricultura. Os principais produtos cultivados eram bananas e abacaxi.

Na pecuária pouca criação de gado e equino. Também criava alguns suínos. Na avicultura dedicava a criação de aves para a produção de carne e ovos, tanto para o consumo como para o comércio. A banana e o abacaxi cultivados eram vendidos na cidade de Tatuí. O comércio da banana, abacaxi, aves, ovos, etc. eram feitos pela estrada de chão batido e o meio de transporte era a carroça puxada pelos burros ou cavalos. Era uma viagem lenta, pois a estrada era de terra na época. As pessoas para irem à cidade de Tatuí utilizavam o trem de passageiros para suas viagens.

Mudei-me para o Bairro do Espigão em 1954. Vendi meu sítio no Bairro de Santa Adelaide município de Tatuí e comprei este aqui no Bairro do Espigão município de Itapetininga. Aqui nasceram mais duas filhas: Lucinda e Regina Maria. Neste bairro dediquei-me a agricultura de feijão, arroz, milho, etc.

Na pecuária aumentei a criação de vacas leiteiras e o leite extraído era utilizado para fabricação de queijos. Os cavalos utilizados no serviço da lavoura e como meio de transporte. Dos porcos utilizo a carne e gordura, para consumo e conforme; da criação faço comércio.

Assim acontece também com a criação de aves. Não foi fácil preparar a terra para pastagem aos animais e também para o plantio. Eu não tinha no início condições financeiras suficientes para comprar implementos agrícolas e por isso o serviço tinha que ser braçal e com auxílio de animais que puxavam: arado, carroça, grade, carpideira, etc. A venda dos produtos acontecia aqui mesmo. Os compradores comprovam os produtos e transportavam com seus próprios meios de transporte. A ida a cidade de Itapetininga nos anos 60 era muito difícil.

No início não tinha ônibus, nada.

Posteriormente colocaram um caminhão que fazia ponto em uma venda (ponto de comércio). As pessoas iam até a venda utilizando cavalos, charrete, carroça ou a pé e de lá iam a Itapetininga para fazer compras, vender mercadorias, batizados, casamentos, registrar o nascimento de um filho, etc. Passaram o tempo e colocaram uma jardineira (ônibus). Melhorou bastante, pois o caminhão que transportava o povo nem tolo tinha e a estrada era de terra ora poeirenta ora lodo. Atualmente tudo mudou.

Quando cheguei com a mudança no Bairro do Espigão entrei morar em uma casa de barro e coberta com sapé. Alguns anos depois construí uma casa de tijolos e coberta com telhas.

Infância/Adolescência e relacionamento com os pais

Muito obediente. Com o olhar meu pai dominava seus filhos. Na adolescência acompanhei meu pai Antônio Nunes da Costa conhecido com o apelido de Tônico Ricardo, nas caminhadas que ele fazia ao Sul do Brasil em busca de tropas de cavalos. Meu pai era tropeiro e ia ao Rio Grande do Sul comprar tropas de burros para comercializar aqui na região em volta de Itapetininga. Me lembro como se fosse hoje da viagem difícil, lenta pelas picadas, estradas barrentas ou poeirentas. Atravessamos florestas, tribos de índios, cachoeiras, arraiais, etc. Nos rios onde não tinha ponte os animais passavam por dentro d'água. E era as margens dos rios a nossa pousada para aproveitar a água tão pura daquela época para saciar a sede dos tropeiros, dos animais e usa-la também para cozinhar, tomar banho, etc. Enfrentamos nas caminhadas variações de temperatura. Às vezes sol ardente, outras vezes chuva torrenciais ou baixa temperatura, mas não desanimamos, pois foi a profissão escolhida por meu pai e ele dependia dela para sua sobrevivência e sobrevivência de sua família. O nome de meu pai Antônio Nunes da Costa está contido no livro Esperanças de Ontem do autor Hehil Abuázar e com ele o nome de outros ex-tropeiros da região.

Brinquedos/Brincadeiras

Não tínhamos brinquedos industrializados. Às vezes uma simples bola de plástico ou de pano. De vez em quando improvisava usando a criatividade. Éramos onze irmãos e o orçamento, ou melhor, a renda era pouca. Mas nunca deixamos de brincar. Andava a cavalo, nadava, jogava bola, jogava peteca, etc.

Papel do pai/ mãe na família

Papai muito severo. Exigia que estudasse, mas que trabalhasse desde cedo. Se estudava de manhã a tarde tinha que cumprir a tarefa previamente estipulada. Mamãe cuidava da casa. Onze filhos para cuidar era tarefa árdua para ela.

Doenças comum

Resfriado, varíola, catapora, tosse comprida, sarampo, etc. O medicamento era caseiro. Ervas do fundo do quintal.

Roupas da moda

Em casa ninguém usava roupa da moda. Nem se ouvia falar em roupa da moda ou de marca. Comum era pé no chão. Quando moço tinha um terno e gravata simples. Muito simples.

Alimentação diária? Procedência?

Era comum alimentar-se daquilo que cultivava ou criava. Plantava-se pouco pois não possuía máquinas. Era com ajuda de animais que preparava o chão. Vendia um pouco do que colhia e reservava uma porção para o consumo até encontrar a outra safra. O mesmo acontecia com a criação de animais. Do porco comia a carne e do toucinho aproveitava o torresmo e a gordura. Das aves aproveitava a carne e os ovos. Tinha horta e pomar. Fazia doces em casa. Pouco se comprava. Tudo era fruto da terra, do lugar e como era bom. Era realmente uma alimentação orgânica e fazia bem a saúde. Ninguém morria de câncer, pois ninguém usava produtos agrotóxicos e nem conservantes naquela época.

Mesada recebida? Como gastava?

Não tinha mesada. Como gastar? Papai controlava o dinheiro que era pouco e era ele quem comprava o que precisasse. E nós trabalhávamos para

papai sem ganhar nada. E se ganhasse de outro agricultor era papai quem recebia e manobrava o dinheiro.

Casa, eletrodoméstico, móveis, hábitos domésticos, obrigações de cada um.

Casa de taipa coberta com telhas. Não tínhamos eletrodomésticos, os móveis muito simples sendo cama com colchão de palha de milho seca, guarda roupa duas partes, armário ou prateleira, mesas e cadeira de madeira, cômoda, etc. Nos hábitos domésticos a obrigação de cada um, cada um cuidava de si próprio e quanto aos afazeres. As meninas ajudavam a mãe e os meninos, ou seja, Benedito ajudava na lavoura quando não estava acompanhando seu pai nas andanças para o sul em busca de tropas.

Amizades relacionamento.

Tínhamos amizade com os vizinhos próximos à chácara. Um vizinho visitava o outro. Brincávamos com bola, íamos a baile juntos, mas tudo com respeito e educação.

Namoro – rituais

Fui muito namorador. Mas sempre soube respeitar as moças que namorei. Frequentei muitos bailes e dancei muito. Era o divertimento do meu tempo de mocidade.

Casamento

Estava com plano para me casar com a Odila que hoje é minha esposa. Mas qual foi minha surpresa. Fui convocado para lutar nos campos de batalha na Itália, isto é participar da Segunda Grande Guerra Mundial. A princípio foi um impacto que sofri, não sabia o que fazer. Não tinha como fugir daquela triste realidade. Não podia tornar-me um desertor porque mais cedo ou mais tarde seria identificado e sofreria as rigorosas punições da lei. Pensei, pensei... E decidi:

— Me apresentei e fui. Deixei minha família, amigos e minha namorada Odila. De lá mandava mensagens. Sofri medo, saudade, desespero tudo o que vocês podem imaginar e muito mais. Mas foram apenas oito meses que fiquei lá. Era o final da guerra. Perdi muitos amigos, mas eu fui designado por Deus para ir e voltar. E eu Graças a Deus voltei e casei-me com a Odila no dia 27/07/1946 e hoje temos seis filhos sendo quatro filhas e dois filhos, netos e bisnetos. Minha esposa guarda com carinho tudo o que eu trouxe da Itália principalmente as correspondências que ela recebia.

Religião. Como se praticava

Sou católico. Ainda tenho em mãos o catecismo do soldado que recebi antes de embarcar no navio para a Itália. Lá chegando na cidade de Pizza antes de entrar na linha de frente na guerra, acompanhado do inesquecível amigo Aníbal Casaroto deixei o acampamento e fui assistir uma missa em uma capela daquela cidade ao lado da Torre de Pizza. O padre nos deu a benção. Inesquecível.

No sítio íamos a festa e assistíamos missa quando tinha. Não era frequente e na cidade era difícil ir pois era longe e os meios de transportes eram poucos.

Escola, disciplinas, horários, estudo, relacionamento com professores, provas, férias.

Estudei na Escola Mista do Bairro da Chapada Grande. Minha primeira professora foi dona Escolástica. Cursei até o 3º ano. As disciplinas eram: Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia e Ciências. Estudava das 8:00 as 12:00 h. sempre levei a sério o estudo pois estava consciente de que estava lá para aprender. E uma coisa posso afirmar:

— Que os estudos eram bem puxados, ou melhor, avançados. O planejamento do professor assim exigia. O relacionamento com a professora era de respeito. Em casa meus pais tinha o professor como uma pessoa muito importante e que merecia inteira consideração. Eles exigiam que respeitasse os professores, caso contrário seríamos punidos em casa.

Tínhamos provas. Provas realmente difíceis e que reprovava o aluno caso não estivesse preparado. Na minha opinião era importante a repetência. O aluno ia a aula consciente que tinha que prestar atenção e aprender para ser avaliado se estava apto a passar de ano.

Tínhamos férias, mas não gostava não. Sabe por que? Durante as férias tínhamos que trabalhar na roça de sol-a-sol.

Mercado de trabalho

Morávamos em um sítio no Bairro da Chapada Grande município de Itapetininga. Poucos sitiantes vizinhos. O Bairro da Chapada Grande era um pequeno arraial com poucas casas, uma venda, uma capela, uma escola mista, etc.

Não existia opção para trabalho naquele lugar. O bairro era próximo a cidade de Itapetininga. Mas a cidade era pequena e também não gerava emprego. Então eu trabalhava para o meu pai e as vezes trabalhava também para os sitiantes vizinhos para ganhar.

O trabalho na roça resumia-se em: Plantar, roçar, capinar ou com auxílio de animais arar, passar carpideira, gradear, etc.

Infraestrutura (água, esgoto, iluminação, coleta de lixo).

No início buscávamos água no ribeirão. A água era transportada em uma lata em cima da cabeça o que me faz lembrar a música “Lata d’água na cabeça” de L. Antonio e J. Júnior.

*Lata d’água na cabeça
Lá vai Maria ...
Lá vai Maria ...
Sobe o morro não se cansa
Pela mão leva criança
Lá vai Maria*

Às vezes a água era trazida até a casa com baldes segurados com as mãos. O banho era na bacia. Os moleques iam nadar aproveitavam para banhar-se no próprio ribeirão. A água era corrente e a correnteza não segurava poluição.

Os animais bebiam água nos ribeirões com exceção das galinhas que tinham cocho onde alguém da família colocava água para elas beberem. As vezes uma vasilha qualquer. As roupas eram também lavadas nos ribeirões. Passados vários anos meu pai construiu um poço na área de serviço de casa. Tudo ficou mais fácil.

Rede de esgoto não passava nem por perto. A princípio as necessidades fisiológicas eram feitas no mato mesmo. Com o passar do tempo foram construídas fossas.

A iluminação era a luz a querosene. Comprava uma lata de querosene na cidade de Itapetininga para ser transformado em iluminação.

Não existia coleta de lixo no Bairro. Mas também não havia tanto lixo naquela época. Os restos de comida eram servidos aos animais domésticos: cachorro, gato, etc. Outros tipos de lixo eram colocados no pomar o que virava lixo orgânico uma espécie de vitamina para as plantas. Os frutos eram saudáveis e faziam bem a nossa saúde.

Comércio, indústria na cidade ou bairro.

Morava no Bairro da Chapada Grande e lá não tinha comércio. Tinha uma simples venda como era chamado o ponto comercial da época. Nessa venda não tinha opção para fazer compras. Pouca mercadoria e cada mercadoria uma só marca. As instalações rústicas. Balcão, banco, prateleira, vitrine, tudo de madeira rústica.

Indústria não existia. Nem no Bairro e nem na cidade de Itapetininga, exceto as cerâmicas e olarias. Já se passaram mais ou menos setenta anos e ainda, considero uma cidade plenamente sem indústrias, sem empregos.

Meios de transporte e comunicação

Os meios de transporte eram cavalos que conduziam os cavaleiros, a carroça, a charrete, etc. A correspondência (cartas, telegramas) eram enviados no endereço do armazém do senhor Amador Nogueira, a Rua Quintino Bocaiuva. 1081 ou no endereço de outro amigo da família.

Era o armazém antigo da cidade de Itapetininga e onde as pessoas do bairro faziam suas compras. Era combinado previamente com o senhor Amador para ele receber a correspondência e quando alguém da família fosse para lá fazer compras a pegaria. Isso dava certo.

Relacionamento de vizinhos/amigos

O relacionamento com vizinhos, amigos era muito bom. Os vizinhos eram amigos. Um visitava o outro. Iam as festas ou bailes juntos. Se um vizinho matava um porco ele repartia com o outro. Era o costume daquele tempo. Era o costume de gente boa. Sempre dividia.

Lazer

No tempo de criança os brinquedos eram improvisados. Qualquer coisa se tornava brinquedo. Uma espiga de milho com cabelo era boneca ou boneco. Duas frutas cítricas e 5 espinhos virava boneca ou boneco. Uma caixa qualquer era o carro. Um cabo de vassoura era o cavalinho. Cacos de vidro era vasilha. E assim por diante.

Na adolescência jogava bola a tarde depois dos afazeres. Jogava maia, jogava peteca. Depois de casado eu gostava de tocar sanfona nos bailes e continuei jogando futebol de vez em quando.

Leitura

Eu lia muito. Eu gostava de ler a Revista o Cruzeiro. Lia também livros de história geral, livros de contos, etc.

Rádio/TV/Cinema

Assisti vários filmes no cinema. No navio no qual viajei à Itália também podia assistir filmes e eu assisti.

Rádio eu só comprei aqui no Bairro do Espigão. Nesta época meu filho mais velho já havia completado dez anos de idade.

A primeira TV comprei mais ou menos no ano de 1968. Minha preocupação era que meus filhos desviasse a atenção aos estudos e ficassem ligados a programas inúteis da TV brasileira.

Passatempo

Jogar bola, peteca, maia, bailes, tocar sanfona, ler boas notícias, ler bons livros, brincadeiras improvisadas, etc.

Estilo de Músicas/Cantores preferidos

Sempre apreciei a música sertaneja. Música raiz. Mas o estilo de música que mais prefiro é o Baião e o cantor preferido é o saudoso Luiz Gonzaga. Seu nome completo Luiz Gonzaga do Nascimento (1912-1989). Tive há anos atrás a oportunidade de assistir um show dele em Itapetininga na Praça Marechal Deodoro. Gosto muito de cururu (repente paulista).

Programas de TV

Aprecio filmes. Bons filmes é cultura. Proporciona o nosso desenvolvimento intelectual.

Jornais e revistas mais lidos.

Nos meados de 1953 lia muito a Revista o Cruzeiro. Li muitos jornais, mas não recordo os nomes.

Clubes/ bailes/ carnaval/festas

Nunca frequentei clubes. Baile eu não perdia durante minha juventude e até mesmo depois de casado. Sabe o que fiz um dia depois de casado para poder ir ao baile? — Comprei uma sanfona. Sabe por que? Para ter motivo para ir aos bailes. E sempre que ia aos bailes levava meu filho mais velho e um colega que tocava sanfona, porque eu mesmo não tocava quase nada.

Um dia, fui a um baile acompanhado de um amigo e meu filho mais velho, E o tocador não foi. Esperei. Esperei. E ele não chegou. Sabe o que fiz? — Coloquei a sanfona em um banco e falei que ia fazer necessidade fisiológicas. Larguei tudo. Sanfona, colega, o povo e até meu filho.

Carnaval, assistia carnaval de rua na cidade de Itapetininga.

Sempre gostei de ir as festas no Bairro da Chapada Grande, no Bairro do Morro do Alto, no Bairro de São Roque, no Bairro da Varginha etc.

Em Itapetininga ia as festas de: Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora da Aparecida, Festa do Divino e outras festa nos Bairros como: Festas Juninas, São Gonçalo, etc.

Esportes

O único esporte que eu praticava era o jogo de bola. Nunca fui profissional. Mas foram horas e horas de lazer tanto na infância, adolescência e mesmo depois de casado. Tenho ainda a foto do time de futebol amador no qual joguei durante alguns anos.

Festas Tradicionais da cidade ou bairro/ como eram

As festas aconteciam assim: Na véspera era a chamada matança. Matavam bois, porcos, galinhas, etc. Eles assavam e vendiam nos leilões. Os festeiros não esqueciam de tratar do povo que iam nesse dia para ajudar. Serviam um delicioso almoço. Esses animais abatidos eram doados previamente pelos moradores dos Bairros. Os festeiros eram os responsáveis pela arrecadação das prendas. No dia da festa, de manhã acontecia a procissão finalizando com a Santa Missa solene. O padre além de rezar a missa fazia batizados, etc. Essa tradição perdura até hoje.

Governo/ Cidadania

Qual era o ambiente das eleições na época dos Prestes.

Talvez porque a população era bem menor e os candidatos eram poucos, o movimento era pacífico. Mas posso afirmar que o objetivo dos candidatos daquela época era semelhante ao dos candidatos atuais – PODER.

Como fazia a propaganda política

A propaganda política era semelhante aos dias de hoje. Os políticos sempre politizavam. Cartazes, santinhos, condução para transportar os eleitores, churrasco para agradar eleitores e cabo eleitorais, visitas prévias as eleições aos eleitores, etc., mas a mesmice daquele tempo continua. Antes das eleições promessas, aperto de mãos, tapinhas nas costas. Pós-eleições os candidatos principalmente aqueles que conseguem se eleger transformam-se em um mito encantado. Durante o mandato ninguém vê. Ninguém pode cobrar o que eles prometeram. E salve-se quem puder.

Como exercia a cidadania.

O povo recebia os candidatos em suas casas, ouvia-o com atenção e acreditava nas promessas. Talvez por ser menos a população da época, não sei explicar o porquê, mas não se via tanta propaganda espalhadas pelas ruas da cidade e nos bairros. Não acontecia essa agressão contra o meio ambiente como vejo atualmente.

Prefeito (s) marcante (s) da época – realizações

Os prefeitos naquela época foram homens dignos de confiança. A cidade, os bairros, não tiveram grande desenvolvimento antes dos anos sessenta, isto talvez pela pouca arrecadação do município. Não posso citar grandes realizações feita por eles. Eles faziam conforme o orçamento disponível.

Pontos positivos da cidade ou bairro na época focalizada

O povo parecia muito feliz, amigo, sabia dividir e vivia em paz porque não se falava em violência na época. A vida era simples mas viviam tranquilos.

Ponto negativos

Dificuldades para locomover-se, para comunicar-se, iluminação precária, falta de estradas e pontes, não tínhamos implementos agrícolas, faltava infra- estrutura, etc.

Mudanças que aconteceram na cidade ou bairros: boas e más

Voltando ao passado, tempo de criança, adolescente, adulto, etc. posso garantir que aconteceram muitas mudanças, enormes realizações dos anos sessenta para cá. Durante a entrevista citei três bairros: dois onde vivi sendo Chapada Grande e Bairro de Santa Adelaide e este onde vivo, Bairro do Espigão, os três bairros tinham as mesmas características que citei no relato. Acompanhei as mudanças que aconteceram. É lógico que mudanças boas e más. Vou citar primeiro as boas mudanças globalizando os três bairros.

Atualmente a realidade é outra. Asfalto passa no meu sítio. O sítio e outros sítios vizinhos estão infestados de implementos agrícolas facilitando o trabalho na roça. Luz elétrica, água encanada, TV, geladeira, rádio, parabólica, celular, meios de transportes circulando dia e noite. No Bairro da Varginha funcionando o curso ginásial. Perua escolar transportando alunos. Centro de saúde atendendo a população, etc. A mudança é inacreditável comparando aos anos sessenta.

O mesmo aconteceu com a cidade de Itapetininga. É lógico que nem sempre em um grande desenvolvimento só se vê coisas positivas.

Vejo a mudança no comportamento das pessoas. Violência entre as pessoas desde a postura no falar até a agressão física. As drogas. Vejo o desrespeito ao meio ambiente, etc. Espero que esses males sejam podados e prospere o bem.

Mudança que gostaria de ver hoje em nosso bairro

Não uma mudança e sim um pedido. Que continuasse a pavimentação (asfalto) que parou no Bairro do Retiro. Que continuasse e chegasse até a cidade de Buri e que o mesmo fosse bem cuidado.

A expansão do asfalto dará aos moradores dos bairros a oportunidade de trafegar normalmente não sofrendo com as variações do tempo onde ainda é estrada de chão batido.

Outras declarações

Gostaria de citar aqui os tipos de casas nas quais morei e que nela moro. As casas não eram todas iguais.

1921 – Bairro da Chapada Grande.

Nasci em uma casa de taipa e coberta com telhas.

1947 – Bairro da Chapa Grande.

Casei-me e fui morar em uma casa de barro coberta com telhas.

1948 – Bairro de Santa Adelaide.

Comprei um sítio nesse bairro. A casa era de barro e coberta com telhas.

1954 – Bairro do Espigão.

Vendi o sítio em Santa Adelaide e mudei para o Bairro do Espigão onde comprei este sítio. A casa era de barro e coberta com sapé.

1957 – Bairro do Espigão.

Construí uma nova casa, esta de tijolos e coberta com telhas. É nela que vivo até agora quando não estou em Itapetininga.



Benedito Nunes da Costa
Em 1999 com 78 anos de idade
E.E. Prof. Evônio Marques
Bairro da Varginha

Costumes outrora vividos

Na infância dos filhos do Benedito e Odila os relacionamentos entre filhos e pais eram diferentes. Os filhos eram obedientes. Com o olhar, os pais dominavam os filhos. Benedito sempre exigiu muito respeito dos filhos a quem quer que fosse e em qualquer lugar onde estivesse.

Desde que nasceram os filhos do casal Benedito e Odila foram ensinados a chamá-los de papai e mamãe e esse costume perdura mesmo depois que os pais partiram para a vida eterna quando os filhos fazem menção a eles.

Antônio Nunes da Costa (Tonico Ricardo) pai do Benedito tinha o costume estranho. Ele não admitia que os netos o chamassem de vovô. Todos tinham que chamá-lo de padrinho. Por incrível que pareça Benedito aderiu a esse costume e os netos tinham que chamá-lo também de padrinho.

Durante a infância, os filhos do Benedito e Odila não tiveram oportunidade de brincar com brinquedos industrializados. Os brinquedos eram improvisados como: carros de lata de doces, boneca de espiga de milho, de laranja, de sabugo, de mamona; bola de pano; na casinha qualquer madeira era mesa e os cacos de vidro ou de louça era prato, tigela, etc.

Benedito e Odila eram pais bastante severos. Eles exigiam que os filhos estudassem de manhã, trabalhasse à tarde ou vice-versa e respeitassem seu semelhante.

O pai trabalhava na lavoura e muitas vezes com a ajuda da esposa.

Na casa ninguém andava na moda, eram roupas simples e usavam até acabar. Odila tinha uma máquina de costura, marca Singer e ela confeccionava a maioria das roupas das crianças, consertava roupas, etc.

Naquela época o adubo (fertilizante) vinha embalado em saco de pano. Odila lavava bem e transformava (confeccionava) em roupas para a família. Ela fazia também lençóis colchão, fronhas, toalhas de banho e rosto, guardanapo e até toalha de mesa. O esquisito era a marca do produto "ADUBO MANAH" por mais que lavasse e colocasse produtos, não apagava a escrita.

A família do Benedito alimentava-se daquilo que se cultivava ou criava.

Do porco comia a carne e do toucinho se aproveitava o torresmo e a gordura. Os porcos eram tratados com milho. A palha da espiga do milho era aproveitada para encher colchão. Era confeccionado um saco retangular do tamanho da cama, com duas aberturas por onde se colocava as palhas rasgadas. As crianças participavam da tarefa de rasgar as palhas.

Das aves se aproveitava a carne e os ovos. Quando uma ave era abatida as penas macias eram aproveitadas para fazer travesseiros. Era confeccionado um saco retangular e enchia com as penas.

No quintal existia uma horta e um pomar. Pouco se comprava. Tudo era fruto da terra, do lugar e como era bom. Era realmente uma alimentação saudável, orgânica, pois ninguém usava produtos agrotóxicos naquela época.

Na casa do Benedito não havia eletrodomésticos e os móveis eram muito simples sendo: cama armário, guarda-roupa, mesas, cadeiras, prateleiras, bancos, cômoda.

A família do Benedito levava a sério os estudos, pois estavam conscientes de que estavam na escola para aprender. Eles respeitavam a professora.

Perto do sítio do Benedito não existia comércio. Distante havia uma venda com pouca mercadoria. As instalações da venda eram rústicas, balcão, banco, prateleira, vitrines, tudo de madeira rústica.

Naquele tempo o relacionamento com os vizinhos e amigos era muito bom. Os vizinhos eram amigos. Cultivavam a amizade. Um visitava o outro, iam a bailes ou festas juntos.

Se um vizinho matava um porco, ele repartia com outro. Era o costume daquele tempo. Era o costume daquela gente boa.

Na década de 50 até muito tempo depois não havia energia elétrica no Bairro do Espigão, portanto não havia geladeira nas casas. Quando matavam porco, a dona de casa derretia o toucinho e colocava em uma lata. Em seguida fritava a carne de porco e soltava na gordura do próprio porco. Era assim o procedimento para conservação da carne e ter nas refeições durante meses.

À tardinha depois do árduo dia de trabalho um vizinho visitava o outro. Lá contavam histórias de assombração, jogavam e retornavam tarde da noite sob a luz do luar. Uns voltavam conversando e escutavam outro (s) que retornavam para casa cantarolando. Uma música que muito se ouvia era: “Abre a porta e janela. Venha ver quem é que eu sou...” canção esta cantada da dupla Tônico e Tinoco. Tempo bom que não volta mais.

A família do Benedito frequentava as tradicionais festas do santo padroeiro no bairro onde morava e também às missas.

Firmes na fé Benedito e Odila ensinaram aos filhos a oração que o Senhor nos ensinou Pai Nosso. Ensinaram também a Ave Maria e o Sinal da Cruz.

O dia de natal era o dia mais alegre do ano na casa do Benedito. As crianças sabiam que era o aniversário do Menino Jesus. Nada de luxaria só alegria. Os presentes eram supridos com a presença dos pais juntos.

Os filhos do Benedito acreditavam em papai Noel. Benedito pedia a eles que escrevessem o que gostaria de ganhar. As crianças pediam coisas simples. Um sapato, uma lata de Toddy.

No dia 24 de dezembro, antes de irem se deitar, as crianças deixavam o sapato ou chinelo de uso, pois, segundo os pais, era ali que o bom velhinho deixava o presente desejado. No dia seguinte (dia de natal), as crianças levantavam cedo e era bonita a euforia ao encontrarem a encomenda.

No dia 25 de março, dia da Anunciação do Anjo Gabriel a Nossa Senhora. A Família do Benedito tinha que estar mais firme na fé e não fazer nada errado principalmente falar palavrões. Comer carne, nem pensar.

A Sexta-feira Santa, Sexta-feira da Paixão, era um dia muito respeitado pela família do Benedito. Na humilde residência reinava o silêncio e quase nada se fazia.

Durante a infância e adolescência dos filhos do Benedito havia muita tranquilidade no bairro onde moravam. A família saía para trabalhar na roça e deixava a casa aberta ou as portas amarradas com barbante ou qualquer outro fio. Alta noite casa aberta. À noite, quando iam dormir portas e janelas eram presas por tramelas ou tranquetas (peça de madeira que se coloca verticalmente por trás das portas ou janelas para fechá-las). Não existiam malfeitores. Os moradores só tinham medo de assombração. Hoje a realidade é outra. O medo é dos vivos e não dos mortos.

João filho do Benedito acompanhado dos irmãos mais novos saía pelo sítio à procura de enxame de abelhas. O objetivo do menino era encontrar favos, ou seja, conjunto de alvéolos em que as abelhas depositam o mel, para saborear o mel silvestre. Geralmente ele encontrava no oco ou rachadura dos troncos de árvores centenárias. As abelhas mordiam, mas, os favos ele trazia. Em casa com as próprias mãos João espremia os favos para tirar o mel. Ele guardava em um vidro. De manhã colocava um pouco em uma caneca louçada e tirava o leite puro da vaca sobre o mel e bebia.

Os filhos do Benedito iam à casa de um vizinho conhecido ou chamado “Laurindão ou Lorindão” só para beber café na canequinha de extrato de tomate. Ele usava o produto e aproveitava a lata vazia para servir café. Às vezes a latinha estava até enferrujada.

Laurindão morava sozinho em uma simples casinha, mas, era homem de respeito e mesmo sendo muito pobre nunca deixou de servir um cafezinho a quem quer que fosse a pessoa que o visitava.

Nos momentos de folga, os filhos do Benedito perambulavam pelas invernadas e abeira das grotas arborizadas procurando árvores frutíferas como ingazeiro, goiabeira, araçazeiro, juazeiro, guabirobeira, para delas colherem e saborearem os frutos.

João, o filho mais velho do Benedito era muito peralta. Ele tinha um péssimo costume. Ele beliscava o pescoço dos irmãos mais novos e por isso levou muitas surras de sua mãe. Ela batia com uma vara de marmelo.

Certo dia, Benedito foi à cidade e resolveu comprar um presente para o filho. Comprou uma jardineira de plástico para presentear-lo. Feliz, João não desgrudava do brinquedo. Como era seu costume foi sentar no fogão a lenha e colocou a tal jardineira próxima a boca do fogão. O fogo estava tão quente que derreteu várias partes da jardineira, danificando-a quase que completamente. Com isso João ficou muito triste.

Outro dia o pai de João prometeu que se o menino ajudasse a realizar um trabalho, ele o presentearia com uma bola oficial-capotão. João atendeu ao pedido do pai e trabalhou até completar a tarefa. Dias depois, seu pai foi à cidade de Sorocaba para consulta médica. João ficou no sítio com a mãe e os irmãos, ansioso à espera da bola tão sonhada. Mas nem tudo que se almeja se consegue. Assim aconteceu com João. Seu pai retornou de Sorocaba e ao vê-lo

chegando, João correu ao seu encontro para pegar o presente que tanto tempo esperava. Sabe o que encontrou? Uma simples bola de plástico vermelha. O menino ficou desolado ao ver tão insignificante bola. Apesar do desconsolo, nem tudo ficou perdido. Ele e o irmão Joel brincavam muito com a bola, até que não demorou muito para que a curiosidade falasse mais alta. Eles passavam a mão na bola, e percebia algo saliente na parte interna da bola. O que João fez? Ele pegou uma faca e cortou a bola para verificar o que tinha dentro. Que tristeza! A saliência era a emenda da bola. Eles perderam a bola!

Os filhos ficavam felizes quando Benedito retornava da cidade trazendo uma lata de cocada na calda de 350 gramas mais ou menos. Aberta a lata o doce era dividido. As crianças recebiam um pouquinho e todas ficavam felizes.

Na casa do Benedito havia apenas um guarda – roupa de duas portas onde guardavam as roupas da família e ainda sobrava espaço.

Os filhos do Benedito aprenderam a viver com uma determinada limitação.

Odila e os Desafios do Dia a Dia

Foram muitos os desafios da Odila. Eis alguns:

No dia 27 de julho de 1946, Odila e Benedito se casaram. Odila estava radiante por ter realizado seu sonho, o casamento com o Benedito.

Odila, mulher guerreira, amparou Benedito desde sua partida à Europa enquanto namorados e durante os 61 anos de vida matrimonial.

Odila foi o esteio, o alicerce do marido nas horas de tristeza, saudade, sofrimento, doença, dor, trabalho, alegria. Odila cumpriu sua árdua tarefa calada, sem lamentar. Nunca fraquejou.

Muitos foram os desafios enfrentados pela Odila. Apesar dos contratemplos e dos ventos contrários nunca desanimou. No dia 5 de setembro de 1946, portanto menos de 2 meses do seu casamento seus pais enfim seus familiares mudaram para a Fazenda Paiquerê município Piraí, Estado do Paraná.

A fazenda era de propriedade do senhor José Lupion, irmão do ex-governador do Paraná senhor Moisés Lupion.

Distante, dificuldades financeiras e difícil meio de transportes, não foi fácil viver afastada da família e foi somente com o nascimento dos filhos que Odila superou a saudade dos pais e irmãos pelo amor dos pequenos.

A mãe de Odila a senhora Ernestina Barsotti de Oliveira nunca mais voltou para visitar a família da filha Odila no Estado de São Paulo.

Poucas vezes Odila visitou sua mãe. Os anos se passaram e Ernestina adoeceu. Odila estava grávida da filha Lucinda quando Benedito foi a Itapetininga e chegando a casa de uma de suas irmãs encontrou um telegrama que dizia: Urgente: “Ernestina está passando muito mal”.

Odila não podia viajar. No dia seguinte Benedito viajou. Foi a casa do sogro no Paraná e no dia seguinte depois que lá chegou assistiu à missa de sétimo dia do falecimento da sogra. O telegrama chegou às mãos da família atrasado porque eles moravam no sítio.

De volta Benedito trouxe a notícia que Odila não queria ouvir. Sentada em uma cadeira, na cozinha, Odila grávida soluçava baixinho cabisbaixa, segurando a testa com uma das mãos e a cintura com a outra.

Poucos dias depois Lucinda nasceu.

Cinco meses passados chegou ao sítio uma camioneta. João como era seu costume verificou a placa e correu contar à mãe que era do Paraná. Era o cunhado da Odila que viera buscá-la, pois seu pai havia falecido de infarto. Lá foi a Odila, o filho mais velho João e a bebê Lucinda.

A terceira perda foi a irmã Neli que morreu prematuramente deixando um filhinho recém-nascido. Odila ficou sabendo meses depois. Ela estava na residência onde os filhos moravam para estudar a Rua Cel. Fernando Prestes, nº 696. Benedito ficou sabendo por acaso na cidade. Ao saber Odila quietinha foi ao tanque onde ficou esfregando algumas peças de roupas e só se ouvia soluços e lágrimas caindo sobre as roupas. E muitas foram as perdas, sem falar de um irmão que desapareceu e ela nos deixou sem saber o paradeiro do mesmo.

Além dos afazeres de casa, dos cuidados com os filhos, Odila ajudava o marido a ganhar o sustento na lavoura com esforço e dedicação.

A labuta era tanta que ela levantava de madrugada e só voltava para a cama alta noite.

Odila queimou a pele sob o sol forte do campo e fez muitos calos nas mãos ao longo de 61 anos de vida matrimonial. Ela trabalhava tanto durante o dia quanto a noite para dar conta de tantas tarefas. Não reclamava da sorte, pois via a sua volta muitas pessoas com tantas dificuldades.

Mesmo tendo tanto trabalho Odila gostava daquela época e dizia que valeu tudo que ensinou aos filhos, toda a dedicação a família. Afirmava que foi bom ter casado e constituído sua família. Ela contribuiu para a felicidade da família ajudando o marido a cumprir suas pesadas responsabilidades. Dedicar o tempo e atenção aos filhos ensinando a eles princípios corretos.

Ao lado do marido e filhos construiu um patrimônio, mas não perdeu a simplicidade.

Odila mulher tão simples, tão carinhosa, tão iluminada, tão religiosa, e de muita fé tentava dominar qualquer situação do dia-a-dia.

A maior preocupação da Odila era os filhos e o marido por quem ela tinha amor, respeito, cuidado, carinho, compreensão.

Odila foi companheira do Benedito nos momentos de alegria, tristeza e dor. Trabalhavam incansavelmente.

Batalhadora e econômica ajudou Benedito a dar educação aos filhos, apoiando suas decisões e cooperando com ele para que alcançassem os objetivos familiares.

Benedito homem severo, autoritário, mas soube do seu jeito, na sua maneira de ser, amar, respeitar e ser fiel com a Odila até o último dia dela na vida terrena.

Imagem que lembra uma História

Era uma imagem idêntica a esta que eu guardava a muitos anos entre minhas relíquias, pois quando deparei com a mesma veio a minha mente uma recordação da minha infância junto aos meus irmãos.

Era um monjolo idêntico a este localizado as margens do Ribeirão Bonito, próximo ao Sítio São Benedito no Bairro do Espigão onde eu morava.

Éramos crianças, meus irmãos e eu não pensávamos no perigo. Sempre que tínhamos vontade de comer biju saíamos de casa enfrentando estrada de terra, animais no caminho ou a beira do caminho. Atravessávamos uma ponte de madeira toda esburacada e chegávamos ao monjolo onde nós sabíamos que encontraria a jovem Benedita Lourenço Machado torrando farinha.



Imagem. O monjolo de nossas memórias e Benedita torrando farinha

Chegávamos, cumprimentava a moça e só sentávamos quando ela nos convidava. Éramos muito tímidos. Nós ficávamos ali inertes. Só respondia quando ela dirigia a conversa. Os olhos fitavam aqueles saborosos bijus esperando o momento de ganharmos um para saciar nossa vontade. Esta cena repetiu-se inúmeras vezes. Foram bons tempos que com certeza jamais serão esquecidos. Nesse monjolo os sitiantes encomendavam alguns alimentos básicos como a farinha de milho, o fubá, a quirera, a canjica, etc. No monjolo pilava o milho.

Partes do Monjolo movido à água

Monjolo é um engenho tosco primitivo movido por água, empregado para pilar milho e a princípio no descascamento do café. Ainda muito usado.

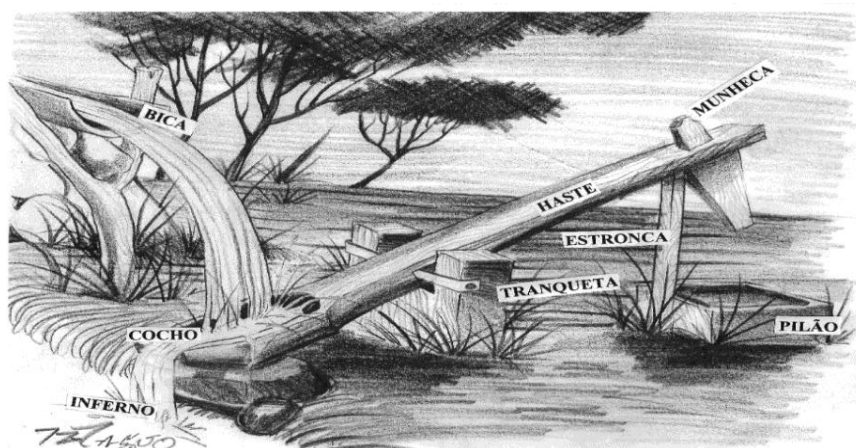


Imagem. O monjolo e suas diferentes partes
As partes do monjolo possuem os seguintes nomes:

Bica: pequeno canal ou telha de onde corre e cai água.

Cocho: recipiente de madeira onde cai a água da bica.

Estronca: escora (estaca) para segurar a haste quando o monjolo não está funcionando.

Haste: tronco (pau).

Inferno: lugar onde a água da bica cai fortemente no rio ou córrego.

Munheca: parte fixada a haste para socar ou triturar as sementes.

Pilão: gral de pau rijo para descascar e triturar arroz, café, etc.

Tranqueta: peça de ferro ou de madeira que se coloca verticalmente no chão para apoiar (sustentar) o monjolo.

Monjolo movido com o pé

No terreiro da casa do Benedito foi montado um monjolo movido com um pé. O monjolo foi montado debaixo das laranjeiras existente ali no terreiro, para proteger do sol a quem fosse executar o trabalho. A economia era pouca para construir uma cobertura.



Imagem. Monjolo movido à pé

O monjolo era de suma importância, pois ajudava na preparação dos produtos cultivados no próprio sítio, para a alimentação da família e dos animais.

Para ajudar a mãe que tinha “N” coisas para fazer, dois dos filhos mais velhos subiam cada um sobre um tronco fixado na traseira da haste do monjolo, um de cada lado e moviam o monjolo cada um com um pé. Precisava de duas crianças para executar o serviço porque o monjolo era pesado e uma só criança não conseguia suspender a haste para em seguida soltá-la.

Ali eles descascavam arroz. Descascavam café. Trituravam o milho transformando-o em quirera para tratar dos pintinhos.

Quantas e quantas noites enluaradas lá estava Odila, esposa do Benedito pilando arroz naquele monjolo para no dia seguinte ter com o que preparar as refeições para seus filhos.

Apesar de todas as dificuldades Odila nunca reclamou nunca esmoreceu com os desafios enfrentados durante a vida terrena.

Do cultivo ao pó de café

Café, fruto do cafeeiro, bebida excelente feita dos grãos secos e torrados, reduzidos a pó.

No quintal da casa do Benedito havia um pequeno cafezal, isto é, uma pequena plantação de café.

Os grãos levavam algum tempo para amadurecer. Antes da colheita os pés de café eram coroados, isto limpo por baixo de seus galhos chamado de saia para que os grãos não se misturassem com a sujeira (pedra, areia, terra, folhas, gravetos, terrão etc.).

Depois de maduros eram colhidos. A família participava da colheita. Elas arrancavam os grãos com as mãos e colocavam em uma peneira ou estendia um encerado no chão onde eles caíam.

O café era peneirado, abanado para separar os grãos das folhas. Em seguida os grãos eram colocados em um terreiro para secar. Quando os grãos já estavam secos eles eram recolhidos e ensacados ou colocados em uma vasilha para posteriormente virar pó de café.

Seco era colocado no monjolo movido com o pé onde socavam até sair toda a casca. Colocavam em uma peneira e abanavam.

O café era peneirado para separar os grãos da casca preta. Colocavam em uma panela de ferro ou máquina de torrar com manivela, ou seja, peça de uma máquina a que se imprime movimento com a mão e torravam no fogão a lenha.

Depois de torrado era novamente colocado em um pilão manual e com a mão de pilão Odila socava até transformar em pó de café.

Às vezes com a ajuda dos filhos. Era um trabalho lento e cansativo até transformar os grãos em pó de café.

Socava e peneirava. Os pedacinhos da semente do café que ficavam na peneira eram retornados no pilão.

Uma vez no pilão, socava-se novamente e assim sucessivamente quantas vezes fosse necessário até transformar toda semente em pó de café.

Não se perdia um só pedacinho.

Pilão Manual



Pilão é um gral em formato de taça, de pau rijo para descascar e triturar arroz, café, milho, etc. Instrumento simples para produção pequena.

A princípio rústico, com o passar dos anos com o avanço da tecnologia aparecem com diferentes formatos e lapidados.

Em sua casa quanta coisa Odila fazia no seu rústico pilão. Ela socava café depois de torrado até transformá-lo em pó de café. Das sobras de carne fazia saborosas paçocas. Fazia também deliciosas paçocas de amendoim. Antes do monjolo movido com o pé ela socava o arroz para descascá-lo para alimentação da família.

O alho era triturado em um pilão de pequeno porte. Ainda muito usado pela família e por “N”

famílias brasileiras.

A iluminação do sítio

Nos sítios onde Benedito morou a iluminação utilizada era a luz a querosene que iluminou a casa durante muitos anos.

Era a própria família quem fazia a montagem do candeeiro.

Usavam para a fabricação uma lata de leite ninho ou Nescau vazia. Furavam a tampa da lata e na cavidade passavam um pavio isto é uma tira de pano torcida. Em seguida colocava o querosene dentro da lata. O querosene subia pelo pavio e era só ascender um palito de fósforo e a casa ficava iluminada.

O ruim da iluminação a querosene é que saia uma fumaça preta que deixava as narinas das pessoas pretas.

O fogão à lenha

Um das muitas lembranças da família do Benedito no sítio é o fogão a lenha. É uma característica da zona rural.

Para muitos os fogões a lenha já é considerado superados devido o conforto da vida moderna.

Durante a vida terrena Odila cozinhou no fogão a lenha.

O fogão a lenha deixava todos da família do Benedito seduzidos pelo aroma e sabor irresistíveis da comida ali preparada. Além da comida saborosa, conservava quente sobre a chapa, a comida, o café, a água quente e na chapa também grelhava carnes.



Foto. *Odila nos seus afazeres junto ao fogão à lenha*

O fogão servia também como defumador. Em um varal sobre o mesmo defumava toucinho, linguiça.

Difícil era a manutenção do fogão.

Odila saía pelo pasto, à beira das grotas, no quintal em busca de galhos secos, pedaços de madeiras secas, pedaços de toras etc.

Para acender o fogão e mantê-lo acesso Odila utilizava gravetos que são pedaços de madeira seca, taquara seca, capim seco, palha de milho seca, sabugo, que é a espiga de milho sem os grãos. Material este que queima com facilidade.

Para não depredar o meio ambiente Odila apanhava a lenha seca que encontrava das arvores que não resistiam ao tempo ou que caíam com vendavais. Nunca cortava arvores para obter lenha.

Ela colocava a lenha no fogão e ateava fogo. Difícil era nos dias de chuva consecutivos. A lenha molhada não queimava ou demorava para pegar fogo, tardava as refeições e o pior de tudo é que a casa era invadida por uma cortina de fumaça que ardia os olhos sem falar que é prejudicial à saúde e ao meio ambiente.

No teto sobre o fogão a lenha, muito picumã. Odila vivia preocupada para evitar que caísse picumã dentro das caçarolas com alimentação.

Apesar da vida moderna, atualmente em diferentes lugares os fogões a lenha sofreram inovações e voltaram a ocupar as cozinhas em busca do sabor antigo.

Nem tudo que é novo é bom. Manter a tradição é importante para todas as pessoas.

Os herdeiros do sítio São Benedito conservam os fogões a lenha e o hábito de cozinhar naquele fogão. É a paixão deles.

Receita do sabão de cinza da Odila

Com os ingredientes água, banha de animais, também chamada de sebo, e cinza de madeira queimada no fogão a lenha, Odila pegava uma lata de querosene de 18 litros vazia, fazia um furo em um dos cantos do fundo da mesma.

Ela então colocava cinza até acima do meio da lata e socava bem para compactá-la. Em seguida, Odila colocava água até encher a lata e deixava-a sobre uma superfície plana, ou seja, sobre uma mesa ou banco deixando o furo exposto. Embaixo do furo, Odila colocava uma vasilha para ir juntando a água que ia filtrando e pingando. Processo lento.

A água filtrada era de cor parda ou turva chamada de coada, conhecida pelos roceiros como “dequada”.

A água de coada substituía a soda caustica comercial. Tendo filtrado uns 7 litros de água de coada, Odila reservava em um tacho de cobre, onde ela fritava levemente mais ou menos uns 5 quilos de sebo.

Com cuidado para não se queimar, Odila despejava sobre o mesmo a água de coada e deixava ferver, mas sempre mexendo.

Durante o cozimento a água ia secando. Odila então completava com mais água de coada, repetindo o processo quantas vezes fosse necessário porque no fogo levava mais ou menos três dias para a fabricação do sabão de cinza. A noite cessava o cozimento. Como saber se o sabão estava no ponto?

O ponto é igual à do doce de leite caseiro.

Odila pegava um prato com água e colocava um pouco da mistura. Se a massa tornasse consistente e espumasse estava no ponto, era hora de tirar do fogo e despejar em uma caixa e esperar endurecer para cortar.



Imagem. Produção do sabão de cinza no terreiro da casa do Benedito

Para o cozimento do sabão de cinza a família improvisava um fogão a lenha no terreiro da casa, onde era colocado o tacho de cobre com os ingredientes.

O cheiro era tão forte e não podia ser feito dentro da casa, pois prejudicava a saúde da família.

O segredo do sabão de cinza está no cozimento.

Ninguém podia brigar, xingar ou falar palavrões.

Sabe o que acontecia se brigasse?

O sabão não formava massa consistente, se desfazia e transformava-se em um aguacento dentro do tacho e o jeito era jogar tudo fora o que reverteria em prejuízo e tempo perdido.

Os filhos do Benedito já eram orientados a não brigar, xingar e nem falar palavrões muito menos durante a fabricação do sabão de cinza.

Na casa do Benedito o sabão de cinza era usado na cozinha, para lavar roupas, para tomar banho, era a serventia da família.

O sabão de cinza foi criado para ser feito com coisas que as pessoas que moram em sítio tinham por perto, ou seja, cinza de madeira tirada do fogão a lenha e gordura de animais.

O transporte da lenha

Odila transportava a lenha seca para queimar no fogão, sobre a cabeça.

Ela fazia um feixe, isto é, levava uma corda e colocava os gravetos sobre a mesma esticada, em seguida amarrava bem e colocava sobre a cabeça. Para não machucar o couro cabeludo Odila fazia uma rodilha. A rodilha é uma rosca de pano em que se assenta a carga na cabeça.



Foto. *Odila no transporte da lenha*

Um dia ela fez um feixe de lenha tão pesado, que causou problemas sérios em seu pescoço. Odila também rachava lenha com o machado, serviço difícil, pesado, duro para uma mulher.

O transporte da água

Afinal, sem água ninguém pode viver.

Na casa da Odila não havia água encanada.

Odila trazia a água de uma das nascentes do sítio. Da mais próxima.

Ela usava para o transporte da água lata ou balde. Quando ela transportava sobre a cabeça ela colocava a rodilha para proteger o couro cabeludo.

Às vezes ela trazia dois baldes com água um em cada mão.

Outras vezes uma lata com água sobre a cabeça e um balde com água na mão.

Haja equilíbrio para a água não saltar fora.

Muitas vezes trabalhando na roça e sendo a lavoura perto das nascentes, a família do Benedito aproveitava para saciar a sede bebendo água das nascentes com ou sem uso de caneca ou outro utensílio.

Agachado ou com o corpo curvado, abria a boca sobre a água fresquinha e pura que jorrava. A sombra do arvoredado ali existente contribuía para a temperatura agradável. Outras vezes juntavam as duas mãos, fazendo um tipo de cocho, colhiam a água e bebiam. Enfim, as crianças se divertiam com o improvisado.



Foto. Odila no transporte da água

Conscientes da importância da água para a vida, os familiares de Benedito estão empenhados em cuidar das nascentes do sítio cercando, plantando mudas, fazendo curva de nível para evitar o assoreamento. Afinal, preservar as nascentes é dever de todo cidadão.

A lavagem das roupas

O sítio onde Benedito escolheu e comprou para viver com sua família no Bairro do Espigão é um lugar realmente abençoado. Nos quatro cantos do sítio, nascente d'água. O sítio é cercado de água, riqueza maior não existe.

Nos meados de 1954 quando Benedito chegou com sua mudança, a velha casinha de sapé onde ele se instalou com a família ficava pertinho de uma dessas vertentes cujas águas da mesma descia ladeira abaixo indo se juntar as águas de um dos afluentes do Ribeirão Bonito.

Logo que ali chegou, Benedito, munido de ferramenta manual cavoucou, digo, fez um buraco no córrego próximo a nascente d'água, represou a água, colocou uma tábua para Odila lavar as roupas.

Em 1957 Benedito e família mudaram para uma casa de tijolo que haviam construído não muito distante da casinha de sapé.

Odila passou a lavar roupas numa outra nascente, afluente do Ribeirão Bonito, onde deságua as águas da vertente antes citada.

Benedito fez o mesmo procedimento. Represou a água, colocou a mesma tábua num canto e ali Odila lavava as roupas.

O serviço da lavagem de roupa não era diário. As roupas usadas iam sendo amontoadas num canto. No dia agendado pela Odila, se estava ensolarado, o serviço era executado.



Foto. *Odila na lavagem das roupas no rio*

Odila fazia uma ou duas trouxas, colocava uma sobre a cabeça equilibrando-a. Outra dentro de uma bacia grande encostada na cintura segurando com uma mão e com a outra mão levava uma criança que dormindo ou sentadinha numa cama improvisada, esperava a mãe executar o trabalho. Ajoelhada na tábua, Odila ensaboava a roupa, esfregava, as mais encardidas, ela ainda batia sobre a tábua na tentativa de limpá-la. Em seguida colocava para corar sobre o pasto onde havia muito catingueiro.

Roupa limpa, o procedimento final era repassar. Odila mergulhava peça por peça nas águas para retirar as impurezas e todo o sabão.

Em seguida, ela torcia. E para torcer as roupas principalmente às pesadas, Odila tinha que juntar todas as forças que possuía e descarregava sobre frágeis mãozinhas. Ela ia torcendo e colocando na bacia. Roupa torcida tem que secar. Onde?

Odila colocava a bacia sobre a cabeça e trazia para secar em casa.

O varal era a própria cerca de arame farpado que cercava o quintal vedando o gado de adentrar.

Anos mais tarde Benedito comprou um tanque de cimento e fixou a beira do riacho. Para enchê-lo, usava um balde ou lata. Facilitou muito para Odila que não precisava mais ajoelhar-se. Ajoelhada era um sofrimento. Pagava até pecados que não cometera.

Para lavar as roupas era usada apenas a água do riacho e o sabão de cinza que era feito pela própria Odila. Naquele tempo ninguém usava produtos industrializados para alvejar a roupa.

Lavar roupa foi difícil, cansativo, mas tornou-se uma distração com a chegada das concunhadas da Odila sendo elas Darziza Pereira Costa, em 1956 e Ébe Tedeschi, em 1960.

Não tendo um lugar apropriado onde moravam, as duas lavavam as roupas no mesmo lugar escolhido pela Odila e na maioria das vezes no mesmo dia e horário.

Enquanto trabalhavam, colocavam a conversa em dia. Conversa vai, conversa vem, esqueciam o cansaço, mas expunham os desabafos. Falavam da decepção, emoção, frustração, saudade, mas falavam muito da felicidade principalmente quando o assunto era o nascimento dos filhos ou daquele que estava no ventre materno.

As crianças ali por perto ouviam tudo no silêncio. Nunca se intrometia. O ensinamento dos pais era: – Na conversa dos mais velhos, criança não põe a colher no meio. Hoje só nos resta a saudade dos velhos tempos na zona rural.

O Poço

Depois de anos e anos de transportar água do rio, Benedito resolveu contratar um poceiro e fazer o primeiro poço no sítio. Processo manual. A água era tirada com balde ou lata e puxada com auxílio de carretilha que é uma roldana pequena. A vasilha descia rapidamente chocalhando e subia devagarzinho pingando.

Como não havia energia elétrica no sítio, não se pode instalar a bomba. O poço serviu muitos anos e ainda nos dias de hoje ele é utilizado para matar a sede dos animais.

A Vassoura-do-Campo

Casa, terreiro, galinheiro, barracão e tudo o mais tinha que estar sempre varrido. Os pais, Benedito e Odila eram exigentes.

Todo dia tinha um filho encarregado da limpeza. Lixo tinha seu destino certo. Ordem dada tinha que ser executada.

Se não tinha vassoura, alguém tinha que percorrer a invernada e colher ramos da vassoura-do-campo.

Em casa a confecção da vassoura era feita pela própria família. O material utilizado para a fabricação da vassoura caseira, era a vassoura-do-campo, barbante ou tira de pano e um cabo improvisado com madeira seca do quintal.

Durante o uso da vassoura-do-campo, as folhinhas iam se soltando até que ficavam somente os galhos secos. Então era a hora de confeccionar outra. O jeito era voltar na invernada à procura de ramagens novas e começar tudo de novo.



Tradições imorredouras de Odila

Mesmo com toda a tecnologia a disposição, Odila ainda preservava as tradições da zona rural.

Tudo como antigamente, café passado no coador de pano, sabão caseiro, fogão a lenha, etc.

São hábitos que ainda resistem na vida de muitas pessoas como resistiu até o último dia de Odila na sua passagem terrena.

Não foi por falta de oportunidade ou acesso. Odila defendia seus costumes em nome da qualidade, do sabor do prazer de fazer e também pela economia.

Enquanto pode trabalhar Odila fazia os próprios coadores de pano. Ela tinha o molde para cortar e em seguida costurar o coador de pano. E esse molde ela nos deixou.



Capítulo V.

Um Nome, Uma Vida e Uma Obra

Os 61 anos de casados de Benedito e Odila

Odila se recuperava de um tombo. Caiu no dia 24 de maio de 2007.

Em frente ao bolo enfeitado com os noivinhos, mamãe esqueceu as dores que ainda sentia e deu gargalhadas com as recordações naquele dia 27 de Julho de 2007. Há exatos 61 anos ela e Benedito se casavam.

Parecia estar feliz. Parecia que ela sabia ou adivinhava que era a última comemoração do aniversário do seu casamento.

Benedito estava em tratamento. Saúde abalada.



Foto. Benedito e Odila ladeado pelos filhos:

Da esquerda para a direita: Ivone, Lucinda e João.

Da direita para a esquerda: Maria e Regina Maria; Faltou Joel.

Setembro de 2007

Último passeio de dona Odila a uma de suas propriedades rurais, rancho as margens do Rio Paranapanema, no Bairro dos Claros.

Odila estava acompanhada do marido Benedito Nunes da Costa, da filha Lucinda e do genro Josué de Camargo.

Benedito ateou fogo nas pragas existente no lugar. Odila chamou a atenção dele, com medo de que o fogo se alastrasse por toda propriedade.

Monumento aos Ex-Combatentes

Benedito Nunes da Costa e a esposa Odila de Oliveira Costa, no ano de 2007, fizeram a primeira e única visita ao Monumento aos Ex-Combatentes da Segunda Guerra Mundial localizado defronte Tiro de Guerra TG 02-076 de Itapetininga.



Foto. Monumento aos Ex-Combatentes visitado por Benedito e Odila no TG

A visita foi fundamental, pois ficou marcada na memória do Benedito, ao ler seu nome registrado entre os nomes dos Ex-combatentes Itapetininganos da Segunda Grande Guerra Mundial.

A fase mais dura da vida de Benedito

A batalha mais dura na vida do Benedito foi a perda da esposa Odila de Oliveira Costa. Doente e com a idade avançada, 86 anos, sete meses e oito

dias, Benedito sentia-se inseguro e não desgrudava da esposa. Minuto a minuto, hora a hora ele queria estar lado a lado com ela.

Quando soube da inesperada notícia Benedito ficou sem chão. Parecia uma criança, órfão. Benedito foi derrotado como se tivesse perdido uma batalha. Foi pior que a guerra enfrentada por ele. Na época da guerra era jovem com força, saúde, coragem, bravura, determinação.

Agora tudo diferente. Foram dois anos onze meses e vinte e um dias sem a esposa com quem viveu 61 anos, dois meses e sete dias sem contar o tempo de namoro e de noivado.

Idoso, doente, frágil, dependente, inseguro. Benedito sofreu muito e chorou muito a saudade da amada.

Alguns registros das lamentações feitas nos momentos críticos:

07/12/2008 – Benedito sentado na poltrona ao lado do vitrô da sala estava muito pensativo olhando a rua. A TV estava ligada no canal 26 - Século 21: *Programa Louvemos ao Senhor*.

No momento em que o padre Reginaldo Manzotti cantava a música do seu novo lançamento CD “Creio Num Deus Impossível”, Benedito olhou para um dos filhos que estava ali na sala e disse:

– Que falta faz a Odila. Nem que fosse para ela não fazer nada. Só para conversar. Ele chorou muito.

08/12/2008 – Dezesesseis horas marcava o relógio quando Benedito disse a um dos filhos que lhe fazia companhia:

– Toda hora quero chamar.

A pessoa perguntou:

– Chamar quem?

E ele respondeu:

– A Odila.

Benedito caiu em prantos.

09/12/2008 – Ao chegar ao sítio Benedito olhou para um dos filhos que dirigia e disse:

– Não tenho mais gosto para vir aqui.

A pessoa perguntou:

– Por quê?

Chorando ele respondeu:

– Falta a Odila.

14/12/2008 – Ele disse quase toda hora eu chamo a Odila para perguntar onde está alguma coisa. E ele chorou.

22/12/2008 – Benedito novamente repete:

– Não gosto de vir mais aqui no sítio. Ele chorou.

24/12/2008 – Benedito disse:

– A Odila quer vir aqui no sítio, mas não dá certo. E as lágrimas rolaram.

Benedito se lembrava da Serra de Angatuba. Ele dizia:

— A gente almoçava na serra (restaurante localizado na rodovia na Serra de Angatuba). Eu acho falta dela. Está muito ruim sem a Odila. E Benedito chorou.

Já fazia mais de um ano que Odila havia deixado a vida terrena e Benedito chorava a saudade da companheira inseparável.

Benedito nos deixou no dia 25 de setembro de 2010.

A ausência do Benedito no seio familiar deixou uma lacuna impreenchível, uma vez que ao longo de sua vida foi um exemplo para a família. Homem simples, honesto, trabalhador, religioso, amigo, herói nacional, pai amoroso, esposo dedicado, fiel. Partiu, porém deixou seus ensinamentos e principalmente seus exemplos.

Hoje não o temos fisicamente, mas as lembranças não se apagam, estão vivas em nossa memória.

Como é lindo ver duas pessoas que começam a se interessar uma pela outra. Como é lindo perceber que duas pessoas se estimam e começam uma trajetória de amor que pode terminar em um matrimônio verdadeiro até que a morte os separe.

Benedito e Odila agora são ambos uma página de saudade no álbum da família. E a saudade é tão cruel.

Mas não podemos reclamar. Deus nos permitiu uma longa vivência com nossos pais. Faltaram apenas 152 dias para completar nove décadas de vida terrena do Benedito e 25 dias para completar oito décadas de vida terrena da Odila.

A nova jornada de vida de Benedito

Quando Benedito se aproximava da entrada do sítio cantava uma música, fato que passou a ocorrer logo após a perda de sua esposa.

Não sei quem é o compositor e nem quem escreveu a letra e o ritmo. Não sei quando foi inspirado o verso. Só sei que quando chegávamos ao início da reta da Rodovia Eugênio Sebastião de Lima, que dá acesso a entrada do sítio, Benedito olhava para sua propriedade, às vezes triste, ou melhor, sempre triste cantava:

*Fazenda Joaquim Augusto
Só vendo que maravilha
Na sua grande invernada
Estende aquela camparia
E o dono da fazenda
Já está uma grande ...*

Certo dia, dirigíamos ao sítio e subindo a subida do Bairro dos Delgados, deparamos com um cachorrinho perambulando no meio da Rodovia Eugênio Sebastião de Lima.

Benedito imediatamente fez sinal com a mão e falou:

– Pare. Pare.

Benedito pediu que nós pegássemos o animalzinho. O cachorrinho entrou embaixo do carro e não queria sair. Nesse momento um conhecido que por ali passava parou seu caminhão atrás do carro do Benedito, desceu e ajudou a pegar o cachorrinho. Levamos ao sítio. O coitadinho estava abandonado. Estava sem rumo. Magro, sujo, sarnento e faminto. Em casa cuidamos do cachorrinho. Benedito deu-lhe o nome de Tucho. Tornou-se amigo da família.

Benedito muito doente deixou de ir ao sítio. A última vez que lá esteve foi no dia 5 de maio de 2010. O cachorrinho ficou aos cuidados do senhor Paulo Soares Ricardo e esposa.



Foto. Tucho, o cachorrinho de Benedito

Com a saúde abalada, doente, frágil, nervoso Benedito não desistia do trabalho. Era inquieto. Procurava o que fazer. Benedito gostava de almoçar debaixo da cobertura onde existe um poço. Sua decisão era respeitada.



Foto. Benedito à mesa costumava almoçar

Já com a saúde abalada precisava ter um jeito especial para com ele até mesmo na hora da alimentação. Insistíamos com carinho, Benedito era tratado como criança, principalmente quando não queria alimentar-se. A paciência era fundamental e tudo dava certo.

Vale lembrar que, enquanto Benedito aguentou, seu refúgio foi sua propriedade rural localizada no Bairro do Espigão.

Trabalhador incansável, lá ele sentia-se a vontade e ocupava seu tempo com aquilo que queria fazer como podemos ver nas fotos anexas.

Essa nova jornada, labutando, durou quase três anos, de setembro de 2007 a maio de 2010.

Com a saúde debilitada, pois a doença avançou, sem chance de caminhar, seu prazer pelo sítio foi interrompido.

Recolheu-se durante quatro meses, sem poder locomover-se, contudo em 25 de setembro de 2010, nos deixou.

Memórias da guerra no limiar da vida

Benedito foi diagnosticado com doença de Alzheimer ainda na fase leve. Nesta fase, a dificuldade de memória se manifesta com dificuldade para guardar fatos recentes, enquanto que a memória remota de fatos e eventos do passado permanece intacta. Não se sabe se ele incutiu ou se manifestou aquilo que estava guardado em sua memória. Sobreveio a sua mente um sentimento de culpa. Foi a doença de Alzheimer? Não sabemos.

A verdade é que foi um período difícil e Benedito dizia:

— Será que eu matei alguém durante minha participação na guerra?

Quando falava sua fisionomia expressava o remorso que sentia, um arrependimento íntimo de culpa.

Mas, por quê? se ele não tinha certeza de ter tirado a vida de ninguém.

Era uma dúvida? Um trauma psicológico que veio à tona?

A reação do ex-combatente Benedito Nunes da Costa era de cortar o coração dos familiares que o acompanhou nos últimos anos. Tenteavam mostrar-se sereno e engolia o choro.

Para amenizar esses momentos conturbados em que ele estava dominado pelo sentimento de culpa diziam:

— Confie em Deus. Ele sabe que o senhor foi à guerra por convocação e não de livre e espontânea vontade. O senhor não tem culpa de nada.

O carinho, a paciência e a fé foram muito importantes.

O ex-combatente recebeu a unção dos enfermos ainda em casa, pelo Padre Lorival de Oliveira Pedro, Pároco da Paróquia Nossa Senhora das Estrelas. Recebeu também a comunhão pelos Ministros da Eucaristia Maria Alice, Vitalina e Lúcio. O estado de saúde do Benedito piorou e a perturbação, com o passar do tempo, cessou.

Vale lembrar que no subconsciente do ex-combatente Benedito Nunes da Costa esteve sempre prisioneiro os acontecimentos vividos por ele durante

sua participação no Teatro de Operações da Itália no período de 7 de dezembro de 1944 a 13 de setembro de 1945.

Ele nos deixou, mas, continua vivo em nossa lembrança.

Repouse em paz guerreiro.



1944



1953



1957



1961



1970



1979



1985



1985



1999



2002



2005



2008



2009

Fotos. *Benedito Nunes da Costa de 1944 a 2009*
Um Nome, uma Vida e uma Obra

A roupa registra o passado das gerações



(1) 27 de junho de 1925



(2) 27 de julho de 1946

(1) Casamento de Eugênio de Oliveira e Ernestina Barsotti, pais de Odila de Oliveira Costa, sogros do Benedito Nunes da Costa.

(2) Casamento do Benedito Nunes da Costa e Odila de Oliveira Costa, ela filha de Eugênio de Oliveira e Ernestina Barsotti de Oliveira.



(1) 11 de novembro de 1979



(2) 29 de outubro de 2011

(1) Casamento de João Batista da Costa e Maria Aparecida Stievano Costa, ele filho de Benedito Nunes da Costa e Odila de Oliveira Costa.

(2) Casamento de Rodrigo Stievano Costa e Thainara da Silva Pimentel, ele filho de João Batista da Costa e Maria Aparecida Stievano Costa, ele neto do Benedito Nunes da Costa e Odila de Oliveira Costa.



(1) 8 de novembro de 1980 (2) 6 de setembro de 2014

(1) Casamento de Josué de Camargo e Lucinda de Oliveira Costa Camargo, ela filha de Benedito Nunes da Costa e Odila de Oliveira Costa.

(2) Casamento de Caio Karabachian Cayres e Luciane Camargo Karabachian Cayres, ela filha de Josué de Camargo e Lucinda de Oliveira Costa Camargo, ela neta de Benedito Nunes da Costa e Odila de Oliveira Costa.

A família do Benedito Nunes da Costa



(1)

(1) Ao centro, Benedito Nunes da Costa e sua esposa Odila de Oliveira Costa, tendo da direita para a esquerda as filhas: Maria Nunes da Costa Menk e Regina Maria da Costa. Da esquerda para a direita os filhos: Ivone Nunes da Costa Poles, Lucinda de Oliveira Costa Camargo e João Batista da Costa. À extrema direita, o filho Joel Nunes da Costa.



(2)

Ao centro, Benedito Nunes da Costa e sua esposa Odila de Oliveira Costa, tendo da esquerda para a direita o genro: Angelo Miranda Poles, as noras Maria Aparecida Stievano Costa e Terezinha Flor da Costa. Da direita para à esquerda os genros: Antonio José Menk, Josué de Camargo e Marcos Vieira Costa.

Netos e Bisnetos de Benedito Nunes da Costa

Os netos de Benedito Nunes da Costa optaram por diferentes profissões conforme sua vocação e oportunidade.

Adriano, Licínio, Celina, Jaqueline e Jovane são os filhos do Joel Nunes da Costa. Frank, filho da Ivone Nunes da Costa Poles. Josiane, Luciane e Fernanda, filhas de Lucinda de Oliveira Costa Camargo. Marcos Junior e Dracy Esther são os filhos de Regina Maria da Costa; já Rodrigo é filho de João Batista da Costa.

Seu padrinho (avô) Benedito Nunes da Costa, porque ele gostava que todos os netos o chamassem de padrinho, muito apoiou os ideais de vida que os netos assumiram.

Boas lembranças de Benedito Nunes da Costa, que serviram de exemplo e orgulho a todos. A passagem dele em nossa vida foi e sempre e será digna de todo elogio.



Frank



Jaqueline e Jovane



Adriano



Rodrigo



Da esq. para a dir.: Marcos Junior, os avós Benedito e Odila e Dracy Esther



Celina



Da esq. para a dir.: Fernada, Luciane e Josiane



Licínio

Fotos. *Netos de Benedito Nunes da Costa: seu grande orgulho*



*Da esq. para a dir.: Benedito com os bisnetos
Bianca com Cristiano no colo e Luma*



Frente à mamãe Lenica, as bisnetas Jéssica (esquerda) e Janaina (direita)



*Juliana (esq.) e
Maria Eduarda (dir.)*



Adrielle



Felipe



*Lucas (esq.) e Mateus
(dir.)*

Fotos. *Bisnetos de Benedito Nunes da Costa: seu grande orgulho*

A última viagem de Benedito

A última ida do Benedito Nunes da Costa ao seu sítio, no Bairro do Espigão, aconteceu no dia 05 de maio de 2010, sítio denominado Sítio São Benedito.



Foto. Benedito em sua rede no sítio São Benedito

Antes ele visitou sua terra natal no Bairro da Chapada Grande. Foi à última visita nos dois lugares. O velocímetro do seu carro que ele havia comprado zero marcava 41.696 quilômetros.

Benedito faleceu aos 89 anos de idade

Acompanhamos os últimos anos, meses e dias do Benedito Nunes da Costa, lavrador, ex-combatente da Segunda Guerra Mundial, chefe e pai de família exemplar, honrado cidadão itapetiningano.

Quantas vezes o auxiliamos a caminhar com dificuldades protegendo-o, amparando-o para não cair.

As dificuldades físicas e provavelmente as dores, o peso da idade, não quebravam a vontade de viver.

Agradecemos a Deus pela nossa família e principalmente pelo nosso pai.

Nosso pai foi realmente um homem linha dura, mas, muito honesto, trabalhador, amoroso, e viveu sempre para nós, família.

Após uma vida carregada de boas realizações, de boas obras, de amor a Deus e serviço aos outros, Benedito Nunes da Costa migrou definitivamente deste mundo, para a eternidade, em 25 de setembro de 2010.

Prof. Dirceu Campos - AJORI - 440

O PRACINHA QUE FICOU NA SAUDADE

Amanhã, o primeiro ano sem o sr. Benedito Nunes da Costa, o Pracinha que venceu os inimigos nos campos de batalha, mas para nossa tristeza na fria noite de vinte e cinco de setembro de 2010, precisamente às 23 horas, tombou no leito de dor abalando o alicerce da sociedade. Dos cinco heróis de Itapetininga hoje restam apenas quatro para testemunhar os grandes feitos do último conflito mundial.

A vida do Pracinha Benedito foi marcada por trabalho, atos de coragem e bravura, pois, ainda muito cedo, iniciou a vida profissional no campo na plantação de cereais no Bairro da Chapada Grande, casando-se com a saudosa Odila Oliveira Costa. Já era lavrador quando foi servir à Pátria no 5º BC em Itapetininga, mas por ironia do destino em julho de 1944 era convocado para defender a Pátria em terras estanhas. Como soldado tinha o dever com a nação, lutar contra as forças do mal.

A família, os amigos em prantos pediam para que não fosse a guerra. Conselhos e mais conselhos não faltavam para que ele se tornasse um desertor. Mas o clamor da Pátria e sua consciência falavam mais alto. Agora o que mais importava era servir o Brasil nem que isto lhe custasse a vida. Para tristeza de seus entes queridos o Patriota seguiu para as terras de ninguém sem saber se voltaria a pisar no solo brasileiro. Esteve nos teatros de operações no período de 7-12-1944 a 11-11-45. nas ações militares, mesmo inexperiente participou da tomada do Monte Castelo, no dia 21 de fevereiro de 1945. Além disso com coragem enfrentou nos combates sangrentos a neve, fome, balas mortíferas dos inimigos



que deixavam pracinhas mutilados quando não ceifavam as preciosas vidas. Por tudo isso os nossos pracinhas passaram lutando heroicamente até que finalmente a guerra terminou com a vitória das Forças Aliadas. Os nossos heróis coberto de glória retornam à Pátria querida. O Pracinha Benedito Nunes da Costa feliz de ter o dever cumprido com a nação brasileira, entre festas e muitas alegrias volta para o seio familiar e dar continuidade ao trabalho na lavoura até os seus últimos dias de sua vida. Mas na trágica noite do dia 25 o nosso herói partiu para junto do Senhor isto após cumprir a sua sagrada missão na terra deixando os seus seis filhos enlutados, tristeza dos parentes, amigos e a própria sociedade.

Pracinha Benedito Nunes da Costa, onde quer que esteja, o seu exemplo está nas páginas da história que esta e futura geração perpetuem a sua experiência neste planeta Terra.

Fui feliz por um dia ter conhecido esse grande herói.

Benedito Nunes da Costa descanse em paz!

Artigo do Prof. Dirceu Campos (Folha de Itapetininga, 23/09/2011).

Partiu, porém, nos deixou os seus ensinamentos e principalmente o seu exemplo: os valores morais, éticos e religiosos. Agradecemos a Deus por ter tido a felicidade de ter esse pai tão especial. Nunca iremos esquecê-lo.

Descanse em paz papai. Nós te amamos. Você merece. Agora o que sentimos é saudade.

Homenagem póstuma no Dia da Vitória



Na manhã do dia 19 de julho de 2014, sábado, em sua sede, o Tiro de Guerra TG 02-076 de Itapetininga realizou a solenidade de reinauguração do monumento dedicado aos Ex-Combatentes Itapetininganos que estiveram em operações de combate na Itália durante a Segunda Guerra Mundial.

No evento, o presidente do Portal dos Ex-Combatentes de Itapetininga, o prof. Jefferson Biajone, concedeu o diploma comemorativo a autoridades e familiares de ex-combatentes. Comemoração esta dos 70 anos do embarque do 1º Escalão da F.E.B. para à Itália.

Para receber o diploma em nome de Benedito Nunes da Costa, seu filho, João Batista da Costa se apresenta e, representando a família, recebe a honraria das mãos de seu tio e também ex-combatente Victório Nalesso (foto acima).

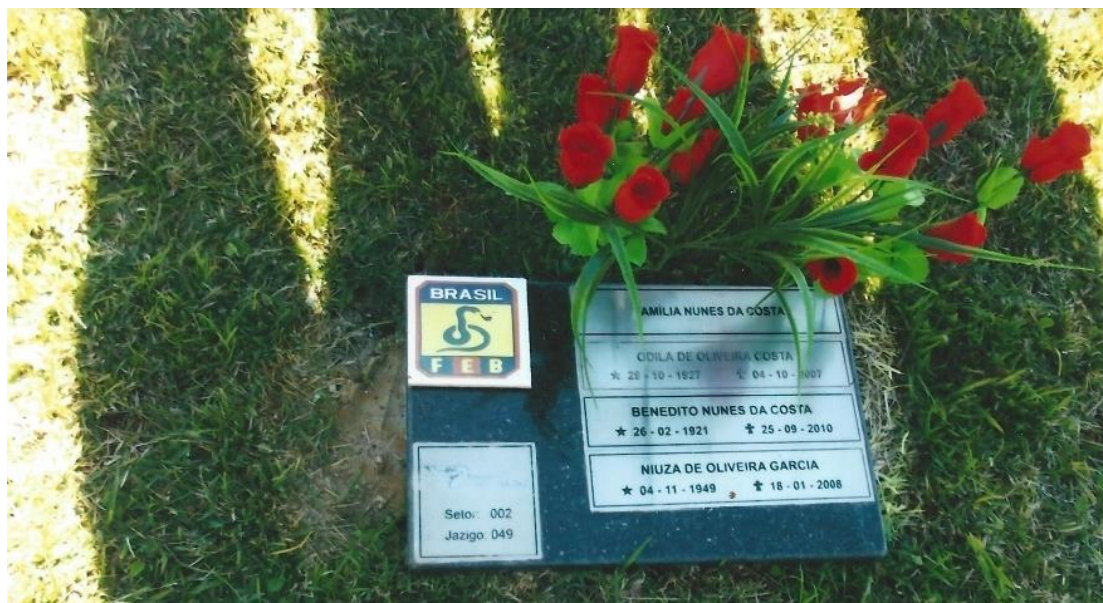


Foto. Benedito encontra-se sepultado no Setor 002 – Jazigo 049 do Cemitério Jardim Colina da Paz em Itapetininga/SP.

Em seguida, os familiares acompanhados do Sr. Victório Nalesso e do prof. Jefferson Biajone dirigiram-se ao Cemitério Jardim Colina da Paz em Itapetininga, onde afixaram na lápide de Benedito Nunes da Costa, placa contendo a imagem da cobra fumando, distintivo dos pracinhas da F.E.B. na Itália. O túmulo de Benedito Nunes da Costa está recoberto pela grama.

Só nos resta dizer: — Descanse em paz com o Bom Deus na Eternidade.

Homenagem póstuma a Benedito e Odila



Como tudo neste mundo é transitório, Benedito partiu para a vida eterna, deixando o sítio a seus filhos depois de 56 anos de trabalho, sacrifício e dedicação.

Como merecida homenagem a ele e a esposa Odila foi erigido um monumento em frente à casa construída em 1957. As letras “B” e “O” são as iniciais dos nomes de Benedito e Odila e a foto ovalada constante ao topo monumento é a seguinte:



Um tempo para cada coisa

À guisa de conclusão deste livro que retrata a trajetória de vida de Benedito Nunes da Costa, apresentamos os sábios e eternos dizeres de outro livro, o de Eclesiastes da Bíblia Sagrada, que no seu capítulo 3, versículos de 1 a 11, podemos ler:

Para tudo há um tempo, para cada coisa há um momento debaixo dos céus

*tempo para nascer, e tempo para morrer;
tempo para plantar, e tempo para arrancar
o que foi plantado; tempo para matar,
e tempo para sarar; tempo para demolir,
e tempo para construir; tempo para chorar,
e tempo para rir; tempo para gemer,
e tempo para dançar; tempo para atirar pedra,
e tempo para ajuntá-las; tempo para dar abraços,
e tempo para apartar-se.*



*Tempo para procurar, e tempo para perder;
tempo para guardar, e tempo para jogar fora;
tempo para rasgar, e tempo para costurar;
tempo para calar, e tempo para falar;
tempo para amar, e tempo para odiar;
tempo para a **guerra**, e tempo para a **paz***

Que proveito tira o trabalhador de sua obra? Eu vi o trabalho que Deus impôs aos homens: todas as coisas que Deus fez são boas, a seu tempo. Ele pôs, além disso, no seu coração, a duração inteira, sem que ninguém possa compreender a obra divina de um extremo ao outro.

Referências

CAMPOS, D., NOGUEIRA, E. J. V., MELLO, A. F. de O. e BIAJONE, J. **Itapetininga: Heróis, Feitos e Instituições**. Regional, Itapetininga/SP. 2012.

CASTRO, J. J. P. de: **Bíblia Sagrada**: Editora Ave Maria – São Paulo, 2018.

CAYRES, L. C. K., MENK, M. N. da C. **Lendas de Itapetininga**. Regional, Itapetininga/SP. 2002 e 2016.

COELHO GARCIA, E. **Educação Moral e Cívica 1º Grau, LISA - Livros Irradiantes S.A.** São Paulo/SP. 1972

COSTA, O. **Trinta Anos Depois da Volta: O Brasil na Segunda Guerra Mundial**. AGGS. Editora Expressão e Cultura. Rio de Janeiro/RJ. 1977.

DUARTE, C. de P. **Manual de Orações do Soldado Brasileiro**. Editora Vozes Ltda. Petrópolis/RJ. 1944.

NALESSO V., ARRUDA E MIRANDA, H. R. DE; SCUDELER, C; SCUDELER, R.C.G.: **Diário de um combatente: as recordações de um pracinha sobre a participação da FEB na Segunda Grande Guerra Mundial**. Regional. Itapetininga/SP. 2005.

PENTEADO, J.; MARTINS, F. B. **Enciclopédia Ilustrada em cores, volume XI – volume de atualização**. Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais S.A. São Paulo/SP. 1971

REVISTA O EXPEDICIONÁRIO. Editora Expedicionário Ltda.

SILVEIRA, J. **Correspondente de Guerra em trabalho realizado para a revista**. Enciclopédia Block, Rio de Janeiro/RJ. 1970.



MANTENDO ACESO O CACHIMBO DA VITÓRIA!

Autora

Maria Nunes da Costa Menk

Filha de Benedito Nunes da Costa e Odila de Oliveira Costa. Nasceu em Tatuí/SP, em 1949. Cresceu na cidade vizinha de Itapetininga/SP, onde vive.

Licenciada em Português, inglês, Pedagogia e Supervisão Escolar pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letra de Itapetininga estreou na literatura com a publicação do livro *Lendas de Itapetininga* (2002).

Alguns anos depois, escreveu os livros *Eleição Momento Sublime da Democracia* (2004) e *Lendas de Itapetininga e Região* (2014), em parceria com Luciane de Camargo, dando continuidade ao trabalho literário cultural que começou ainda como professora. Atuou durante vinte e cinco anos na Rede Municipal de Itapetininga e seis anos na Rede Estadual.

Colaboração

Maria Aparecida Stievano Costa

Nasceu em Boituva/SP, em 5 de setembro de 1956, onde cursou o antigo primário, ginásial e curso Normal, formando-se professora primária.

Mudou-se para Itapetininga onde cursou a Faculdade de Ciência Jurídicas pela Fundação Karnig Bazarian, Ciências e Matemática pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Itapetininga/SP e o curso de Supervisão Escolar em Botucatu/SP.

Concursada na Rede Estadual de Ensino, dos 30 anos que dedicou à Educação, foi designada ao trabalho da assessoria e também de Finanças na Diretoria Regional de Ensino de Itapetininga/SP.

Organização

Jefferson Biajone

Professor. Colaborador Emérito do Exército Brasileiro. Presidente da Comissão Organizadora de **Benedito Nunes da Costa: Um Nome, Uma Vida e Uma Obra** (Regional, 2018).



CAMPANHA FEB



DIA DA VITÓRIA



FORNOVO DI TARO



MONTESI



MONTE CASTELLO



EMBARQUE





Bicentenário
DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL